

# PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 10, Janeiro/Fevereiro, 2005

## Dom Quixote

*A leitura de Cascudo*

### Apodi

A cidade do "poema de pedras"

### Entrevista

Jornalista e escritor Nilson Patriota

### Jardim de Angicos

O exemplo de Alzira Soriano



# Um cantinho, um violão e um grande projeto cultural

P R O J E T O



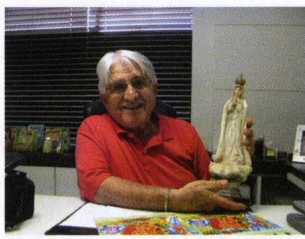
# seis e meia





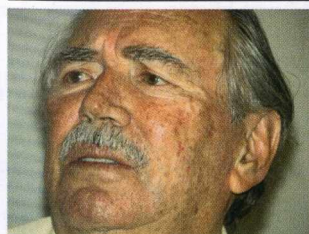
O artista plástico Ítalo Trindade diz que seu trabalho é motivado pela luz local e nada mais

De Leiria a Natal, a saga do português que é doido por forró, cachaça e mulher



O arcebispo emérito de Natal Dom Nivaldo Monte fala sobre sua paixão pelas plantas

Daniel Lins analisa o cangaço e comenta sua obra "Lampião - O homem que amava as mulheres"



Jornalista e escritor fala sobre os tempos áureos do rádio, livros, política e do seu amor por Touros

<b>Expediente/Cartas</b>	<b>4</b>
A palavra da casa	6
<b>FJA - 40 anos na cena cultural</b>	<b>7</b>
Ítalo Trindade - Um abstracionista concreto	8
<b>José Patrício - Um português de alma nordestina</b>	<b>12</b>
Governo inaugura mais duas Casas de Cultura Popular	16
<b>Verdade e não pessimismo</b>	<b>17</b>
O paraíso de Carol e Dino	18
<b>Ensaio Fotográfico - O coração do Rio Grande</b>	<b>20</b>
O sacerdote e as plantas	24
<b>Patrimônio histórico - Memória coletiva e identidade</b>	<b>28</b>
Dom Quixote - Clássico faz 400 anos	30
<b>Lampião - O homem que amava as mulheres</b>	<b>36</b>
Poesia Potiguar	39
<b>Maus</b>	<b>43</b>
O álbum	47
<b>A mulher que amava a poesia</b>	<b>51</b>
O Papa-figo	54
<b>Sete violetas mortas</b>	<b>58</b>
Apodi - A cidade do "poema de pedras"	61
<b>Entrevista - Nilson Patriota</b>	<b>71</b>
Jardim de Angicos - O exemplo de Alzira Soriano	81
<b>Livros - Lançamentos</b>	<b>88</b>
13 por 1	89
PS	90

**FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**

Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120

Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

**Governadora**

Wilma Maria de Faria

**Presidente**

François Silvestre de Alencar

**Diretor**

José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

**PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO**

**RIO GRANDE DO NORTE**

ISSN 1679-4176

ANO III Nº 10

JANEIRO/FEVEREIRO/2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**PERIODICIDADE**

BIMESTRAL

**EDITOR**

TÁCITO COSTA

tacitocosta@estadao.com.br

**EDITOR ASSISTENTE**

GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO

gporpino@hotmail.com

**ESTAGIÁRIO**

DAVID CLEMENTE

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

LUCIO MASAÁKI

infinitaimagem@bol.com.br

**ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO**

VIRGINIA HELENA LINS MAIA

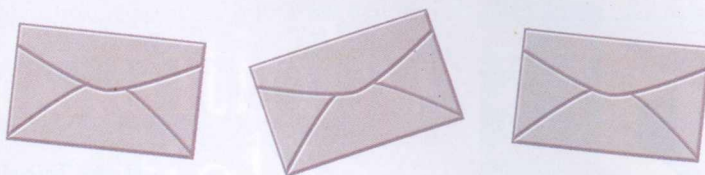
**REVISOR**

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

**CAPA**

OBRA DE NEWTON NAVARRO

FOTO: ANCHIETA XAVIER



# CARTAS

## Prezado Tácito

Recebi aqui em casa, generosamente remetida pelo Dr. Paulo Balá, a Preá 8. Excelentes as matérias sobre Jaeci e Erasmo Xavier. Por favor, me bote aí entre os destinatários dos números futuros, e, se possível, me mande alguns dos anteriores, pelo que lhe fico, desde já, muito agradecido. Parabéns e toque o pau, que o diapasão é esse aí.

*Virgílio Maia*

Poeta (Fortaleza-CE)

\*\*\*\*\*

## Sr. editor

Recebi a excelente Preá 8, que ainda não conhecia, e agradeço muitíssimo a gentileza. A revista é muito bem feita, os artigos ótimos, toda a equipe está de parabéns. Se for possível receber a publicação sempre que for editada, será de grande valia para mim.

*Joaquim de Assis*

Conselheiro Lafaiete-MG

\*\*\*\*\*

## Tácito

Por ocasião do Segundo Festival Recifense de Literatura, do qual vocês fizeram parte, entrei em contato com uma das melhores revistas com teor cultural do Brasil: Preá. E a melhor por vários motivos: plasticamente bonita, papel bom, conteúdo excelente e 'gratuita'.

*Solano Ferraz*

Jaboatão dos Guararapes-PE

## Sr. editor

Sou norte-rio-grandense, nascido em Acari, morei em São Paulo e resido há 30 anos em Fortaleza. Passando por Natal, recebi de parentes uma Preá. Fiquei encantado com a excelente qualidade, impressão, edição e objetivo da revista. A reportagem sobre Acari me deixou maravilhado. Na foto antiga, que reúne senhores da sociedade acariense, um deles era o meu pai. Gostaria de saber como receber religiosamente a nossa Preá, para, quem sabe assim, poder, através dela, sentir nossa terra bem junto de mim.

*José Orígenes Dantas Ramalho*

Fortaleza-CE

\*\*\*\*\*

## Saudações amigos

Conheço a Preá há um certo tempo, e nos dias atuais, não encontrei melhor forma de prestigiar nossa cultura. E isso é muito importante. Tenho apenas uma dúvida: como eu consigo obter a assinatura da referida revista, para mim e para o Museu Histórico de Acari?

Sou guia de turismo e amigo do Museu. Agradeceria bastante se nós conseguíssemos a assinatura desse tão importante veículo da cultura potiguar.

*Túlio Cortês*

Acari-RN



### Sr. editor

Expressões feitas soam como tautologias, mas “fechar com chave de ouro” é a expressão que melhor define a trajetória da PREÁ em 2004. Sem tirar o mérito das outras edições, esta nº 9 é, sem dúvida, a que consolida definitivamente a revista. Tudo nela parece “inspirado”, da Palavra da Casa, de François ao seu PS.

*José Wilson Azevedo*  
Escritor (Natal-RN)

\*\*\*\*\*

### Caro Gustavo

Como não tinha exemplares da revista pra enviar para todo mundo, escaneei algumas matérias e as coloquei no Blog lá de São José do Seridó: [www.saojosedoserido.zip.net](http://www.saojosedoserido.zip.net) Comuniquei a todo mundo que eu conheço para acessar. Quem acessou me ligou e disse que não vai perder um só exemplar da Preá. Como dizia o poeta “Um povo sem cultura cospe na escultura”, eu também penso assim.

*Francisco Touché*  
São José do Seridó-RN

\*\*\*\*\*

### Sr. editor

Venho por meio deste enfatizar o grande trabalho prestado pela revista Preá, que significa, não só mais um trabalho jornalístico, mas a valorização de nossas raízes, a começar pelo próprio nome e que se estende pelas magistrais reportagens publicadas. Através deste tipo de jornalismo deixaremos de morder a isca e morrermos pela boca. Prossigam nesse trabalho, a cultura universal agradece.

*Rudimar Radatz*  
Professor (Santana do Matos-RN)

### Sr. editor

Lamentavelmente, somente hoje tomei conhecimento da Preá, já em sua 8ª edição. Considerando-me “fanático” pela nossa terra, seus costumes, tradições e instituições, vejo com alegria essa iniciativa e gostaria de parabenizá-lo pela condução desse importante veículo disseminador de nossa cultura. Desejando contínuo sucesso, subscrevo-me atenciosamente.

*Heriberto de Sousa Gomes*  
Médico (Natal-RN)

\*\*\*\*\*

### Sr. editor

Quero cumprimentar a todos pelo excelente trabalho realizado através da Preá. Sou professora, leciono as disciplinas “Cultura do RN” e “Economia do RN” e fiquei muito interessada pela revista. Gostaria que as matérias da Preá chegassem até os meus alunos, pois as considero de grande importância para o aprendizado deles, e também para meu deleite e prazer de conhecer sempre mais e melhor o nosso Estado.

*Wilca Anacleto*  
Pau dos Ferros-RN

\*\*\*\*\*

### Sr. editor

Sou aluno da UFRN e estou concluindo o curso de História. Sabia da existência da revista, mas não a conhecia. Um colega que a recebe estava tecendo um comentário sobre a mesma e me mostrou o seu conteúdo. Agradeço muito se conseguir uma assinatura. Gostaria muito que a biblioteca do meu colégio também recebesse para facilitar pesquisas, pois tem muitos textos importantes sobre a cultura do Rio Grande do Norte.

*Joaldo*  
Professor (São José do Seridó-RN)

### Amigo Tácito Costa

A Preá nos surpreende a cada edição. Está cada vez mais consistente, consciente de seu papel na vida e na cultura do povo do RN. Temos visto o amor e a dedicação que dispensam, todos vocês, à revista. É tempo também de dizer da minha felicidade em ter participado do Poesia Potiguar. Lisonjeado, e sabendo que nossa cooperação servirá para o crescimento intelectual e o encorajamento também de outros jovens escritores, fica então o abraço, a amizade e a leitura, sempre fiel, das páginas necessárias da Preá.

*Mário Gerson*  
Poeta (Mossoró-RN)

\*\*\*\*\*

### Sr. editor

Sou aluna do curso de Letras da UFRN/ Campus de Currais Novos e estou iniciando uma pesquisa no campo da literatura e cultura popular. Em meio às minhas pesquisas tomei conhecimento da revista e fiquei encantada com a qualidade do trabalho desenvolvido por vocês. Por isso, solicito um exemplar de cada edição já publicada para que esta faça parte do acervo bibliográfico da base de pesquisa da qual faço parte, e assim mais pessoas possam vir a conhecê-la.

*Ananília Meire E. Silva*  
Estudante (Currais Novos-RN)

\*\*\*\*\*

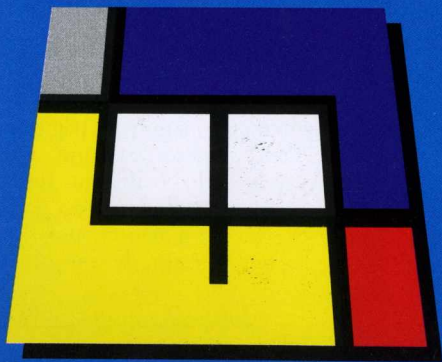
### Sr. editor

Li recentemente algumas páginas da revista Preá e gostei bastante. Quero parabenizá-lo pelo belíssimo trabalho que vocês fazem e de antemão gostaria muito de receber a revista, pois a que li não era minha e sim de um professor meu.

*Jourlândia Avelino de Araújo*  
Estudante (Sítio Flechas – José da Penha-RN)

F U N D A Ç Ã O

# JOSÉ AUGUSTO



## A palavra da casa

François Silvestre

**N**o “Dicionário da Corte”, Paulo Francis diz que toda geração tem um código. Mas faltou dizer que, além do código, toda geração precisa de uma causa. A citação de Cazusa sobre a necessidade de uma ideologia para viver, atende os limites da saúde individual. Enquanto a “causa”, para a geração, alcança a saúde social e política do conjunto humano.

Nossa geração, cuja juventude e início de maturidade, ocorre nos anos 60 e 70, foi presenteadada com uma graça e uma desgraça. A desgraça era o regime militar, cuja repressão estúpida e coturnal quase mata a nação. A graça foi a causa da liberdade e da democracia. Em matéria de “causa”, não poderia haver uma mais bela e legítima. A cada escuro imposto, uma chama se rebelava. Como a chama da lamparina exposta ao vento. Quase morre deitada no pavio, depois tremula e ergue-se. Como costuma erguer-se todo gesto que a liberdade cobra.

A geração de hoje também tem uma causa. Só que ainda não percebeu a grandeza dela. A causa de hoje é a luta da identidade cultural. Esse monstro, aparentemente inofensivo da globalização, nivelando as “culturas” dos povos e desfibrando a cultura popular, é um inimigo das liberdades públicas. Não é livre quem se obriga a esquecer sua origem e passa a cultivar os costumes e gostos de outras gentes. Conhecê-los não faz mal, mas adotá-los como se seus fossem, é um transplante de caráter.

A perda da identidade cultural é o primeiro passo para a perda da autonomia de gerência das decisões políticas e depois do próprio território.

Nós não temos armas nem força para defender a Amazônia. Nem o Pantanal. Nem o Nordeste. Nossa única arma é a identidade cultural. Aí sim, preservada, sobreviverá nossa estima coletiva. E quem tem identidade, estima e consciência do valor de sua origem, poderá ser destruído, mas não será dominado.

Taí a primeira Preá do ano. Cada vez mais bela. Cada vez mais nossa. E por ser daqui, cada vez mais universal. ■

Um dia inteiro de atividades culturais, lançamento do livro “Fundação José Augusto – 40 anos” e inauguração de dois novos espaços para as artes plásticas, em dezembro, marcaram a passagem dos 40 anos da Fundação José Augusto, instituição que promove a política cultural do Governo do Estado.

A solenidade contou com a participação da governadora Wilma de Faria, do presidente da FJA, François Silvestre, ex-presidentes da instituição, artistas, intelectuais, funcionários e autoridades. Foram inaugurados a Galeria de Arte Newton Navarro e o Espaço Cultural Odilon Ribeiro Coutinho. Os dois espaços serão colocados à disposição dos artistas plásticos.

Na oportunidade, foi aberta na Galeria uma mostra com trabalhos de Dorian Gray Caldas e Newton Navarro, dois dos mais importantes artistas plásticos do Rio Grande do Norte e considerados os introdutores do modernismo nas artes plásticas potiguaras. E no Espaço Odilon Ribeiro Coutinho foi aberta uma exposição coletiva de artistas plásticos locais.

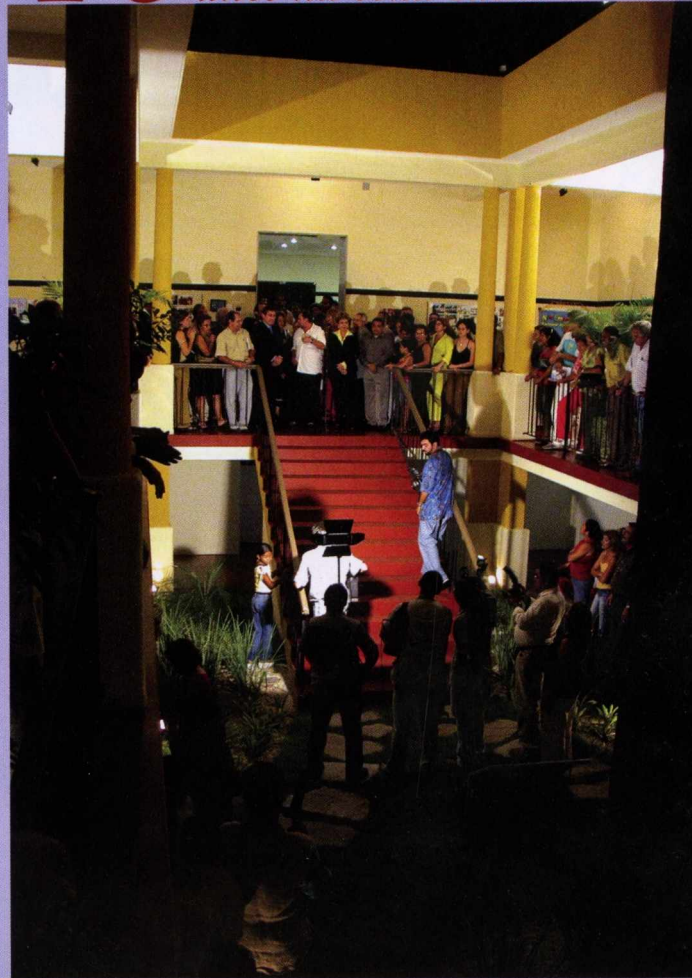
O livro “Fundação José Augusto – 40 Anos (1963-2003)” foi elaborado pelo Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, da Fundação José Augusto. Afora um completo inventário dos órgãos que a integram – a integraram, pois vários foram extintos ou reciclados – e dos seus objetivos, estão descritas as atividades que melhor os personalizaram no curso de décadas. Há ainda, listas compreendendo todos os projetos produzidos pela instituição, por área de intervenção, e todos os livros publicados.

“Outros aspectos importantes desta pesquisa são os depoimentos de vários ex-presidentes, inclusive fazendo prognósticos sobre o futuro da Fundação, e de alguns ex-funcionários”, explica o coordenador da pesquisa, Tarcísio Rosas. Completam o estudo notas biográficas de todos os 32 patronos e madrinhas de teatros, bibliotecas, museus, memoriais, casas de cultura popular e prêmios literários, a começar pelo patrono da Fundação, José Augusto Bezerra de Medeiros, e um glossário com três centenas de termos.

Contextualizando a criação do órgão, bem como alguns momentos do seu desenvolvimento, há informações paralelas sobre outros temas, tais como características sócio-culturais de Natal na década de 50 e espaços culturais tradicionais da época, início dos cursos universitários no Estado, Associação dos Professores e Assembléia Legislativa, e 143 ilustrações envolvendo praças, prédios, pessoas e eventos direta e/ou indiretamente vinculados à evolução histórica da Fundação. ■

# Fundação José Augusto

## 40 anos na cena cultural



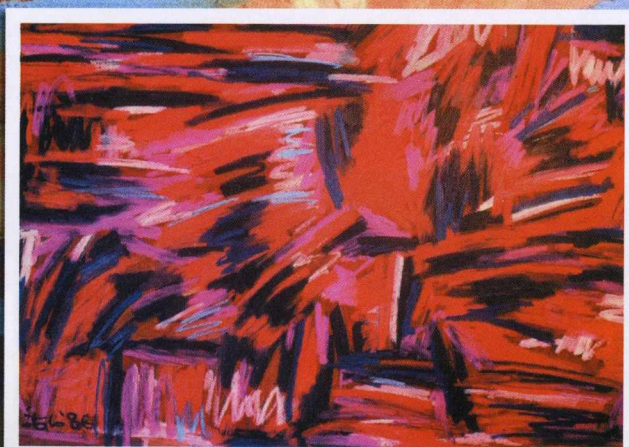
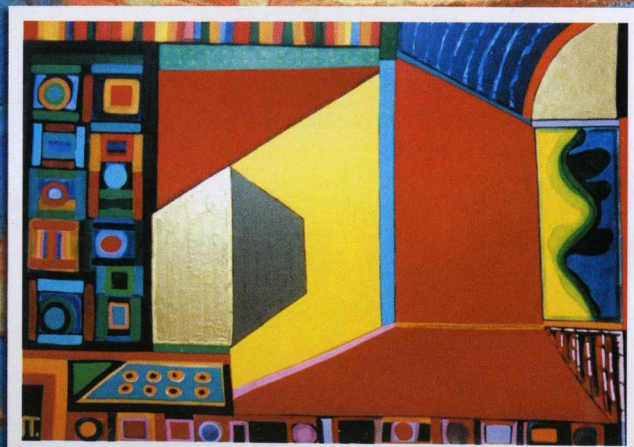
Fotos: Anchieta Xavier



Governadora Wilma de Faria e o presidente da FJA, François Silvestre, participaram da homenagem na sede da instituição cultural

# Ítalo Trindade

*um  
abstracionista  
concreto*





## Por Anchieta Fernandes (Escritor)

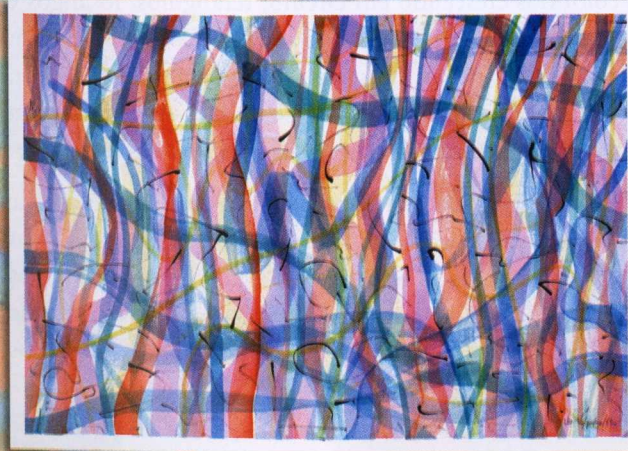
Fotos: Areta Luna e acervo do entrevistado

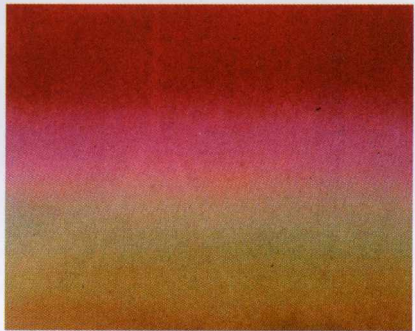
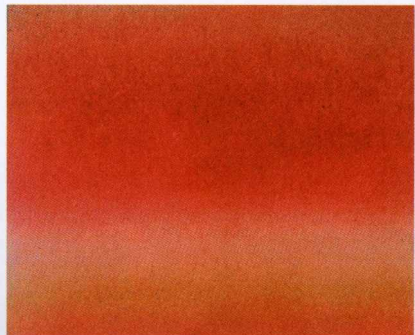
“**D**e certa maneira, se pode dizer que o abstrato está nos dois pólos do trabalho de representação da realidade. É abstrato o que apenas se balbucia, aquilo a que não se chega a dar forma, e é abstrato o que se elabora ao infinito, aquilo que se chega a elaborar tão absolutamente que a realidade que podia conter se faz transparente e desaparece.” – Estes conceitos, colocados por João Cabral de Melo Neto em seu ensaio de análise da obra do pintor Joan Miró, poderiam também definir o trabalho do artista plástico natalense Ítalo Trindade.

Entrando em seu atelier, na casa onde mora com o pai (o agrônomo e ex-avalista do Banco do Brasil, Lauro Bezerra da Trindade, 88 anos), na rua Miguel Barra 792, em Natal, sente-se o impacto da visualidade, as cores saltando de dentro dos potes de tinta e nos abraçando com uma alegria que o artista não procura no momento de criar.

Mas Ítalo foi tocado pela sensibilidade estética desde criança, desenhando pássaros, mas já pesquisando os efeitos das cores. A mãe o estimulou, já que era bordadeira, e, “ao fazer compras com minha mãe nas lojas de tecido da avenida Rio Branco, o meu olhar juvenil evoluiu através da intimidade com ela. Contemplando estes tecidos, as cores foram se formando e criando a minha memória da cor. Minha mãe achava lindas as minhas aquarelas, via-as como estampas especiais para tecidos.”

Sua arte foi se aperfeiçoando, e seu estudo ginásial na antiga Escola Industrial (depois ETRN, e hoje CEFET), juntamente com as lições de amiga da poetisa Myriam Coeli, contribuíram com sua definição de um rumo a seguir na arte. Aos 19 anos, em 1973, ganhou o primeiro prêmio de pintura, do salão dos novos artistas do Rio Grande do Norte. Uma promoção da Fundação José Augusto. Daí, foi a evolução. Um estilo se criando e amadurecendo. Foram vindo as setorializações temáticas: “Valores Pessoais”, “Visões Secretas” (1977/1985), quando, segundo palavras do próprio artista em seu portfólio, através da observação de objetos e detalhes de folhas, flores, pedras e outros elementos da natureza, trabalhou à luz local, construindo imagens com bastante teor contemplativo e meditativo: “fusão de um micro e um macro universos, interior e exterior. Surge daí meu interesse pela abstração, que não considero tão distante da figuração.”





Conjuntamente com as “Visões Secretas”, ele trabalhou os “Spectocromos”, inspirado pelos quatro elementos, pela policromia do espectro, pela matéria cor que procura compreender e transforma. Fazendo uma viagem em 1979, visitou museus e galerias adquirindo novos conhecimentos de arte. Por aquela época resolveu deixar o curso de arquitetura (UFRN) para se dedicar exclusivamente ao seu processo de criação.

Em 1983, desenvolveu trabalho sobre o título de ritmos, caligrafia do inexacto, que lembram pictografias primitivas, e que inauguraram sua primeira exposição individual, apresentada na galeria da Biblioteca Câmara Cascudo.

Atualmente, Ítalo Trindade desenvolve sua pesquisa usando tinta acrílica e pigmento sobre tela, constrói a cor fora e sobre o suporte da tela. São camadas com densidades diferentes, superpostas: brilho e opacidade, transparência e materialidade, aprisionadas por linhas de cores em formas simples, em padrões. À diferença da arte de Mondrian, a arte de Ítalo não trabalha com cores puras preenchendo divisões geométricas, dentro de módulos demarcados por linhas e barras horizontais e verticais, e sim com camadas de cores superpostas e interferindo-se mutuamente.

A todo instante, nesta obra, lembramos de alguma coisa, mas o estilo deste artista segue rumo próprio. Existem quadros caminhando para a estrutura do mural, mas que não são murais. Existem seqüências-quadrinhos, mas que não plenificam dentro do objetivo narrativo de histórias em quadrinhos.

Cada quadro é uma peça de um dominó aleatório/pictórico, absorvendo com o seu interior quadrados e quadrinhos, pontos coloridos crescendo em círculo, retângulos, losangos e triângulos (alguns superpondo-se entre si). São etapas de um todo planejado, até ser atingida a coagulação de cada cor, em sua descontinuidade contínua (como estes efeitos ficariam maravilhosos se postos num curta-metragem de animação...).

É assim, Ítalo Trindade um inventor. Um transformador de novos mundos pictóricos que assina coincidentemente com abreviatura IT, que pode remeter aos ETs que aparecem nos nossos sonhos infantis com todo o deslumbramento que qualquer criança tem pelas cores (afinal de contas, elementos concretos).



## Na entrevista a seguir, Ítalo fala sobre a criação artística

**Anchieta Fernandes** – Você começa um trabalho pelo traçado da forma ou vai logo escolhendo cores?

**Ítalo Trindade** – É relativo, às vezes começo com a própria cor, às vezes com o traçado da forma, ou seja, com a linha. Trabalho com superposições de camadas e as cores são feitas tanto fora como no próprio suporte. O desenho já é pintura, não separo uma coisa da outra, tudo vem junto. O meu processo é serial, cada pintura tem o seu próprio tempo, mesmo o acaso tem o seu tempo para reflexão e só assim é admitido. Também trabalho com sensações, tento harmonizá-las, defini-las, condensá-las, retocá-las até poder reconhecê-las como uma representação do meu espírito.

**Anchieta Fernandes** – Você exerce sua arte para descrever um assunto, um objeto, um desabafo psicológico ou apenas pelo prazer?

**Ítalo Trindade** – Parti do desenho de observação dos objetos, descrevi e os traduzi sobre uma forma meditativa (Valores Pessoais, Visões Secretas).

Hoje procuro compreender a matéria cor, matéria esta que transformo intuitivamente. Sou um colorista, nasci com este dom. Uso o meu instinto como medida para ordenar o caos da minha criação. “Um quadro é uma lenta elaboração” (Henri Matisse).

**Anchieta Fernandes** – Com qual movimento estético do século passado você mais se identifica?

**Ítalo Trindade** – Tenho identificação com movimentos, artistas e obras de arte. Não evito as influências, não seria sincero com relação a mim próprio. Vivi a minha primeira epifania com o Impressionismo. Aos 12 anos já reproduzia estes artistas, tudo muito amador. Acredito que a personalidade do artista se desenvolve quando confronta outras personalidades e evolui até o fim. Temos que adquirir e abandonar muitas coisas, mais do que perder.

**Anchieta Fernandes** – A província (no caso o RN) é ambiente propício à atividade do artista plástico?

**Ítalo Trindade** – O que importa para a pintura é a luz local. Sou motivado pela luz local e nada mais. Quando vivia no Rio de Janeiro, as minhas pequenas pinturas eram chamadas Cariocas, aqui são chamadas Potigües, referindo-se à luz local. O tempo do artista é o tempo da obra, não importa se este artista vive ou não na província. A Arte é universal e se refere à própria Arte.

**Anchieta Fernandes** – O computador ajuda ou atrapalha o artista contemporâneo?

**Ítalo Trindade** – O computador veio parasomar, assim como a tinta acrílica, etc. Tudo é válido, pois lidamos com transformações. A Estética atual é contra a interpretação. Preocupa-se com o procedimento e também, como ou se funciona a obra de arte. A obra está livre de significados e conteúdos, mas o artista precisa espiritualizar-se, compreender sua matéria, transformá-la. ■

## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

A história de vida do empresário José Patrício Francisco, 67 anos, um português apaixonado pelo Nordeste brasileiro desde sua chegada em 1961, rende um livro. Resumir em poucas páginas os relatos emocionados de sua infância, as passagens pitorescas da chegada ao Brasil e as lições de quem venceu na vida por méritos próprios não é tarefa das mais fáceis. A saga do menino que fabricava seus próprios tamancos e decidiu vir sozinho tentar a sorte no Brasil começa em Várzeas, região agrícola no distrito de Leiria. Emocionado, Patrício lembra da infância vivida com os pais Manoel Francisco “do Moinho” e Tereza de Jesus Patrício. “Era uma família muito humilde de haveres, mas rica em sabedoria”. Da mãe, guarda a lembrança dos ensinamentos nas horas das refeições. “Olhava assim para todos nós na mesa, quando não havia nem lugar para todos, e dizia – eu quero ver vocês num caixão a caminho do cemitério, mas não quero ouvir falar que vocês foram desonestos”.

O mais velho de dez irmãos só teve o primeiro par de sapatos aos 13 anos. Aos 7 anos, já trabalhava no roçado. Costumava andar descalço ajudando o pai na lavoura de milho e trigo. Vez por outra, fabricava os próprios tamancos de madeira. As dificuldades enfrentadas serviam para Patrício, desde cedo, valorizar o trabalho e a perseverança. “Pegava uma tábua, botava o pé em cima, riscava, cortava com uma serra e botava uma correiazinha para usar”.

Sincero, Patrício não esconde que chegou a passar fome e frio, mas nem por isso desanimou. “Gostava de mexer com tudo e todos, estava sempre traquinando”. Os anos passavam e Patrício amadurecia a idéia de ir morar fora. Chegou a servir o exército em Portugal e trabalhou numa fábrica que exportava limas de ferro

para o Brasil, em Vieira, época em que aprendeu mais sobre a terra que iria lhe acolher em breve.

“Os portugueses imigravam muito naquele tempo”, lembra. “Muitos iam para a França, Luxemburgo ou Suíça”. Patrício trabalhou ainda numa fábrica de plásticos antes de conseguir contato com a Neto Brandão e Companhia, Nebran, uma antiga fábrica de massas em Fortaleza. A Nebran, administrada por portugueses, enviou uma carta de aceitação, documento imprescindível para os que desejavam vir morar no Brasil.

Começa, então, naquele abril de 1961, a trajetória vitoriosa de José Patrício

no Nordeste. “Cheguei só com uma maletazinha na mão, mas com uma vontade enorme de vencer. De chegar em Portugal e dizer – venci!”. Para chegar até aqui, recorda, foram necessários 14 dias a bordo do Vera Cruz. A travessia do oceano Atlântico incluía paradas técnicas na Ilha da Madeira e em Açores, antes de descer até o porto do Rio de Janeiro. Depois, o navio seguia para Salvador e Recife.

O desembarque no Recife foi marcado pela ansiedade da chegada. Patrício, que nunca havia andado de avião, aguardava para o dia seguinte o vôo da extinta Pan Air até Fortaleza, cidade sede da Nebran. Bastou uma noite em solo brasileiro para



# JOSÉ PATRÍCIO

## *Um português de alma nordestina*

## “O do meio sou eu”

O empresário português coleciona muitas histórias da época em que percorria Fortaleza com sua lambreta para abastecer pontos comerciais com os produtos da M. Dias Branco. Bom contador de piadas, Patrício conserva até hoje o hábito da traquinagem. Faz piadas dos próprios casos que viveu e não perde a oportunidade de fazer os amigos soltarem uma risada.

Certa vez, chovia muito enquanto dirigia sua lambreta com caçamba. A caçamba abarrotada de pães e Patrício sem saber o que fazer. Quando parou para fazer a primeira entrega, notou que não havia fechado bem o compartimento traseiro. “Os pães navegavam na água. Perdi tudo, paguei do próprio bolso o prejuízo, mas nunca mais esqueci”.

Outro dia, viajando para Sobral, parou na estrada para tirar uma foto ao lado dos jumentos na beira da estrada. Escreveu no verso “o do meio sou eu” e enviou para a mãe em Portugal. Brincalhão, ri das próprias histórias e não nega o hábito de contar piadas com portugueses. “Piada só é ruim quando tem a intenção de menosprezar”.

Apegado à cultura nordestina, Patrício diz cultivar os mesmos hábitos dos potiguares. “Se tivesse nascido no Nordeste, não era tão brasileiro quanto sou. Adoro forró, cachaça e mulher”. E vai além, dizendo que os amigos sempre enviam textos de humor para acrescentar no seu repertório de piadas.

“Como gosto muito, mandam muita putaria para mim”, diz, enquanto pega uma folha com o “Cordel da Velhice” e começa a ler os versos. “...quando se chega aos sessenta / tudo no mundo embaraça / se é cristão, vai pra missa / se é ateu, vai pra cachaça / pega a mulher, vai pra cama / apalpa, beija e abraça / por aí só faz duas coisas / solta peido e acha graça...”



o recém-chegado entender o porquê das piadas com portugueses.

“Me colocaram num quarto de pensão e tinha muitas muriçocas, que em Portugal chamávamos de melbas”, lembra. “Não tinha cama e a senhora não entendia bem o que eu dizia”, acrescenta. Após perguntar onde iria dormir, Patrício recebeu uma rede da dona da pensão e os votos de uma boa noite. Agoniado com as muriçocas (que insistia em chamar de melbas!), entrou no quarto, pendurou a rede e colocou a mala dentro. “Não sabia que aquilo era para dormir, passei a noite esperando a cama”.

Ainda em 1961, passou a trabalhar para o Moinho Dias Branco, e no mês de novembro casou. A ex-esposa Maria Vilma, hoje diretora financeira da M. Dias Branco, trabalhava no departamento de pessoal da Nebran. “Me apaixonei por ela, começamos um namoro e daí veio o casamento e os quatro filhos (Eduardo, Emília, Ana Cristina e Tânia)”. Irrequieto, Patrício aceitou o desafio de trocar o emprego na Nebran para gerenciar a produção da M. Dias Branco. Mesmo ganhando o suficiente para um jovem de 24 anos que começava a vida, preferiu deixar o cargo no moinho depois de dois anos. “Não queria salário, fui ser vendedor”.

## Da bicicleta ao avião

Foram 12 anos morando na capital cearense até decidir fixar residência em Mossoró para ser representante comercial da M. Dias Branco no Oeste potiguar. “Achei que meu espaço era pequeno. Sempre fui um dos melhores vendedores, mas procurei uma cidade para me estabelecer. Conheci Mossoró e achei que era uma grande praça. E era mesmo”, conta.

Patrício não esconde de ninguém o carinho por Mossoró, mas também não deixa de fazer graça com os mossoroenses. “Quero muito bem a Mossoró. Conto piadas com mossoroenses, e até com os portugueses, mas com Mossoró não. É uma cidade boa para trabalhar e tem um povo respeitador e amigo”.

Vivendo em Mossoró de 1970 a 1992, colecionou muitas amizades e investiu na cidade. “Comecei no centro, na praça do Codó, onde é hoje as lojas Esplanada. Depois aluguei um prédio na praça Ulrich Graff, até construir um prédio na BR”. O negócio continuou a crescer até Patrício resolver apostar no próprio empreendimento. Antes disso, já havia aberto a Álíbi, casa de shows em Mossoró, e também uma pizzaria.

A Distribuidora Internacional de Alimentos, DIA, surge já em Natal, quando Patrício diz ter tomado a decisão de entregar a administração dos negócios ao filho Eduardo. “Hoje estamos no país todo com os produtos Nutriday. Outro dia, em prantos mesmo, disse ao meu filho que esta fábrica seria conhecida internacionalmente. Daqui a alguns anos, quero ver netos e bisnetos trabalhando”.

O empresário recorda que, aos 14 anos, comprou uma bicicleta com o dinheiro que ganhou trabalhando em Portugal. Era o primeiro sonho que realizava. Depois, já morando no Brasil, veio a lambreta com caçamba. “Puxava mais a lambreta do que ela me puxava”. Em 1973, comprou uma Rural Willys, ano 1958, para entregar mais gêneros alimentícios. “Pegava biscoito, bolachas e macarrão e saía vendendo nas mercearias”. Alguns anos depois, adquiriu uma Kombi e um fusquinha para a mulher. Bem de vida e realizado, José Patrício já teve até dois pequenos aviões. O King Air, já aposentado, continua na sede da empresa. “Também piloto”.

## Fados a qualquer hora

José Patrício ainda mantém vínculos com sua terra natal. Viaja a Portugal vez por outra para visitar os familiares que tem por lá e gosta de ouvir os famosos fadistas portugueses. Adepto de novas tecnologias, não perde a chance de selecionar as músicas preferidas para o seu iPod, aparelho com capacidade de armazenar milhares de músicas em formato digital.

A versatilidade do iPod permite que Patrício escute os fados no lugar que achar conveniente. Costuma ligar o aparelho portátil no som do carro ou leva para tocar em qualquer outro sistema de som. “Vou gravar os LPs e passar todos os fados para o iPod. Dá para colocar até quatro mil músicas”.

Como todo bom português, admira Amália Rodrigues. “Tenho até um DVD com a vida dela”, diz. Patrício elogia também os fados de Carlos do Carmo, Roberto Leal, Francisco José e “a fora-de-série Dulce Pontes”. “Deviam divulgar mais no Brasil”, salienta.

O tempo em que esteve à frente da Álíbi possibilitou ainda o contato com vários estilos musicais. O cantor Moraes Moreira, convidado algumas vezes para fazer shows na casa de Tibau, terminou homenageando Patrício na música “São João na estrada”, uma composição do CD “Bahião com H” que menciona “o forró do seu Patrício”.



## Uma lição de fé

Quando morava no distrito de Leiria, próximo a Fátima, José Patrício costumava ouvir as histórias das graças alcançadas pelos peregrinos. Mas, talvez por nunca ter precisado, não costumava dar muita atenção. A mãe Tereza de Jesus, devota de Nossa Senhora desde aquele tempo, incentivou o filho a seguir o mesmo caminho.



Depois de ter passado pelas dificuldades da infância, já casado e empregado, José Patrício se viu diante do maior problema da sua vida. A filha Emília teve meningite com três anos de idade. A doença avançou e chegou a paralisar o braço e a perna da criança. Preocupado com o estado da filha, procurou ajuda médica, mas ouviu do especialista que a chance da filha sobreviver era remota. “O médico disse que uma em mil escapava. E ficariam seqüelas”.

Desesperado, Patrício lembra ter sentado embaixo de uma mangueira e escrito uma carta para a mãe. “Eu pedi para ela ir até Fátima”, diz, com a voz pausada. Alguns meses depois, Patrício recebia a mesma carta de volta com um bilhete da mãe. “Ela devolveu dizendo que quando eu recebesse de volta, minha filha estaria curada”.

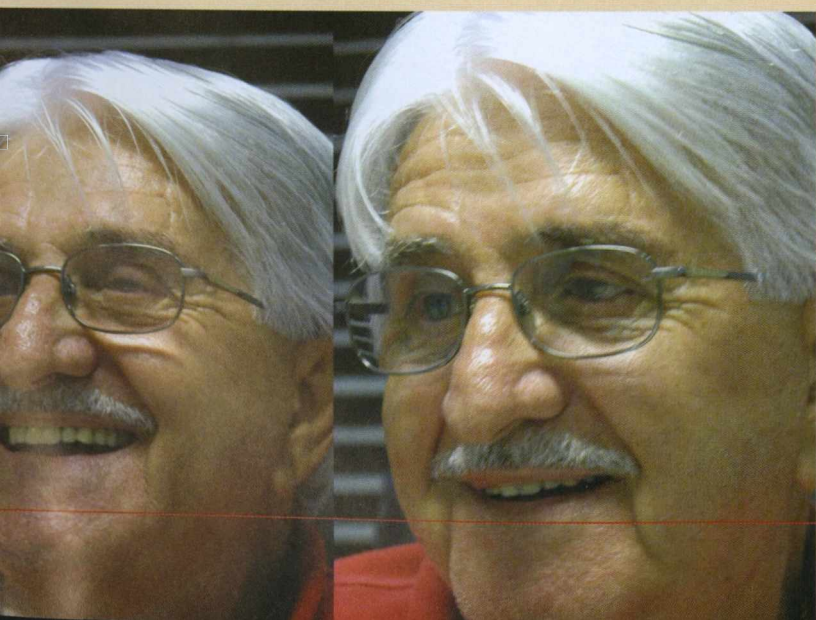
A cura da filha, enfatiza sem conseguir conter a emoção, deixou a lição de que “é possível fazer muita coisa se tiver fé”. Nossa Senhora de Fátima está presente, desde então, na vida de José Patrício. Duas imagens da santa podem ser vistas no seu escritório. “Em casa tenho uma maior e iluminada, e no carro também”.

## Ajudando quem precisa

Quem conhece bem José Patrício, sabe que ele nunca negou ajuda aos necessitados, mas prefere não divulgar os atos de bondade. Durante 13 anos, manteve em Mossoró a Fundação Patrício, entidade que beneficiava 186 crianças carentes com alimentação e educação em tempo integral. “Uma dor muito grande foi ter que entregar para a prefeitura”.

O empresário português foi parceiro também em diversas campanhas filantrópicas. O Hospital Infantil Varela Santiago, em Natal, ganhou 16 novos leitos graças a uma parceria de sua empresa com a Delphi Engenharia. “Ao lado de doutor Paulo Xavier, uma pessoa maravilhosa, começamos um trabalho para o hospital não fechar”.

Recentemente, José Patrício aceitou um convite para fazer parte do Rotary Club Petrópolis. O ingresso no clube de prestação de serviços está possibilitando ele fazer o que mais gosta. “As coisas que mais me orgulham é poder fazer algo. Estamos com um projeto, através do Rotary, de quatro mil dólares para doar dois berços térmicos ao Varela Santiago”.



# Casas de Cultura Popular

*Governo do Estado inaugura mais duas*



Casa de Cultura Popular de Umarizal

Fotos: Ivanísio Ramos

A política de interiorização da cultura, implementada pelo Governo Wilma de Faria, através da Fundação José Augusto, levou Casas de Cultura Popular para mais dois municípios pólos do Rio Grande do Norte. Com as inaugurações das casas de Umarizal, em setembro, e de Viçosa, em dezembro, sobe para onze o número de Casas de Cultura construídas pelo Governo do Estado.

A Casa de Cultura Popular “Palácio do Gavião”, no município de Umarizal, com 700 metros de área construída, é uma das maiores – em área coberta – construídas até agora. Foram gastos na obra 260 mil Reais, sendo 220 mil na restauração e adaptação e 40 mil Reais em mobiliário. Foi erguida onde antes era um casarão em escombros. Conta com salas para oficinas, auditório para cem pessoas, camarins, pinacoteca, box para artesanatos, café-bar, quiosques e uma Praça Cultural, na lateral.

Com área construída de 500 metros quadrados e pátio externo transformado em pracinha, com 1.400 metros quadrados,

a Casa de Cultura Popular “Palácio das Louceiras”, no município de Viçosa, custou 234 mil. O “Palácio das Louceiras” conta com um auditório para 90 lugares, mais camarins, sala para administração, pinacoteca, dois espaços destinados à oficinas de artes, um palco interno e outro na frente do prédio e três box, sendo que um destinado a café/bar.

As Casas de Cultura Popular são espaços localizados geralmente em imóveis antigos que, ao serem restaurados, tornam-se também exemplares de monumentos arquitetônicos preservados. Neles são ambientados salas de exposições, cursos e oficinas, auditórios para apresentações de espetáculos que dinamizam os grupos artísticos e folclóricos que ajudam a difundir a rica tradição cultural do Rio Grande do Norte. O investimento do Governo do Estado para implantar estas casas, até agora, soma R\$ 2 milhões 289 mil. Já contam com Casas de Cultura os municípios de Currais Novos, Parelhas, Campo Grande, Assu, Caicó, Nova Cruz, Macau, Martins e Santa Cruz, Umarizal e Viçosa. ■



## Rubens Lemos Filho (Jornalista)


Ilustração: Aldemir Martins, no livro "Vidas Secas"

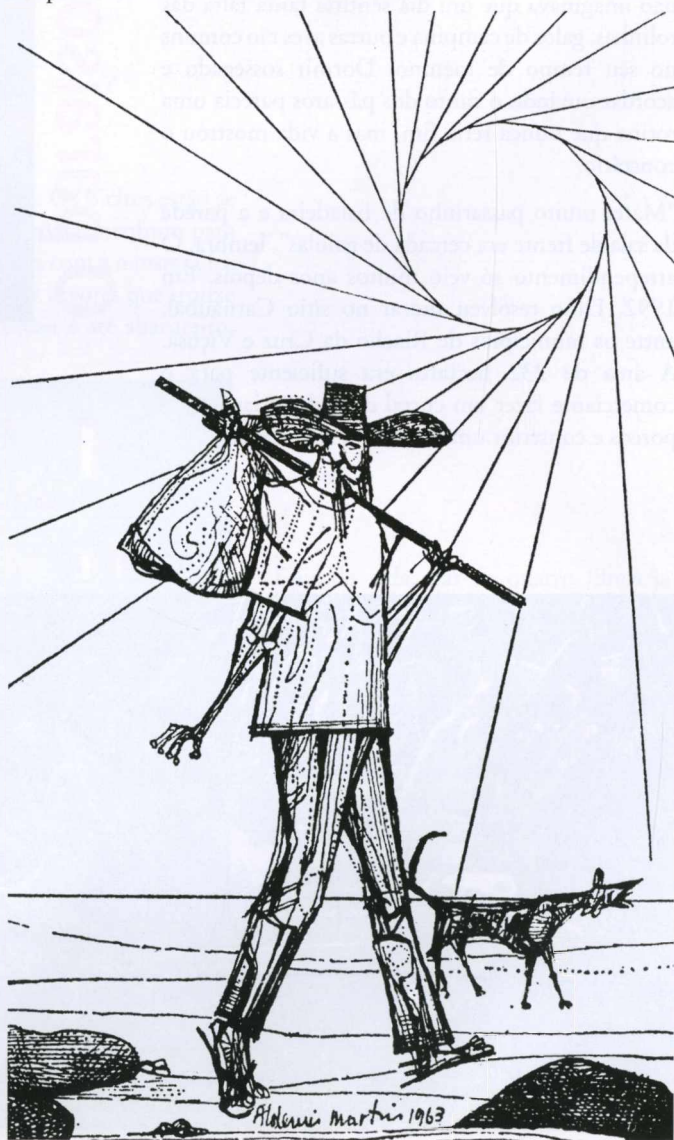
**A**mo o pessimismo sincero de Graciliano Ramos. Aliás, amo tudo o que ele escreveu e pude ler. O retrato real do homem puro, ofegante, triste e lutador é o seu personagem Fabiano, de "Vidas Secas". Pai de uma família de retirantes, Fabiano percorre a caatinga com Sinhá Vitória, os dois filhos e a cadela ossuda Baleia, que termina sendo sacrificada simplesmente por suspeitarem de que estava contaminada pela raiva.

É cômodo chamar de negativista ou derrotista aqueles que olham a vida pelas lentes do realismo. Graciliano Ramos era um visionário de pragmatismo agudo. Suas obras sangram um lamento que é a transposição legítima do cotidiano das secas, sejam elas simbolizadas por macambiras e xiquexiques ou pela marrom desilusão da média dos homens.

O velho Graça das Alagoas jamais cometeu o pecado da narrativa do falso. Tudo o que ele escreveu comove porque é a verdade e a cópia da realidade que a maioria teima em mascarar. Outro escritor, inglês, menos talentoso que o velho Graça, disse com propriedade britânica uma sentença: "Antes de fazer qualquer coisa, esteja certo de que não está se enganando. Se estiver, desista, porque nem você acredita em você".

Há um preconceito contra os homens sem quase sonhos. Sem fantasias de arco-íris, com perfeita convicção sobre o futuro banal. É o sentimento de quem está perdendo de 1x0, pressionando para empatar e leva o segundo gol num contra-ataque restando três minutos para o fim do jogo. No futebol, o sinônimo desse golpe é tenebroso. Quer dizer morte. Aliás, está no futebol a única discordância minha quanto ao Velho Graça. Comunista escolado, preso político alérgico à alienação, fez uma profecia fúnebre sobre a contaminação do brasileiro por uma bola e 22 homens desejando-a ardentemente: "O futebol é a prova de que nós não teremos futuro".

Se alguns ainda vivem o presente, mestre, é por obra e graça do futebol. 



## O paraíso de Carol e Dino

Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Quando criança, o comerciante Alexandrino Suassuna Sobrinho, 62 anos, o Dino, tinha o hábito de caçar passarinhos com baladeira. Criado no sítio Cajuais, município de Portalegre, Dino não imaginava que um dia sentiria tanta falta das rolinhas, galos de campina e outras aves tão comuns no seu tempo de menino. Dormir sossegado e acordar ouvindo o canto dos pássaros parecia uma rotina que nunca teria fim, mas a vida mostrou o contrário.

“Matei muito passarinho de baladeira e a parede da sala de frente era cercada de gaiolas”, lembra. O arrependimento só veio muitos anos depois. Em 1992, Dino resolveu morar no sítio Carnaubal, entre os municípios de Riacho da Cruz e Viçosa. A área de 232 hectares era suficiente para o comerciante fazer um curral de gado, criar bodes, porcos e construir uma casa com alpendres.



Dino parecia querer resgatar a tranquilidade de sua infância, mas notou a ausência de passarinhos nas árvores do sítio. “Não tinha uma rolinha quando vim morar aqui. Trouxe umas do Umarizal. Colocava o comer delas, aí foi aumentando...”, conta. As rolinhas se reproduziam com facilidade e Dino foi criando um sentimento ainda maior de proteger os pássaros.

O sítio Carnaubal virou um grande viveiro a céu aberto. Dino coloca xerém de milho, sorgo e painço num tabuleiro de madeira entre as árvores para alimentar os pássaros. O cajueiro em frente à varanda da casa é repleto de papa-arroz, passarinho de cor escura semelhante ao curió. Os galos de campina voam livres de uma árvore para outra sem risco de serem pegos por alçapão e uma seriema, ave originária do cerrado, passeia pelo sítio sem ser incomodada.

A seriema, ave preferida de Dino, ganhou até um nome. Carol, como é chamada, gosta de passar o dia caminhando entre os cajueiros em busca de pequenos insetos. À noite, depois de olhar ao redor, sobe no cajueiro de copa maior para dormir. “Carol arrodeia, olha, e se não tiver ninguém estranho, sobe no cajueiro”.

Dino ainda mantém alguns passarinhos em cativeiro, mas por motivos diferentes dos seus conterrâneos, que têm o hábito de criar pássaros presos em gaiolas. Um curió preto, mantido numa gaiola na varanda, está à espera de uma fêmea. “Meu sonho é arranjar a fêmea para soltar o casal”. Outra gaiola guarda um casal de canários, mas Dino garante que é só “para amansar”. Por último, um viveiro maior serve de morada para um casal de asa brancas. “Quero ver se reproduzem, já fizeram um ninho”.



O protetor dos passarinhos também cria preás-do-reino no sítio. Os bichos estão se reproduzindo com rapidez, mas o criador não teve coragem de matar nenhum para comer torrado. A vontade de continuar convivendo em harmonia com a natureza fez Dino passar a fazer mudas de pinheiro e cajueiro, e plantar várias árvores que trouxe do Pará. “Já plantei pupunha, açaí, macaúba, dendê, ariri, cacau e até abacateiro, que diziam que não dava certo no sertão”.



Feliz da vida, pai de quatro filhos já criados e curtindo o sossego do sítio, Dino ainda tem um sonho a realizar. O protetor dos passarinhos imagina o dia em que todos os galos de campina, graúnas e sabiás presos em gaiolas sejam libertados. “Deviam criar solto”, diz. ganhando o mundo, os pássaros seriam mais alegres. Voariam livres e fariam a alegria de outras pessoas saudosas das doces lembranças da infância. 📺

# ENSAIO FOTOGRAFICO

**Marcelo Biagioni** (Fotógrafo argentino que reside no Rio Grande do Norte há 15 anos)

*O coração do Rio Grande bate mais forte quando lembro da minha passagem no Alto Oeste. Inexplicável é a sensação de conhecer sem haver estado antes nessa região mágica. A cada passo, a cada olhar, a sensibilidade se perpetua num misto de plenitude e descoberta, alerta em cada 'click', que vai se tornando compulsivo. Instintivo é o meu olhar, guiado pela simplicidade do impacto que cada paisagem me proporciona a todo momento. Quarenta dias percorrendo Campo Grande, Triunfo Potiguar, Jucurutu e, finalmente, a Serra de São João do Vale, que, realmente, foi o grande diferencial, junto com a barragem Armando Ribeiro Gonçalves.*

*Pude ver e refletir como as origens dão o valor exato dessa nossa passagem pelo Planeta. Imagens me mostram a grandeza e, ao mesmo tempo, fico inserido no contexto. Só enxergo a beleza. De maneira que não dá mais para perder tempo. É hora da ação, de não passar despercebido; dos mínimos detalhes. A maior surpresa eu tive quando depois de subir os 750 metros de altura, além da dimensão do meu olhar, foi o fato de saber, por exemplo, que o índice de analfabetismo da população que mora no alto da Serra é zero. São cinco escolas municipais que preenchem essa*

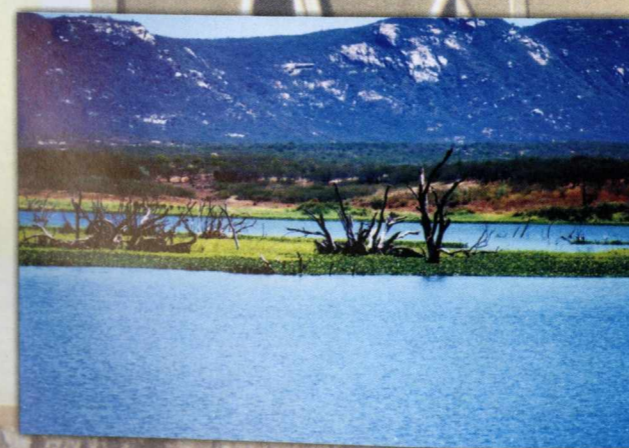


# O coração do Rio Grande



*verdade incontestável, conhecida por poucos, mas que fala de um Brasil que funciona.*

*Embora os exemplos que às vezes prevalecem não sejam aqueles que todos nós gostaríamos de ouvir, existem pequenas células, que, com certeza, em algum momento, haverão de prevalecer e contagiarão as mais próximas, criando assim, uma nova dimensão; uma nova realidade que poderá modificar, mesmo que seja em parte, essa visão distorcida que às vezes temos da realidade atual. Um exemplo, quiçá mais um, mas com certeza ainda tem uma luz no fim do túnel. Difícil é, às vezes, tentar eternizar numa fração de segundo, o sentimento, numa imagem só. 🇺🇵*





**Marcos Antônio de Andrade Medeiros**

(Prof. do Departamento de Biologia Celular e Genética – UFRN)

Fotos: Henrique José/ZOON fotografia

São exatamente 19 horas, quando chego à residência de D. Nivaldo Monte, Arcebispo emérito de Natal, para nossa primeira entrevista. Apresento-me como o professor de Genética Vegetal, da UFRN, que havia ligado dias atrás com o propósito de conhecer melhor e resgatar o trabalho dele com as plantas do nosso Estado. Logo de entrada, D. Nivaldo contou, entre outras coisas, a sua experiência com uma mangueira enxertada que terminou conferindo ao porta-enxerto as características daquela. Para ele, o ocorrido contrariava as leis da Botânica, visto que “os hormônios teriam sido transmitidos a partir do enxerto, ou seja, no sentido descendente”. Em seguida, falou a respeito da condução da seiva bruta através de um caule de coqueiro com mais de 20 metros de altura. Tal fato contrariava a capacidade de subida da coluna líquida através dos vasos lenhosos, e isto, segundo ele, só ocorreria graças à formação de um menisco. A corrente líquida, submetida à tensão superficial, é impulsionada para cima.

Confesso que me senti estimulado a falar-lhe sobre a teoria da adesão-coesão, segundo a qual as moléculas de água são puxadas em fileira e, pelo menos em parte, retiradas da planta através da transpiração ocorrida nas folhas. O seu relato ficou mais enriquecido quando contou da sua experiência de amputação do pendão e da boneca (respectivamente, órgãos masculino e feminino), ambos imaturos, de algumas plantas de milho. Naquele momento, ficou evidente que eu estava diante de um provocador, entusiasmado em obter resposta da planta mediante a agressão e a dor provocadas, principalmente quando revelou a sua hipótese de que “os organismos sob pressão podem revelar aspectos que normalmente não revelariam”.

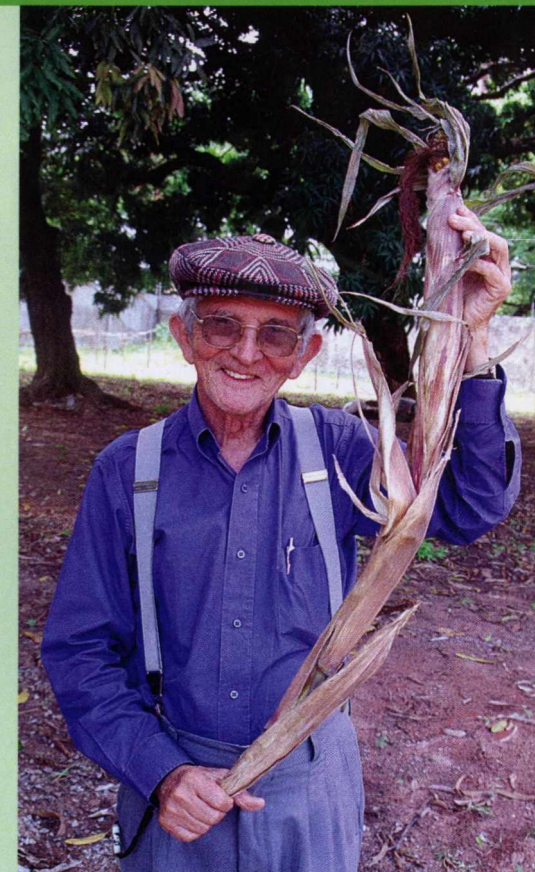
Para corroborar o que havia dito, abriu um velho álbum de fotografias e mostrou uma foto que ilustrava o que havia acontecido com uma das plantas testadas: “Onde havia um pendão teria surgido uma espiga, onde havia uma boneca teria surgido um pendão”.

D. Nivaldo mostra uma listagem de mais de dez temas biológicos que o tinham estimulado a uma pesquisa “nada científica e apenas bocórica”. Mostro-lhe a Preá 7, que publicou ensaio fotográfico sobre as mangabeiras. O arcebispo folheou a revista e comentou sobre a beleza da flor da planta e a sensibilidade do fotógrafo ao registrar a rudeza das mãos das mulheres “tiradeiras”, como ele fez questão de chamar, a quem hoje se atribui o nome de “catadeiras”. Comentou sobre a “feiúra” tortuosa do tronco da planta em contraste com a “leveza e o caimento delicado dos seus ramos”. Em seguida, teceu comentários sobre o balançar das mangabas dos galhos finos e daquelas da ponta de galhos mais grossos, destacando tamanhos e sabores diferenciados entre os dois tipos. Falou ainda sobre a mangaba do tabuleiro sergipano, maior e menos saborosa, com uma cor mais esverdeada, quando comparada com a mangaba dos tabuleiros norte-rio-grandenses, segundo ele, menor, mais saborosa e mais bonita (neste último caso, por contar com uma cor mais amarelada e ser cheia de pintinhas avermelhadas).

Pede licença para se ausentar da sala e volta trazendo uma sacola contendo um objeto pesado em seu interior. Abre a sacola e pergunta: “Sabes o que é isto?”. Observo e respondo: – É uma batata, mas é muito grande. Rapidamente, ele

diz que trouxe da granja, pesa em torno de três quilos e meio e que pretende fotografá-la, antes de abri-la para ver se é maciça ou fofa. Volta a se revelar, nesse momento, a figura de pesquisador que é D. Nivaldo, visto que também deixara claro que pretendia examinar cuidadosamente o conteúdo interno da batata para ver se havia alguma anomalia que pudesse explicar o seu tamanho exagerado. Recordo também que havia interesse científico na sua avaliação porque chegou a sugerir que se pudesse fazer algum tipo de comparação do valor nutricional com outras batatas comuns. Além disso, chegou a sugerir que, se fosse comprovada alguma vantagem da primeira, poderia se tentar multiplicar a planta de onde a batata fora retirada, para observação do crescimento e da qualidade das suas raízes tuberosas. Vibrante, expôs que estas e outras iniciativas poderiam contribuir para o combate a fome que campeia em diferentes áreas do país e do planeta.

Em outra oportunidade, conversamos sobre a reprodução do mamão, após eu relatar uma pesquisa bibliográfica, por mim desenvolvida, sobre reprodução de plantas. D. Nivaldo falou sobre as diferentes flores do mamão e sua aplicação em um programa de seleção de frutos melhores. Proponho uma sessão de fotografias na granja de Emaús e recebo de D. Nivaldo a informação de que há pouco o que se ver por lá. Insisto que as variedades de mangas, as batatas, as mandiocas, e até um enxame de abelhas, lá existentes, são motivos suficientes para um ensaio fotográfico, incluindo a própria figura de D. Nivaldo como protagonista de uma aventureira vida



dividida entre a Igreja e a Natureza. Levo, na bagagem, dois livros: “Fruticultura brasileira” e “Horta, pomar e jardim”. Começamos a conversar a respeito das plantas e do projeto de registro fotográfico para identificar as plantas da nossa terra. Em dado momento, D. Nivaldo fala mansamente da jurema e recita um poema de Auta de Souza, que a poetisa teria feito enquanto caminhava ao lado de Henrique Castriciano por entre aquelas plantas.

Pergunto sobre o cinturão verde formado pelas algarobas de Lajes-RN. Imediatamente, D. Nivaldo



faz referência ao vale ali situado como se isso servisse para justificar o contraste daquela vegetação verde em meio da aridez predominante na região. Dias depois, D. Nivaldo me recebe com algumas fotos às mãos e diz: – Tenho novidades; eis as fotografias dos pés de milho do seminário apresentando a hipertrofia foliar com reflexos nas espigas do milho. Ele fica postado ao lado da planta, como que para referenciar a altura da mesma (as fotos foram tiradas, por uma sobrinha sua, no Seminário de São Pedro, localizado na rua Campos Sales, no bairro de Tirol, em Natal). Em um dado momento, volta a falar sobre a granja de Emaús e de que lá existe uma pequena reserva de Mata Atlântica. Comenta que os jerimuns de lá são polinizados artificialmente por ele e presenteia-me com uma penca de banana prata (rara hoje em dia) e um jerimum da sua lavra. No dia seguinte, fomos buscar D. Nivaldo para fotografar as plantas de milho do Seminário de São Pedro.

Logo que chegamos, passamos com o carro por uma alameda de pitangueiras. D. Nivaldo nos confidenciou que tais pitangueiras teriam mais de 80 anos e que ele guardava boas recordações do seminário, onde havia se iniciado para a vida religiosa. Em seguida fomos em busca do milharal com espigas com pedúnculo hipertrofiado. De longe constatou, com muita tristeza, que os pés de milho não estavam mais no lugar esperado. Apesar de reclamar, por várias vezes, que “não havia necessidade de arrancarem os pés de milho”, D. Nivaldo continuou a caminhar na direção de onde eles

deveriam estar, como se tivesse uma esperança que eles ainda estivessem lá. E, realmente, foi o que aconteceu: os pés de milho estavam tombados, mas ainda poderiam servir aos nossos propósitos.

Ainda no Seminário, contou-nos um fato ocorrido em uma das suas viagens a Puebla, no México. Na casa, onde ficara alojado, havia muitas plantas parecidas com as nossas e D. Nivaldo pôs-se a identificá-las e a perguntar sobre os seus significados e aplicações no imaginário popular da região. Assim, pôde constatar que havia muito mais coisas em comum, entre as crenças do povo daqui e o de lá, do que se poderia imaginar. Vendo um vasto campo de trevos, lançou um desafio: “Vamos ver quem acha um trevo de quatro folhas”. Passado algum tempo dentro do treval, D. Nivaldo avisa para os companheiros de busca que havia encontrado o tal trevo. Nisso, o fruto da descoberta passa de mão em mão até chegar as mãos de uma jovem da família que o hospedara, a qual, segundo D. Nivaldo, “boa observadora, como toda mulher”, terminou dizendo que uma das folhas havia sido propositadamente cortada por ele para aparentar que se tratava de duas e, portanto, aquilo não era um verdadeiro trevo de quatro folhas. D. Nivaldo aproveitou a oportunidade para lembrar que “quando nós não encontramos a felicidade nos jardins da nossa vida, nós a fabricamos”.

No nosso último encontro, ele volta a dizer que na granja de Emaús não há grande coisa a registrar e que as plantas que fizeram parte das suas pesquisas lá não existem mais, tendo sido substituídas por outras. Ele confia que as novas plantas, assim como algumas antigas que lá existem, foram plantadas por ele. Descemos e somos conduzidos em nosso passeio por alamedas com muitas plantas adensadas, fato que demonstra ter relação com a hipótese sempre presente no discurso de D. Nivaldo, segundo o qual as plantas poderão revelar-se melhor ante situações de estresse. Como se adivinhasse nossos pensamentos, ele acrescenta que quer provar que em solo pobre de tabuleiro é possível cultivar plantas dos mais diversos tipos. Somos apresentados às pimentas, tomateiros, hortas de coentro e cebolinha, batatais, jerimunzeiros, além de frutíferas como coqueiros, mangueiras, araçazeiros, goiabeiras, mangusteiros, jaboticabeiras, caramboleiras, pitombeiras, juazeiros e pés de uvaia.

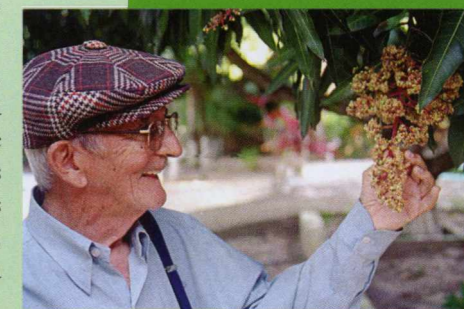
Logo de início, nos deparamos com uma pequena plantação de bredo, onde D. Nivaldo fez questão de ressaltar as suas propriedades nutritivas assemelhadas as encontradas no espinafre, com a vantagem da bredo ser melhor adaptada às nossas

condições ambientais. A cada parada surgem novos comentários. Ao lado de uma pimenteira que chama a atenção pela grande carga, ele diz: “Se fizessemos como no México, teríamos uma cultura muito produtiva e rentável, utilizando áreas relativamente muito pequenas para o seu plantio”. Ao nos depararmos com um tomateiro, notamos que o mesmo produzia pequenos frutos arredondados, o que levou-me a perguntar se aquele tipo de tomate tinha sido o que tinham levado daqui para se constituir em material de consumo no mercado norte-americano. D. Nivaldo respondeu que não sabia dizer se se tratava do mesmo tomate, mas que este tinha sabor ácido, era mais polpudo e bem resistente.

Caminhamos entre plantas até sermos interrompidos por D. Nivaldo para mostrarnos um leirão de batatas. Até aí, nada de extraordinário naquele leirão, mas, quando ele nos informou que tal ramagem brotou a partir de uma batata com, aproximadamente, 3,5 Kg de peso, revivo na memória a imagem da tal batata que havia sido apresentada em uma entrevista anterior. Ao ser indagado, D. Nivaldo conta que a replantou cuidadosamente com o intuito de verificar como seriam as batatas produzidas a partir daquela rama. “Será que teriam a mesma anomalia?” – pergunta ele. Nessas alturas, pergunto pelos jerimuns polinizados por ele, ao que responde que vai levar-nos para vê-los logo mais. Não demora muito, e estando diante dos tais jerimuns, o fotógrafo Henrique José pergunta: “Como o senhor realiza a polinização dos jerimuns?”. D. Nivaldo arranca uma flor “masculina”, fechada, despeta-la-á e mostra uma antera central cheia de pólen, mas adianta que a tarefa de polinizar deve ser feita de manhã porque as flores femininas estão abertas. Assim mesmo, mostra-nos que faz o transporte direto do pólen usando a própria flor masculina, enfatizando que não usa cotonete ou coisa parecida para economizar gastos extras para o agricultor. Quando pergunto se ele usa algum critério para a escolha das plantas doadoras e receptoras do pólen, ele diz que só quer dar uma ajudazinha e que as abelhas e, no caso, as arapuás, farão o resto.

A partir daí nos concentramos nas frutíferas arbóreas e ele nos aponta os coqueiros gigantes como sendo os mais antigos da granja, mas diz que estão sendo gradativamente substituídos por coqueiros anões. Em seguida aponta para uma planta dizendo que a muda havia sido vendida ao Dr. Monte (Sebastião Monte, seu irmão) como sendo um espécime de mangustão, planta produtora de um fruto com excelentes qualidades para a degustação, mas naquele caso produzia frutos azedos. Em seguida, D. Nivaldo nos conduz a outras duas plantas mais adiante e, mostrando-as, pergunta: “Existe alguma diferença entre aquela planta e estas?”. Diante do nosso silêncio, ele afirma que não e que estas últimas plantas são os verdadeiros mangustões. D. Nivaldo levou-me até um cajueiro que, segundo ele, na primeira safra produzira três castanhas por cada pedúnculo (caju); mas, para sua surpresa tal característica não foi fixada nas plantas das gerações seguintes. Dito isto, afirmou que a mutação, por certo, não se estabilizara.

Nossa próxima parada foi junto a uma pitombeira identificada por D. Nivaldo como sendo de origem colombiana e que teria frutos com polpa bastante carnosa, o que a diferenciava das nossas pitombeiras. Antes de chegarmos ao carro, ainda passamos por dois araçazeiros, onde ouvimos o seguinte comentário de D. Nivaldo: “Este primeiro produz frutos excelentes para suco, enquanto aquele outro produz frutos maiores, saborosos e apropriados para mesa”. Isso porque não teríamos muita coisa a registrar, sobre as plantas, segundo seu (im)plantador D. Nivaldo. 📷





Memorial Câmara Cascudo

# Patrimônio histórico

## Memória coletiva e identidade

*...se não for capaz de revitalizar as pessoas, não existe prédio nenhum que comova. Ele desabarará a qualquer momento. É preciso que as pessoas consigam recuperar a dignidade da iluminação dos seus olhos, da sua candura, do seu viver, do seu remelexo.*

Apud Sevy Madureira, in: Bairro do Recife

Palácio da Cultura (Pinacoteca do Estado)



### Gilmar de Siqueira Costa

(Arquiteto da Fundação José Augusto, especialista em restauração, mestrando em arquitetura pela UFRN)

Fotos: Anchieta Xavier

O mal-estar generalizado do nosso tempo não poderia deixar de se refletir sobre a memória. A vida social, atualmente, encontra-se fundamentada, sobretudo no desprezo para com a lembrança e no pouco caso que se tem com relação ao futuro. Os altares da deusa Mnemósine são pouco incensados, visto que a preocupação maior e mais próxima é com o presente. O hedonismo foi elevado à categoria máxima de valor; despoticamente o presente instalou suas francas oficinas nos esquemas mentais dos homens contemporâneos.

Isso posto, gostaríamos de nos ater sobre a conduta que nos diz respeito enquanto um dos Estados da federação que mais sofreu com a descaracterização da paisagem constituidora de um passado produtor de liames identitários, atestados que são pela quantidade e qualidade de vestígios materiais ou abstratos, lastreadores da maneira como uma comunidade se representa ou organiza o material simbólico integrante do seu imaginário coletivo.

Malgrado o desprezo impetrado nas últimas décadas por gerações educadas numa sociedade na qual o descartável foi eleito à estima quase absoluta, pensamos que nos últimos tempos houve uma maior consciência com relação à necessidade de se preservar nosso patrimônio histórico e nossos bens culturais. Consciência essa manifestada através de uma atitude mais ostensiva e responsável concernente aos processos que impliquem, – por parte dos órgãos estaduais responsáveis pelo tombamento e preservação dos nossos bens históricos e culturais –, no resguardo de elementos que integram a memória coletiva, legando às gerações futuras referências afetivas, proporcionadoras de se identificarem e se definirem a partir de um ethos comum, quer digam respeito às comunidades mais complexas, como as cidades, ou mesmo a agrupamentos quedados em zona rurais.

Algumas das grandes realizações emanadas da interação do homem com o meio ou com os outros homens, referentes ao patrimônio arquitetural, integram, hoje, no nosso Estado, o acervo do patrimônio histórico e artístico, estando protegidas pela Lei do Tombamento. Com efeito, o tombamento é o instituto jurídico pelo qual se faz a

proteção do patrimônio histórico e artístico, efetivando-se quando o bem é inscrito no Livro de Tombo. O órgão responsável no Estado pelo registro desses bens é a Fundação José Augusto, resguardadora de três livros de tomo: o livro paisagístico, o artístico e o histórico. Os bens tombados não poderão, sob hipótese alguma, ser demolidos, destruídos, mutilados; somente mediante autorização prévia do órgão competente poderá ocorrer alguma espécie de intervenção, ou seja, reparados, pintados ou restaurados. Qualquer dano ou prejuízo ao patrimônio cultural do Estado não tem relação somente com os norteio-grandenses, atentam, sim, contra toda a humanidade, uma vez que cada país, cada etnia, cada época acrescenta e contribui para o enriquecimento do que o humano engendra de história, estética e valores culturais.

Atualmente existem cerca de 67 bens tombados pelo Estado, dentre os quais, só para exemplificar, podemos destacar: o Teatro Alberto Maranhão, o antigo Palácio do Governo, o antigo Quartel General, o Casarão nº 22 (antigo Hotel Majestic), Mercado Público de Macau, Solar da Madalena, em Macaíba; Casa Grande da Fazenda Timbaúba, em Ouro Branco; casa onde nasceu Café Filho, na Ribeira, etc.

Afora o que já se encontra consolidado, encontra-se em avançado processo de tombamento toda uma série de imóveis e bens culturais: antiga Câmara e Cadeia, em Portalegre; antiga sede da Delegacia Regional de Polícia, em Santa Cruz; Farol de Mãe Luiza; Casa de Chico Antônio, em Pedro Velho; Cruzeiro de Pipa, em Tibau do Sul; Palácio do Minerador, em Currais Novos; Cidade da Criança e Biblioteca Pública Câmara Cascudo, em Natal, dentre outros. Não poderíamos deixar de aqui evocar a eficiente e bem intencionada política de criação das Casas de Cultura Popular situadas em diversas cidades do interior do Estado, incentivando a produção cultural de populações distantes do eixo das grandes cidades. Esses espaços, visivelmente proporcionadores de uma nova efervescência no continente da arte e da literatura, objetivam despertar potências adormecidas na imane demanda de estética do homo ludens.

Porém, não é suficiente tombar ou preservar, há que proporcionar ritos educativos e rememorativos às populações envolvidas com os bens que o Estado tratou de conservar. Pintar fachadas não é suficiente para que se consolide uma consciência da necessidade de se estabelecer vínculos mais estreitos com as coisas do passado. Esclarecemos: não no sentido conservador ou



Solar João Galvão

saudosista do termo, posto que é da natureza de toda sociedade a mutação e a obrigação de hastear as flâmulas condizentes com as novas formas de pensar e agir. Há, sim, que se produzir liames afetivos relacionados às reminiscências e vestígios deixados por nossos antepassados. A prioridade número um é sedimentar tradições que possibilitem o surgimento de um substrato sólido para que linhas de continuidade em todos os campos (artísticos, literários, narrativas orais, arquiteturas) sejam fortalecidas e lancem às pósteras gerações orgulho e vaidade de pertencerem a um conjunto de símbolos coletivamente compartilhados. Eis o grande desafio das instituições responsáveis pelo tombamento e preservação: diante das permanentes e agressivas vagas de um mundo cujos emblemas e sinais depositam tributos ao presente, faz-se necessário, urgentemente, não domar os cavalos velozes de Cronos, mas imprimir nos formadores de opinião e nas novas gerações a importância de se ter o passado como algo que pode colaborar na compreensão do nosso modo de ser, bem como nos lançar mais seguros em direção aos tempos vindouros, na medida em que nos explica, nos une em torno de invariantes antropológicas, enfim, nos funda como comunidade detentora de traços diferenciados ou singulares com relação a outras comunidades. 📖





# Dom Quixote

*Clássico faz 400 anos*

**P**ara marcar a passagem dos 400 anos de publicação do “Dom Quixote de la Mancha”, a Preá publica dois trechos do prefácio escrito por Luís da Câmara Cascudo para o livro editado na década de 50 pela José Olympio Editora. Esse prefácio, de 17 páginas, foi suprimido das edições seguintes. Esses dois capítulos que publicamos são da 3ª edição (1958) e recebem o título geral de “Com Dom Quixote no folclore do Brasil”, com os sub-títulos: “Provérbios, adágios & frases feitas”, “Usos e costumes”, “Um modelo poético” e “Novelística”, e podem ser lidos de forma independente. Publicamos o primeiro e o último trecho do prefácio. Em “Provérbios, adágios & frases feitas” Cascudo faz um apanhado dos provérbios, adágios e frases feitas achadas no livro e que podem ser encontradas no Brasil, como “Dios, que da la ilaga, da la medicina” – Deus dá o mal e dá o remédio. Em “Usos e costumes”, a mesma coisa, como neste exemplo citado por Cascudo: “Indo buscar Dom Quixote que se penitenciava na Serra Morena, o barbeiro levou, para fazer uma barba sisuda, o rabo de boi onde o vendeiro prendia o pente. Nos sertões do Brasil é um dos usos das caudas de boi, lavado o froco, para receber os dentes do pente, talqualmente Cervantes registrou”. Em “Um modelo poético”, Cascudo afirma que os “versos de não comum disposição estrófica”, recitados por Dom Quixote, na Serra Morena, popularizou-se no Brasil como versão política ou satírica e dá alguns exemplos. Leia o prefácio na íntegra no site [www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br).

## Com Dom Quixote no folclore do Brasil

**Luís da Câmara Cascudo**

(Escritor e historiador)

Na costa atlântica do Rio Grande do Norte, entre o baixo Gracimbora e o baixo da Santa Cruz, dentro do canal de São Roque, tão famoso na cartografia dos séculos XVI e XVII, está um banco de pedra na latitude de 5°, 24’ Sul e longitude de 35°, 18’ Oeste. Neste baixo inaugurou-se em 1940 uma coluna cilíndrica de dez metros em cimento armado, com listas horizontais negras e brancas, e um farol automático atira dez lampejos brancos por minuto, num alcance de nove milhas, cortando a escuridão da noite tropical.

Esse baixo tem o nome de *Teresa Pança*, a mulher de Sancho Pança.

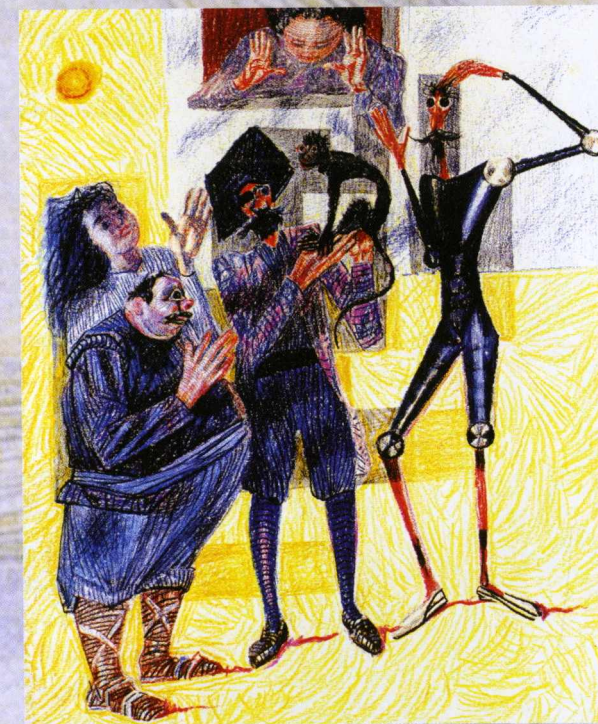
Nas cartas modernas de navegação e mesmo nas mais recentes edições do *Roteiro* (Rio de Janeiro, 1948), menciona-se naturalmente Teresa Pança mas desapareceu outro nome noutro baixo vizinho. Num *Roteiro* inglês, *The South América Pilot*, parte I, 156, London, 1911, lia-se na descrição do *San Roque Channel*: “...the channel is, however, narrowed in this part to three-quarters of a mile by Pança and Theresa Pança banks, which nearly dry at low water”.

Esse segundo Pança desapareceu. Teresa Pança já se mencionava em meados do século XIX segundo o *Roteiro da Costa do Norte do Brasil desde Maceió até o Pará*, pelo prático Felipe Francisco Pereira, 63, Pernambuco, 1877.

Não me foi possível identificar a origem dos nomes. Nos antigos registros de incidentes marítimos, naufrágios e encalhamentos, não deparei navio que se denominasse Pança ou Teresa Pança. Certo é que a mulher de Sancho Pança batiza a um banco de pedra na costa do Rio Grande do Norte, assinalado nas cartas de navegação e honrado com a presença luminosa de um farol.

*Em 1956, sob ameaça de uma intoxicação, Portinari foi aconselhado a abandonar o uso das tintas. Essa é a origem dos 21 desenhos da série D. Quixote, que publicamos (alguns) nesta edição. Posteriormente o poeta Carlos Drummond escreveu glosas para ilustrar a série. Os desenhos estão expostos na Chácara do Céu, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro/RJ.*

*Ilustrações do livro “CANDIDO PORTINARI – CATÁLOGO RAISONNÉ” – Vol. IV – 1955-1960 – Edição patrocinada pela PETROBRAS*







Em todo o Brasil e creio que possivelmente para Ibero-América este é o único topônimo que liga um recanto de terra americana, em título oficial, à família imortal do *Dom Quixote*.

Com tais credenciais de simpatia é natural que acompanhe o engenhoso fidalgo manchego através do folclore do Brasil nos registros fixados na história de sua vida aventureira e heróica. Esses elementos que Cervantes encontrou na Espanha, nas últimas décadas do século XVI e primeiras do século XVII, continuam existindo no Brasil, vivos na memória verbal e nos costumes do povo brasileiro que amanhecia para a história quando o *Dom Quixote* se divulgou pela Europa e pelo mundo.

Desde quando é lido no Brasil o *Dom Quixote*? Rodriguez Marin apurou que a primeira remessa do *Dom Quixote* para a América foi em 1605, poucas semanas depois de publicar-se a primeira parte do *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*. Pedro González Refolio apresentou à Inquisição para exame quatro caixas de livros em uma das quais viajariam 5 *Don Quixotte de La Mancha*. Viajariam no navio São Pedro y Nuestra Señora del Rosário, mestre Juan de Alsusta, que devia tomar parte na frota de Tierra Firme de que ia como general D. Francisco del Corral y Toledo. Os livros iam para Puerto Belo. O exame é datado de 25 de fevereiro de

1605. *Dom Quixote* saíra cinco ou seis semanas antes. O indispensável mestre Rodriguez Marin informa que antes de terminar o ano da publicação (1605) a começar do seguinte, 1606, *habia en las tierras americanas cerca de mil quinientos ejemplares de ella*.

Não encontrei registro no Brasil seiscentista mas não é crível o desconhecimento do Engenhoso Fidalgo para os olhos coloniais brasileiros.

Com *Dom Quixote* viaja-se lentamente através de usos e costumes brasileiros, talqualmente vivera na sua jornada valente na Espanha velha.

## Novelística

No *Dom Quixote* há menção de novelas queridas pelo povo espanhol, elementos de literatura popular e tradicional ainda conhecidos e amados no Brasil. No auto-de-fé de livros da cavalaria andante (Iª, VI), o único que ainda tem leitores no Brasil é o volume das proezas de Bernardo del Carpio, espécie de *Super-Man* invencível e miraculoso. É a réplica castelhana ao ciclo tonante dos Doze Pares de França, aos quais vence. Bernardo del Carpio está sempre no final do volume da *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, constantemente reeditado em Portugal e Brasil e sem popularidade na Espanha. Apareceu em Portugal em 1615, fólho de 30 folhas com duas colunas. A tradução portuguesa é de 1728, impressa em Lisboa e depois, 1732, em Coimbra. Em 1745 surgiu o Bernardo del Carpio como final das guerras de Carlos Magno nas versões portuguesas, reunido pelo padre Alexandre Caetano Gomes Flaviense, graduado em cânones, protonotário apostólico e natural de Chaves. Dessa fonte decorre o Bernardo del Carpio para os olhos brasileiros. Seria leitura querida na Espanha do século XVI e XVII e no *Dom Quixote* cita-se sua passagem, Iª, VI, L, IIª, XXXII, assim como *Carlos Magno*, Iª, XLVIII, XLIX, IIª, XXIV e XXVI, quase sempre como referência cronológica, *el tiempo de Carlos Magno*. *Dom Quixote* cita enternecidamente a nossa Princesa Magalona na *História de Pierres y la linda Magalona* cujo sucesso *quién podrá negar no ser verdadero?* Parece-me versão estranha e bem diversa de quantas conheço pois nessas não existe episódio de cavalo voador. A *Historia de Pierres y de la linda Magalona* é possível original francês já popular no século XIV, escrito em latim ou provençal. A mais antiga versão castelhana é de Burges, 1519, e há outra da mesma data em Sevilha pelo editor Jacob Cromberger que em 1521 residia em Portugal onde logicamente reeditou a novela tornada popularíssima. Há traduções portuguesas no século XVII. De sua origem, formação, divulgação, temas, ver Luís da Câmara Cascudo, *Cinco livros do povo*, "História da Princesa Magalona",





Livraria José Olympio Editora. Na Provença a estrela Vésper é Magalona e Saturno é o conde Pierre de Provence (ver *Vaqueiros e cantadores*, 29-39, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1939).

Dom Quixote, Iª, XX, pede a Sancho Pança que *contase algún cuento para entretenerle*. Sancho chama ao conto *conseja* e emprega a técnica que lhe é familiar. *De la misma manera que yo lo cuento se cuentan en mi tierra todas las consejas*.

Sancho Pança narra a Dom Quixote um conto-sem-fim, *Endless Tale, Unfinished Tale*, “cuento-de-nunca-acabar”, de que o inesquecido prof. Ramón A. Laval publicou interessante coleção no Chile. Numa só barca hão de passar o rio trezentas cabras, uma a uma. Dom Quixote termina impacientando-se, como toda a gente, e a história tem seu fim. Sobre esse conto há variantes em Leonardo Mota, *Viroleiros do norte*, 269, S. Paulo, 1925, Ramón A. Laval, *Cuentos chilenos de nunca acabar*, 13, Santiago de Chile, 1910, Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português*, I, 218, Porto, 1883, Clemente Sánchez de Vercial (1370-1436), *El libro de los enjemplos* o suma de exemplos por A, B, C, nº LXXXV, *Le cento novelle antiche*, a novela XXXI (ed. Vallardi, Milão, 1924) e finalmente na fábula X do *Disciplina clericalis* (em Migne, *Patrologia latinae*, CLVII de que possuo

cópia em microfilme). Bolte e Polivka anotando os contos dos irmãos Grimm, *Anmerkungen zu den kinder uns Hausmärchen der Bruder Grimm*, vol. II, 209, Leipzig, 1915, especialmente o sob o nº 86, dão bibliografia alemã bem longa. No meu *Trinta estórias de bibi* (temas de literatura oral. Bibliografia e confrontos) registrei uma versão brasileira com a bibliografia que me foi possível consultar.

Nas aventuras da venda durante a noite, Iª, XVI, alia Cervantes na luta entre o arriero e Sancho, Sancho e Maritornes e esta e Sancho, outro gênero de literatura oral, o conto encadeado, *Formula tales*, contos acumulativos, *arranged in chains*, denominados pelos alemães *Kettenmarchen*, excelente e eruditamente estudados pelo prof. Martti Havvio, da Universidade de Helsinki. Diz Cervantes: *Y así como suele decirse: el gato al rato, el rato a la cuerda, la cuerda al palo*, resumindo o conto acumulativo que é sabido no Brasil. Os exemplos em prosa e verso são abundantes e antigos, figurando no Khad gadia e no Sepher haggadah e mesmo eram cantados pelos judeus nas festas domésticas da Páscoa; in *Antologia do folclore brasileiro*, 409, S. Paulo, 1944.

No conto do *Curioso impertinente* (Iª, XXXIV) a ama de Camila cita um A.B.C em prosa, A, *agradecido*; B, *Bueno*; C, *Caballero*; D, *dadivoso*; E, *enamorado*, etc. que devia ser tradicional na Espanha em fins do século XVI. Em Portugal Gonçalo Fernandes Trancoso divulgara um espécimen no seu *Histórias de proveito e exemplo* e Luís de Camões compusera outro em tercetos. Juan del Encina tivera seus modelos. O gênero vinha de longe e Santo Agostinho tivera uma poesia rítmica, em fins de 393, *Psalmus contra partem donati*, os conhecidos *Psalmus abecedarius*, com vinte estrofes seguindo as letras do alfabeto. Um canto descrevendo a batalha de Fonteneto ou Fontenoy na Bourgogne, em 25 de junho de 841, entre os netos de Carlos Magno, Carlos, Luís e Lotário, obedecera disposição alfabética, em versos trocaicos, em ritmo de três por quatro. No Brasil é ainda popular; ver *Vaqueiros e cantadores*, 53-67.

Chegamos à encruzilhada do passeio comum, lembrando Espanha do século XVI e princípios do XVII e o Brasil do século XX. A jornada findara. Nem uma vez surgira o nome do Brasil na grande novela, publicada em ambas as partes quando o Brasil estava sob jurisdição espanhola, reinando dom Felipe III. Sob a bandeira de Espanha nascera a cidade de Natal onde escrevo e vivo.

Dom Quixote saudou-me, grave, do alto do Rocinante e Sancho tirou o seu chapéu manchego, redondo e chato, numa cortesia. A luz das estrelas brilhou no elmo de Mambrino. Lentamente o Engenhoso Fidalgo e o fiel escudeiro remergulharam na sombra. ■

**José Correia Torres Neto** (Professor da UFRN)

Ilustração: Dorian Gray Caldas, no seu livro "Geografia do Medo"

Em 1997 foi lançada, através da Editora AnnaBlume, a primeira edição do livro 'Lampião, o homem que amava as mulheres – o imaginário do cangaço'. Diferencia-se dos demais trabalhos publicados sobre o tema quando aborda, sob vários aspectos, a questão da mulher no banditismo de uma maneira imparcial, objetiva, acadêmica. O professor doutor Daniel Lins expõe ao longo dos 26 capítulos, incluindo a vasta bibliografia, a presença e a influência da mulher no cotidiano do bando de Lampião e em outras situações da época. Maria Bonita, Sila, Enequina e tantas outras que viveram (ou morreram) em função do cangaço são abordadas e analisadas ao longo do livro.



O homem que amava as mulheres

"Meu filho, afaste-se das mulheres, elas deixam o guerreiro mole, os duros, não precisam de fêmeas". Para Sinhô Pereira, a única mulher a ser realmente respeitada e amada sem medida era a sua mãe. Santa, dedicada, conformada à lei do marido, ela deveria ser idolatrada, pois seu corpo, santificado pelo sentimento, eliminava a marca do pecado original, erro supremo de Eva. Ora, esse mal é também a consciência que significa emergência do sentimento. A consciência passa primeiro pela separação masculino/feminino, criando uma diferença potencial entre os dois sexos, entre o bem e o mal, entre Deus e a serpente, entre Deus e o diabo. Resultado de uma separação, de uma clivagem, de uma diferença no ser, a consciência é a perda do Um.

No começo era Adão: Homem-mulher, ele se bastava a si mesmo. É nesse sentido que a mulher era vista no cangaço – e ainda hoje, na sociedade masculina em geral – como portadora de sofrimento, luto, errância, insatisfação, infelicidade, divisão, enfraquecimento do tesão, do sexo aloprado, fratura da economia amorosa dos encontros viris. Através de Eva, o homem conquistou a consciência, descobriu um pensamento, integrou a dualidade do bem e do mal, abandonando para sempre o estatuto de homem-natureza, homem-vegetal.

Doutor em Sociologia e Pós-doutor em Filosofia pela Sorbonne, psicanalista, Daniel Lins é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFCE. É autor de mais de vinte livros, entre outros: "Lampião o homem que amava as mulheres", "La Passion Selon Lampião", "Antonin Artaud: O Artesão do Corpo sem Órgãos", "Cultura e Subjetividades – Saberes Nômades", "Sila: Uma Cangaceira no Divã" (no prelo).

## Mais alguns pontos de vista de Daniel Lins sobre o cangaço

**José Correia** – O seu livro, 'Lampião - O homem que amava as mulheres', evidencia-se na bibliografia do cangaço como um trabalho acadêmico que utiliza a metodologia científica para discorrer sobre um assunto tão característico do imaginário popular nordestino. Quais os elementos que lhe nortearam para separar ou destacar o 'acadêmico' desse 'imaginário', que permeia ora a coletividade, ora alguns escritores?

**Daniel Lins** – Primeira coisa: não separo o "imaginário" do "acadêmico", ou histórico, mesmo porque não considero que haja separação nem dualidade. A própria história é um imenso imaginário. O mundo é primeiro sonhado como imaginário e só depois é estruturado como histórico ou acadêmico. O que tentei fazer, diante do vazio de pesquisas acadêmicas acerca de Lampião, em particular, e do cangaço em geral, foi mostrar como era possível, para além do "racismo de classe" (Bourdieu) da academia, salvo honrosas exceções, trabalhar o cangaço e Lampião segundo uma metodologia séria, numa linguagem rigorosa, sem matar a poesia da personagem nem a força do imaginário popular que criou, à sua maneira, uma constelação de lendas e contos extraordinários, cotidianos, a respeito de Lampião e do cangaço. De fato, o cangaço pouco interessou à Academia ou à história. Visto como "cultura do pobre", a história do cangaço ficou relegada a curiosos, jornalistas, autodidatas e nostálgicos de "um tempo que não volta mais", um tempo mítico. Escreve-se sobre o cangaço, mas não com, o que vale dizer que, em geral, não se escreve com, mas contra: é a escrita do julgamento, muitas vezes improvisada, pobre e sem pensamento. O resultado, salvo raras exceções, é antes negativo. Sem formação nem metodologia, guiados ora por um amor excessivo à personagem, ora por um ódio beirando o racismo, os "donos" da memória do cangaço terminaram por exilar o cangaço na sua própria diferença. Eis por que, enquanto diferença, reduzida ao folclore, o cangaço não tem dono. Assemelha-se mais à casa de Noca: todo mundo mete sua colher. O resultado, às vezes, é trágico, basta ver a quantidade de besteiras escritas nos jornais e nos "livros" acerca de Lampião e, muitas vezes por aqueles que o "admiram"! É como se dissertar sobre o cangaço não exigisse pesquisas e estudos aprofundados. É como futebol, todo

mundo é técnico. Claro, não se pode deixar de ver nisso tudo um aspecto ideológico. O cangaço no Brasil ficou, mais uma vez preso, nas mãos de uma direita não esclarecida, mesmo se, às vezes, apaixonada pelo assunto. Durante a exposição da comemoração dos 500 anos da "Descoberta do Brasil" (sic), o cangaço foi representado. Na lista de estudos repertoriados, a pesquisa séria, os estudos acadêmicos (poucos, mas importantes) e a bibliografia estrangeira, inclusive de autores célebres como Eric Hobsbawm, foi ignorada, rechaçada. A memória foi privatizada, deu-se as costas aos mais importantes estudiosos do cangaço do ocidente. Lamentável. Isto é a maneira brasileira de fazer cultura. Trabalha-se em família, em clãs. Ignora-se a pesquisa e os pesquisadores. Quanta alienação no Brasil, país dos coitadinhos!

**José Correia** – Muitos autores, assim como em depoimentos de cangaceiros como o do Sinhô Pereira, declararam que a entrada da mulher no bando de Lampião culminaria na sua derrocada. Podemos dizer que Lampião estava além do seu tempo e do seu reinado?

**Daniel Lins** – Que eu saiba Lampião foi o único a aceitar mulheres no bando. Ele provocou uma verdadeira crise, não só em relação ao Sinhô Pereira, mas ao Padre Cícero, que sempre foi contra a entrada das mulheres no cangaço. Lampião inovou e o machismo nordestino, em particular, e brasileiro em geral, uma vez mais, teve que aceitar a vontade do Capitão. Ao invés de ver nesta atitude uma "decadência" (por que os machos têm tanto medo das mulheres?), a antropologia aponta, sobretudo, para uma modernidade de Lampião oposta ao discurso oficial ("bruto, matador, analfabeto" etc) e que deveria ser analisada de modo mais aprofundado. Uma interpretação psicanalítica (cf. nosso livro "Lampião o homem que amava as mulheres") desvela os medos infantis de homens (volantes, curiosos do cangaço etc) amedrontados pelas mulheres e fixados em Lampião como um puro objeto de seus desejos. Daí por que alguns acusaram Lampião de ter traído o cangaço ao aceitar as mulheres nos bandos. Nem Freud explica!

**José Correia** – Lampião e o seu bando obtiveram, ao longo de sua história, inúmeras vitórias e derrotas. No teatro da invasão de Mossoró ele escolheu a estratégia de ‘bater em retirada’, mediante as condições desfavoráveis apresentadas naquela ocasião. O imaginário popular e alguns escritores atribuem à coragem dos mossoroenses e até à proteção divina para justificar a vitória sobre o cangaceiro mais temido. Como o senhor analisa a estratégia escolhida pelo Capitão?

**Daniel Lins** – Esta foi sem dúvida a grande falha estratégica de Lampião. Ele pisou na bola. Deixou-se hipnotizar pelo narcisismo exacerbado e pelo desejo niilista de poder. Ouviu quem não devia ouvir. Faltou sangue frio, maturidade, coisas de jovem. Finalmente, o cangaço foi um movimento jovem! Mas, no final, terminou sendo o vitorioso no imaginário contemporâneo de mossoroenses que fizeram dele seu herói: Museu do Cangaço, túmulo de “santo” Jararaca. O “bandido” de ontem tornou-se o herói maior de hoje! Do folclore ao turismo e às letras. Lampião, como todo herói, mesmo quando perde, ganha. Hoje é um cartão de visita de Mossoró! A família de Lampião – sobretudo Expedita, filha de Lampião e Maria Bonita – deveria cobrar direitos pelo uso de imagem. Pena que em matéria de turismo e de memória, os mossoroenses, através das “autoridades locais”, pisaram também direitinho na bola: as marcas das balas nas paredes da Igreja, memória tatuada da passagem de Lampião em Mossoró, foram apagadas. Taparam os buracos das balas e apagaram a memória. O templo parece mais o cemitério da memória. Sem as marcas das balas, a igreja voltou a ser o que sempre foi: insignificância. Sua história era a história das balas. Sem as marcas das balas, a igreja chora hoje de solidão. Ninguém pára mais para olhar os buracos das balas nas paredes. A ignorância ganhou e a memória foi uma vez mais, velada. Ainda bem que nenhum desvairado teve ainda a idéia de cobrir o túmulo de Jararaca...

**José Correia** – Na sua obra ‘Lampião – O homem que amava as mulheres’ observa-se uma ampla e rica bibliografia. Qual a análise que o senhor faz sobre o que já foi escrito e o que ainda pode ser escrito sobre o cangaço?

**Daniel Lins** – Como já aludimos, no Brasil a escassez de estudos sobre o cangaço faz até pena! Nas próprias Academias, o silêncio é quase total. A história, nem se fala. Escreve-se sobre o Ceará, por exemplo, nos anos 20-30 e não se diz uma linha sobre Lampião, muito menos acerca de sua amizade privilegiada com o Padre Cícero e sua ida a Juazeiro para ajudar na luta contra Prestes, durante este período. Mesmo os curiosos do cangaço, parecem mais calmos, se calam pouco a pouco. Aqui e ali uma reedição sem novidade é feita. A coisa morre por aí, mas o cangaço, apesar desse mutismo, ocupa ainda o imaginário brasileiro – e como! – para além da denegação e do desprezo de uma elite iletrada ou pouco letrada, avessa à “cultura do pobre”, basta ver a presença de Lampião e Maria Bonita no teatro, na moda, na dança e, por vezes, ainda no cinema etc. Enquanto isso, no estrangeiro – França, Itália, Espanha, Alemanha, Estados Unidos e Canadá – em dez anos, seis mestrados e cinco teses de doutorado foram escritos sobre Lampião e o cangaço. A última (Sorbonne, Paris 2002) foi premiada e publicada, alcançando um enorme sucesso. Meu livro, “La Passion Selon Lampião Le Roi des Cangaceiros”, (Editora Seuil) vendeu em dez anos mais de 30 mil exemplares, em edição de bolso. Lampião e Maria Bonita estão mortos? Viva Lampião! Viva Maria Bonita! 🇧🇷

## POESIA POTIGUAR

Mensagens de texto do livro “Mensagei-se com 160 toques”, de Leonapo d P., pseudônimo do poeta Napoleão de Paiva Sousa, com lançamento previsto para o próximo mês de março. Livro experimental, digitado em aparelho celular, usando em todos os textos o exíguo formato de 160 toques-caracteres, para falar do cotidiano, amor, sexo, humor, poesia; diagramado de acordo com o que dispõe a tecnologia celular, o que possibilita o seu uso integral – inclusive – na rede de telefonia móvel. O autor faz uma tentativa de inserir literatura no mundo virtual, estendendo o livro dos contornos do objeto clássico para a capilaridade instantânea dos meios de comunicação modernos; para isso lança mão de uma linguagem direta, coloquial e poetizada. Napoleão de Paiva Sousa é médico, compositor e poeta; natural de Alexandria-RN, lançou em 1999 o livro de poesia “Apenas Chegaram”, objeto de estudos por parte de alunos do Curso de Letras da UFRN, na disciplina do professor e poeta Márcio Dantas.

Foram tantas  
cartas & bilhetes  
& poemas  
(rimados livres  
sonetos). Paixões  
amazônicas  
Amores doridos.  
Hoje num baú. As  
vezes abro-o  
para ver minhas  
mulheres de  
papel.

Impressentido  
amor com suas  
florações  
banais/ Fúteis/ E  
logo, densa hera  
tomando a  
carne, a  
alma/ Que faz a  
amante (de  
Kawabata) dizer:  
no meu  
auto-retrato  
quero você!

Como se  
tivéssemos a  
tarde toda/A  
vida  
inteira/Para  
desfiar juras &  
carícias/Sobre  
lençóis brancos  
amarfanhados/  
Pelos cinco  
sentidos sem  
pudor/Da  
intimidade.

Me beija com a  
vontade de  
quem tem  
fome/Me olha  
com o olhar de  
sol poente/Deixa  
escapar gritos e  
sussurros/  
Rediz juras e a  
mentira velha:  
e u t e a m o!

Cálice de  
prazeres, a boca,  
tem seus  
caprichos. Com  
jogos & bicocas  
de seca pode  
fazer-se úmida  
bem úmida e  
só aí  
entreabrir-se  
para oferecer  
seu tesouro:  
a língua

Tão solta & feliz  
a mulher na  
noite/ Eufórica a  
risada da  
mulher na noite/  
Descoladíssima a  
mulher na  
noite/ Q os  
homens todos  
minguaram  
desejando a  
noite da mulher.

Para os amantes  
foi feita a tarde.  
Mais fluem as  
traições se no  
ardor da  
tarde. Nada com  
o expediente  
dos cônjuges. É  
coisa diabólica  
de Vênus – a  
estrela da tarde.

E por ti esse  
perfume  
sedutor/ E para  
ti essa calcinha  
quase  
abstrata/ Para ti  
me depilol/ Que  
me esfoliol/ Que  
mudo de batom  
de esmaltel/ E  
que me  
enfeitol/ É para  
ti.

O amor passado  
respira, por  
momentos.  
Sabemo-lo sob  
camadas,  
soterrado. Se o  
assopramos,  
pode ser que do  
seu colo cintile  
intacto um lenço  
de seda  
vermelho  
carmim

Não há como  
negar-lhes os  
méritos da  
sensibilidade,  
leveza, sétimo  
sentido, domínio  
visceral do  
amor e seus  
lavors –  
inclusive - de  
como fingir uns  
bons orgasmos

Essa desilusão é  
tão concreta  
como a tecla em  
que a  
digito. Chega a  
torto como um  
braço musculoso  
abafando meu  
impulso d  
mesmo  
humilhado pedir  
aos gritos: volta.

Enfileiram-se os  
dias, um atrás do  
outro, apressados,  
relógio de ponto  
e nada  
aliviam. Tão sem  
serventia os  
dias... além de  
enganosos. Não  
dizem que o  
tempo cura?

# Maus

Mário Ivo Cavalcanti (Publicitário)

Ilustração: Luiz Elson

Não sei bem por que, mas, numa estante imaginária, colocaria o livro de José Humberto Dutra, "Geração dos maus", entre a "Lolita" de Nabokov e "O apanhador no campo de centeio", de Salinger.

Os críticos literários torcerão o nariz para esta associação, que taxarão como gratuita e reduzirão a uma simples e banal frase de efeito.

Que seja. Nas diferenças estão as semelhanças. E vice-versa.



Pra começar, jogar Zé Humberto na mesma arena de Nabokov e Salinger é render-lhe uma homenagem que transcende o fato de ser ou não ser justa. É nossa parcela de veneração silvícola aos deuses brancos da cultura ocidental, sempre mendigando a aprovação do outro civilizado – especialmente se o outro é famoso e consagrado. De famosos, as colunas sociais que latifundiam nossos cadernos culturais, estão cheias, aliás, superpovoadas e faturadas. Sobre consagração e seu oposto, Cascudo já jogou sua pá de cal sobre o tema e deu um veredicto final.

Além disso, não existe nada, absolutamente nada, na nossa plantação de jerimums, comparável ao vigor e à crueza de “Geração dos maus”. E duvido que se repita, senão como farsa.

Daí a tríade Dutra-Nabokov-Salinger. Ou Carlos-Humbert- Holden, protagonistas de histórias que têm mais em comum do que uma leitura superficial poderia apontar.

O velho Humbert está meio deslocado, na companhia dos dois adolescentes. Na verdade, não tanto quanto Kubrick e Lyne nos fizeram fantasiar, ao emprestarem o personagem às interpretações nem sempre fiéis de James Mason e Jeremy Irons, nas duas versões cinematográficas. No livro, Humbert tem 37 anos quando uma onda azul ergue bem alto seu coração, ameaçando jogá-lo goela afora em três saltos pelo céu da boca: Lo-li-ta. Amor nínfco à primeira vista: Ajoelhada sobre uma esteira, seminua em meio a uma poça de sol.

Holden Caulfield – que também teve uma visão molhada de Jane Gallagher

de bruços na beira da piscina do clube – tinha 16 anos quando foi expulso do colégio interno e vagabundeou durante três dias em sua Nova York natal, adiando o quanto pôde o reencontro com o pai.

Também Carlos não se entende com o pai, sempre “carrancudo e imponente”, implacável, incapaz de perdoar qualquer deslize, o diálogo com o filho resumido a gritos e reclamações. Ódio. Dezesseis anos e já sinto ódio.

Todos os três são filhos de pais ricos. O do francês Humbert era dono de um hotel de luxo na Riviera. O de Caulfield, advogado – só faz ganhar um dinheirão, e jogar golfe, e jogar bridge, e comprar carros, e beber martinis, e fazer pinta de bacana. O pai de Carlos, na sua própria definição, é um pobre rico: muito dinheiro e pouco espírito. Trabalha e não gasta quase nada.

“Lolita” é a odisséia de um homem em busca da ninfeta perdida, achada e perdida novamente. Os fatos narrados concentram-se no período que vai de agosto de 1947 a agosto de 1948, quando o velho fauno e sua ninfeta percorrem mais de 43 mil quilômetros de puritanismo americano, e daí até o ano seguinte, quando estacionam numa cidade universitária, para reiniciarem a fuga após alguns meses e Humbert se encontrar privado, para sempre, de sua “redenção”.

A odisséia de Holden Caulfield é bem mais curta – vai de uma madrugada de domingo à quarta-feira seguinte. Como Humbert, o adolescente deseja se manter “incógnito”, de preferência em hotéis de quinta categoria, povoados por tarados, malucos e pervertidos. Tudo que Holden

quer é prolongar ao máximo o que lhe resta da liberdade recém-adquirida que a expulsão do internato lhe proporcionou – e saber para aonde vão os patos que vivem no Central Park quando o lago congela.

“Geração dos maus” narra a odisséia de Carlos na província natalense, onde nada existe para se fazer. Esperar que o sol nasça e se ponha e – Muitos são empregados nesse rendoso trabalho. Começa com uma aventura, a aceitação na turma dos motoqueiros transviados – que para o personagem é o símbolo da “vida livre” – e termina numa quase via crucis, sob a acusação de estupro. A vida pequena na cidade provinciana permite tudo, menos permanecer incógnito. Quando saía à rua era apontado por todos como transviado, degenerado e outras gentilezas por aí a fora. Ironicamente, tudo que Carlos deseja, no início do livro – fazer parte da turma, ser reconhecido (Ele falou comigo. Ia com os transviados. Agora, todos os que viram aquela cena vão me respeitar) – servirá, ao fim, como comprovação do crime do qual será acusado.

A província. Quem vem do Rio ostenta um certo orgulho em chiar. Discute-se futebol, mulheres, futebol, mulheres – e lamenta-se a inexistência de uma loja de aluguel de roupas de festa, sinal do atraso da cidade. A crítica ao provincianismo rende frases memoráveis: Não é mole amar dentro de um Volks. As pernas ficam em cima da janela. Ao constatar que Gegê, o colonista social, não tem carro: Veado de província é pobre.

As opções são paupérrimas: Meia-noite. Ribeira. Estou sozinho. Andei pelos cabarés de toda a cidade: Ideal, Rosa de Ouro, Alabama. Amanheci atravessado na cama de uma mulher feia. A cabeça rodava. A boca amargando.

Bebe-se. Fuma-se. A turma de Carlos bebe Bacardi, carta ouro, porque carta branca “dá disenteria”. Quando podem – isto é, quando na companhia da “veadagem” – uísque “Cavalo Branco”. A bebida predileta de Humbert Humbert é o “abacagim”, bem condizente à sua tragédia de homem ridículo – ou “viúvo de cor branca”, como se auto-define. Quando os garçons americanos lhe servem, Holden Caulfield bebe uísque com soda. Ou rum. Como quase nunca é atendido – está na América, os garçons são ciosos da proibição de vender álcool a menores – se contenta com uma coca-cola. Mas insiste: Vê se taca um pouco de rum nesse negócio, tá? Não posso ficar num lugar micha como esse completamente a seco... Vê se taca um pouco de rum, tá?. A lei seca não impede que o relato de Caulfield seja recheado de expressões como “enchendo a cara”, “bebendo como uma esponja”, “fumando como uma chaminé”, “num tremendo pileque”. Humbert fica bêbado na sua primeira noite de viuvez, mas não encontra nenhum bar no hotel onde se hospeda com sua ninfeta, na expectativa de um primeiro contato íntimo. Invés, covarde, entupirá a pequena Lô de pílulas pra dormir.

A tradução – simpática – do “Apanhador” é de Jório Dauster e outros. A de “Lolita” é também de Dauster. A de “Geração dos maus” tem em Zé Humberto sua mais completa tradução. Nabokov dedica seu

romance “para Véra”. Salinger, à mãe. Dutra, ao pai.

O russo escreveu outros livros, mas ficou famoso mesmo – e consagrado – com a história de Humbert. Também Salinger, ainda mais famoso pela sua fama de eremita. Zé, reza a lenda, descreveu sua geração em quinze dias, aos quinze anos. Depois, descansou, sumiu, calou, virou advogado e, graças ao editor Abimael Silva, a figura mais importante para as letras potigüares depois de Cascudo (só para render nossa parcela de homenagem ao outro consagrado), renasce das poeiras das estantes.

Os três: nada de sexus, plexus, nexus. O negócio aqui é sexo, sexo, sexo. Humbert Humbert ama as meninas, especialmente entre os nove e os catorze anos, mas não todas – senão os viajantes solitários, os ninfoleptos, teríamos há muito enlouquecido. A natureza da ninfeta é diabólica, os sinais, inefáveis: a curva ligeiramente felina de uma maçã do rosto, uma perna graciosa coberta de fina penugem. Humbert sente-se atraído por todas as ninfetas. Romântico, terminará excluindo todas, para se dedicar, até morrer, a somente uma. Se reconhece desprezível, brutal, torpe – “um monstruoso pentápode” – mas é sincero ao afirmar que por trás de sua tara e obsessão se revela um amor verdadeiro. Por Dolores, Dolly, Lolita.. A ninfeta de seios “florentinos”.

Holden Caulfield é virgem. Gosta de Jane Gallagher, a quem quase beija. Tem um encontro desastrado com a prostituta Sunny, com quem quase transa. Namorou muito tempo com Sally Hayes, só para descobrir que sempre vai

achar inteligente a garota com quem está se “esfregando” – o que depois será desmentido. Como diz Carlos: É sempre bom beijar quem nunca beijamos. Temos a sensação de estarmos apaixonados.

A descrição anatômica de Caulfield é parcimoniosa, discreta, quase lacônica. Jane tem “um corpo infernal” (em um certo momento, ele suspeita que o padrasto da menina poderia ter tentado alguma coisa com ela). Lillian Simmons, a amiga do irmão mais velho, tem “uns peitões enormes”. Sally tem uma “bundinha”, “bonitinha”. Para ele, “Romeu e Julieta” é uma peça “meio cheia de sexo”. Os bares e hotéis que frequenta nos seus três dias de liberdade estão lotados de prostitutas, veados e tarados. Um ex-professor conclui seus conselhos filosóficos com um carinho na cabeça de um Holden adormecido – Conheço mais tarados, nas escolas e tudo, do que qualquer pessoa, e eles sempre resolvem ser tarados na hora que eu estou por perto. Sexo é um troço que não entendo mesmo, parece repetir em continuação Caulfield enquanto atravessa o campo de centeio. Quem sabe o que pensaria de Humbert Humbert.

Carlos é ainda mais cru do que Holden. Não perde tempo falando de suas taras ou de como perdeu a virgindade. Se o segundo sonha em apanhar garotos distraídos, prestes a cair num abismo – daí o título do livro de Salinger – o primeiro alterna seu cotidiano entre a roleta russa dos semáforos e “apanhar domésticas”. Para Carlos, os moradores da província têm muito mais motivos para serem “transviados”. Cinema, praia e domésticas dispostas – o resumo da vida na província – se não vierem

acompanhadas de mais nada, nos deixam mais sós, mais tristes, mais desesperados. Em Nova York, na Grande Maçã de Holden, a vida não é muito diferente. Ao menos para quem tem 16 anos de idade. Os garçons se recusam a servir bebida alcoólica. Seja na “buate” de quinta, seja no badalado Ernie’s, no Greenwich Village. Também Humbert se sente obrigado a apresentar algum documento que prove uma relação mais aceitável com a ninfeta com quem dormirá em algum motel de beira de estrada – e olhem que ele chegou a pernoitar em ao menos trezentas pensões familiares, motéis e hotéis. É ele quem pede ao leitor para colocar-se no seu lugar, referindo-se a si mesmo como uma corça assustada. Holden no Ernie’s: “cercado de imbecis”. Carlos e um amigo, numa festa em João Pessoa: cercados de veados por todos os lados.


As colegas de escola de Caulfield rendem apenas “esfregações”, mas relacionar-se com mulheres mais maduras ou mesmo prostitutas não é fácil. A situação de Humbert é ainda pior – “as fêmeas humanas”, adultas, com quem lhe era permitido manusear eram apenas paliativos. Mesmo encontrando uma ninfeta, o problema não tardaria a manifestar-se: ultrapassada a barreira dos “catorze”, a ninfeta se transformaria em “mocinha”, e, “depois – horror dos horrores – numa ‘estudante universitária’”. A pélvis se alargaria, a voz perderia seu tom estridente e seu vocabulário primário, a meia soquete seria trocada – horror dos horrores – por alguma meia-calça vulgar, e deixaria de esconder-revelar aquele ossinho

tremelicante do lado de seu tornozelo coberto de poeira.

Em comparação com os outros dois, Carlos vive o sexo sem grandes conflitos, de um modo quase banal. Empregadas ou garotas de programa são tratadas igualmente. Um passeio de moto ou no carro emprestado, um desvio para o mato ou a beira da praia, uma equação simples, fácil de resolver, telegraficamente – Começamos a nos beijar. Pouca resistência. Quase nada. Lúcia surge num baile de carnaval para mudar esse cenário. A primeira namorada tem um “corpo lindo”. Por ela, vale até colocar um escapamento novo na motocicleta. As garotas de programa oferecem pouca resistência e nenhuma dúvida – Se não [são de programa], a gente inicia. Magnólia, a chata da vizinha, “tinha boas pernas”, uma virgem a menos no mundo, quem se importa? Um colunista social, “veado”, introduz a turma nas festas dos ricos de então. Entre histórias de cornos, bebidas e Dexamil (“acelera as pulsações”), um bacanal, troca de casais, homossexualismo. É a “civilização”, filosofa Carlos. Manuela é mulher de um industrial. Regina é a nova namorada. Estela, a mãe de Regina. Um dia, Estela o convida ao quarto, enrolada numa toalha que não esconde tudo. Ou nada. Não deu tempo pra falar. Deitou-se na cama e abriu a toalha. Por que não as duas? Por que não todas? E quem sabe a negrinha doméstica, os peitos bem durinhos e pretinhos, balançando dentro do vestido solto? Luísa era de programa, mas não dava na pinta. Bonitinha, loira de olhos verdes, funcionária das Lóbrás. Em João Pessoa, na tal festa, cercados de veados por todos os lados, boca-livre-total: Pode

não parecer, mas andar com veados é um grande negócio. Tiram par ou ímpar pra saber quem vai transar primeiro com uma garota que encontram na estrada – lourinha, as calças compridas, bem apertadas, salientavam as formas. A blusa transparente deixava ver o soutien. Mais uma namorada, beautiful: Marta era normalista. Vão ao cinema, sessão das seis – Não vi nada do filme. Só o clássico the end.

O sexo levará Humbert à prisão – “enfermaria psiquiátrica”. Daí para a morte é só um pulo – e as páginas inesquecíveis de “Lolita”. Carlos termina sozinho, o cerco fechado, o mundo inteiro sobre os ombros, acusado de um crime sexual que não cometeu. Humbert assume seu crime. Quer ser apanhado. Carlos nega o crime. Sua história é a sua defesa, deixada para o capítulo final. Holden sente pena de ter contado sua história a tanta gente. No final, que importa? A gente acaba sentindo uma espécie de saudade de todo mundo que entra na história, todo mundo que estava lá, que apareceu, mesmo que numa frase, num parágrafo, na nossa história. Saudades de Carlos, Humbert, Holden. Pra matá-las, procure na estante: “Geração dos maus” deve estar nalguma prateleira, entre “Lolita” e “O apanhador no campo de centeio”. Apanhe-os. Antes que caiam no abismo. Ou se deixe apanhar. Antes que você caia no abismo.

Ah! A propósito, Holden Caulfield não só não descobre pra onde vão os patos quando o inverno desaba sobre New York, como não encontra nem um no Central Park. E quase cai no lago. Bêbado. Mau. 



# O álbum

**Sônia van Dijck** (Professora da UFPB, Doutora em Letras)

Ilustração: Venâncio Pinheiro

Levou enorme susto ao abrir a porta e encontrar a sala completamente em desordem. Gavetas no chão. Uma cadeira virada. Um abajur dentro de uma caixa sobre a mesinha de centro. Outra caixa fechada em cima do tapete. A cara assustada da empregada tranquilizou-a por uma fração de segundo: pelo menos, não eram ladrões.

- Não pude fazer nada, dona Solange... Ele foi entrando...
- De que diabo você está falando? O que está acontecendo?
- É o doutor Carlos. Agora, está lá no quarto.
- Mas que diabo está havendo? – pensou, entre dois passos até a porta do quarto.



A cena era inacreditável: Carlos em mangas de camisa, pois jogara o paletó em cima da cama, estava na escadinha de serviço, revirando o maleiro do guarda-roupa. Toalhas, lençóis, fronhas, espalhados pelo chão, enquanto ele atirava algumas peças dentro de uma mala aberta junto da escada. De olhos arregalados, Solange ouviu:

- Está pensando o quê?... toda essa roupa de cama não vai ficar pra qualquer um se deitar com ela... ah! isso não vai, não! Levo o que comprei de melhor nesses anos todos; não vou deixar pro primeiro descarado aproveitador que aparecer.

Os olhos de Solange passaram da mala para o caos instaurado no chão.

- É mesmo uma merda! Ele está tirando peças dos conjuntos como se fossem independentes. É muita burrice! Vou gastar uma nota preta para refazer a roupa de cama e de banho – pensou, enquanto recuava em direção à copa, onde a empregada já estava refugiada.

Não haveria segurança se desafiasse a fúria confiscatória de Carlos. Teria mesmo que comprar tudo outra vez; daria as peças descasadas para a empregada. Por que não trocara a chave do apartamento? Logo após terem assinado a separação, quando Carlos apareceu para pegar suas últimas coisas que lá ficaram esperando que ele saísse do hotel para seu próprio apartamento, deveria ter trocado a fechadura. Pedir a chave da porta de entrada... nem pensar - alguma coisa no jeito de Carlos informava que ele jamais aceitaria de bom grado aquele pedido.

Já havia sido difícil ele aceitar a separação. Via-se agora como uma estúpida displicente; pensara na história de trocar a fechadura um milhão de vezes nesses últimos seis meses; uma coisa hoje, outra amanhã...

- Na próxima semana, chamo um homem para fazer o serviço. – planejava sempre.

E o tempo foi passando. E, agora, esse desmantelo, que lhe daria uma despesa não pensada, para organizar tudo outra vez: novo abajur para o canto da sala, novos conjuntos de cama e de banho. Em direção à copa, notou que o armário de copos e taças estava aberto; só então se deu conta de que estava desfalcado; voltou-se para a caixa fechada no meio da sala de jantar, em cima do tapete:

- Tomara que tudo se quebre. – pensou, quase que em forma de oração.

Ele deve ter escutado alguma fofoca. Alguém contou sobre Eduardo, que, aliás, ainda nem dormiu no apartamento – concluiu, em rápida avaliação.

Ela vinha preferindo, graças às suítes incrementadas dos motéis, adiar a noite seguida do café da manhã em casa.

Desfigurado, suado, descabelado, Carlos assomou à porta da copa. Queria mandar a empregada pedir, pelo interfone, algum funcionário da segurança para ajudar com a mala e as caixas. Quando viu Solange sentada à mesa, deixou a ordem para depois; preferiu, primeiro, vomitar meia dúzia de impropérios, do tipo “Está pensando o quê? que seu amante vai se espojar nos lençóis que eu comprei? que vai se enxugar, depois da trepada, nas melhores toalhas? Está pensando que ele vai tomar vinho nas taças que me custaram uma fortuna? Pois você que compre um abajur barato, para iluminar a descaração lá na sala, e lençóis finos pra quando for trepar com ele.” E mais um monte de coisas, cuja maior significação Solange encontrava no reconhecimento da distância entre esse homem tão inutilmente colérico e Eduardo, sempre racional, comedido, gentil e tolerante diante de suas fraquezas e adiamentos.

Foram três anos de medos e dúvidas antes da separação. Eduardo, paciente, havia esperado. Ela havia dito a Carlos apenas que a relação deles não fazia mais sentido; que ambos haviam mudado; eram, então, dois desconhecidos; que ele vinha preferindo cada vez mais seus compromissos profissionais a uma vida pessoal e afetiva. E ainda conseguiu engendrar mais alguns ressentimentos, sem dar qualquer pista de que havia outro que a encantava com versos, lua, canções e muito carinho. Mas, parece que ele, agora, já sabia qualquer coisa. Teve vontade de dizer que ele podia fazer a mudança completa, levar tudo. Estava

plena da certeza de uma grande paixão, de muito carinho. O apartamento poderia ficar vazio; compraria tudo outra vez. Bem que podia comprar tudo novo. Mas, antes, até que poderiam fazer amor no chão, e Eduardo faria alguma piada acerca do banho sem toalha, e os dois dariam boas risadas, enquanto se secassem com algum pano de prato não confiscado por ter custado quase nada.

Advertida pelo barulho da porta, levantou-se para conferir o saque. Mandaria mudar a fechadura imediatamente; não adiaría mais um dia. Mas, antes era preciso ver o que restara no quarto.

O álbum de casamento estava no chão, ao lado da mesa de cabeceira que fora dele. As imagens congeladas estavam num passado que, de tão distante, lhe parecia estranho.

- Para que guardar isso? Vou dar um fim. Na lixeira do prédio, pode dar falatório.

Antes de fechar o guarda-roupa, que Carlos deixara aberto, olhou-se no espelho da porta: estava em ordem. Pegou o álbum, grande, pesado, capa de muito luxo (Carlos sempre gostava de aparência grandiosa) para colocar na mala do carro. A caminho do chaveiro, jogaria numa caçamba de recolher lixo na rua.

Não reparou em nenhuma caçamba no caminho. Estava distraída? Bobagem. Jogaria fora amanhã. Agora, era hora de resolver a questão da chave, para evitar outros ataques. Nem queria pensar se, um dia desses, Eduardo estivesse lá e Carlos abrisse a porta... Precisava avisar à administração que Carlos não morava mais no apartamento - e lá ia sua vida particular para a boca dos funcionários do condomínio - fazer o quê?... Já deviam ter notado que o Dr. Carlos não entrava mais na garagem no fim do dia e nem nas madrugadas.

E lá foi ficando o álbum na mala do carro, porque estava com pressa, porque não podia parar no cruzamento, porque estava esquecida daquela bagagem do passado.

Eduardo queria uma lua-de-mel em grande estilo. Veneza, Roma, Paris, Lisboa, Coimbra, Amsterdam, Londres... Foi tirar o passaporte. Ao sair do carro, no estacionamento da Polícia Federal, viu, do outro lado, o container, e o álbum foi fazer companhia àquela variedade de copinhos, restos de comida, guardanapos, papéis amarrotados, sacos plásticos embalando lixos impensáveis... ou impronunciáveis...

O Velho Mundo lhe pareceu renovado e descobriu passeios e bares românticos. Nada como uma paixão! muito carinho! E os vinhos, com mil votos de namorados... E os molhos afrodisíacos, com certeza, pois a volta ao hotel sempre era apressada...

- É dona Solange de Castro?

- Sim! quem está falando?

- Aqui é o agente Figueiredo, da Polícia Federal. É que foi encontrado em um container um álbum de casamento que pertence à senhora.

Um frio percorreu a espinha de Solange. Quando voltou da Europa, foi jantar na casa de sua mãe; ficou sabendo que recebera a visita de um enxerido. Pensou que o assunto estivesse esquecido, com a Polícia Federal tendo tantos casos para investigar, e tendo sua mãe explicado que ela não tinha interesse em recuperar o tal álbum, mas preferindo silenciar sobre seu novo casamento.

- E daí? Por que o senhor está me ligando?

- Para devolver o álbum à senhora. Conseguimos identificar o fotógrafo pelo

adesivo colado na última capa. Daí para o atual endereço dele foi fácil, através da investigação dos alvarás desse tipo de empresa. Ele se lembrou do casamento da senhora, quando viu o álbum; parece que era ou é amigo de sua família, porque nos deu imediatamente o endereço de sua mãe, que é, aliás, uma senhora muito simpática e até me serviu cafezinho. Pois então, dona Solange, foi a mãe da senhora quem me deu seu telefone. Já liguei várias vezes; depois, verificamos que a senhora estava no estrangeiro. Ontem, ficamos sabendo que havia voltado na semana passada. Por isso, estou ligando hoje.

Difícil explicar para o eficiente araponga que não queria mais relação com aquele passado. Melhor ser direta:

- E daí? Eu não quero esse álbum. Fui eu que joguei no lixo. O casamento que está nesse álbum já se acabou faz um bom tempo.

- Nesse caso, dona Solange, a senhora poderia me fornecer o telefone de seu ex-esposo? Poderíamos entregar o álbum a ele; talvez queira guardar.

Grande merda! Como fazer aquele cretino conservador e introneterido entender que seu ex-marido havia abandonado o bendito álbum, quando lhe saqueara o apartamento?

- Lamento, mas não sei o número de meu ex-marido. Mas, o senhor poderá descobrir. Ele não tem interesse nesse álbum.

- E a senhora não tem mesmo interesse em recuperar o álbum?...

- ...

Vontade enorme de dizer um palavrão... mas, se o imbecil interpretasse como

desacato à autoridade? seria confinada numa cela com aquele álbum sobre o cimento, como se fosse a lembrança de seu hediondo crime contra os valores cristãos.

Nada de devaneios. O cara é um pulha, não entende nada. E por que diabos este sacana não vai investigar onde mora aquele saqueador de roupa de cama e banho?

- De qualquer modo, vamos deixar seu álbum guardado durante os próximos quinze dias. A senhora pode procurar no endereço que vou passar. Depois desse prazo, o material será encaminhado para incineração. Anote, por favor:

... Pra quê? Além do mais, Eduardo sairia do banho de um minuto para outro, e nem papel e lápis costumava ter na mesinha de cabeceira. Aquele agente parecia cumprir uma missão transcendental, metafísica, fenomenológica, escatológica...


- Que saco!...

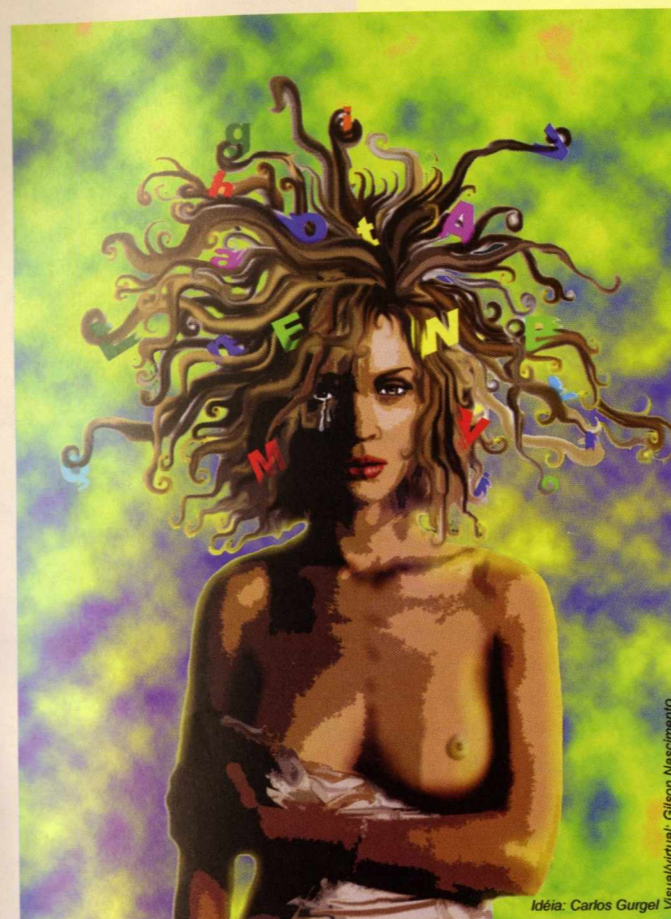
- Pode dizer. - E acendeu um cigarro.

.....  
- Boa-noite, senhora. Passar bem.

- Quem era? - Eduardo perguntou, com uma toalha nova enrolada na cintura.

- Era engano. Precisei explicar ao sujeito que ele havia discado o número errado, pois o assunto não tinha nada em relação a mim. Acho que não acreditou.

E começou a contar os quinze dias para o fim anunciado. Gentileza da Polícia Federal. Riu por dentro. Entregou-se ao abraço... 



## Nei Leandro de Castro (Escritor)

Ilustração: Gilson Nascimento, sobre idéia de Carlos Gurgel

**A**os 37 anos, Beatriz era uma mulher bonita. Dessas que às vezes têm de suportar o peso das cantadas chulas nas ruas, nas calçadas, quando a libido dos operários de obra atinge níveis assombrosos. O Leblon, onde ela morava, estava começando a se encher desses pobres machos que admiravam a beleza feminina de maneira muito rude. Beatriz era médica, casada com médico, e a boa situação financeira do casal permitia doces extravagâncias: férias na Europa, cruzeiros pelo mar do Caribe, fins de semana em pousadas de Paraty, bons vinhos tintos aconchegados em adega climatizada com capacidade para mais de cem garrafas. Nos últimos dois anos, esses prazeres a dois começaram a ficar mais espaçados. Às vezes o marido tinha crises de ciúmes, outras vezes agia como se tivesse namorada ou namoradas. O certo é que já não se entendiam bem e a frequência dos jogos amorosos reduzia-se cada vez mais. Por amor-próprio, por vaidade ou talvez por desamor, ela não reclamava.

Foi nas páginas de um suplemento literário que Beatriz tomou conhecimento de um laboratório de poesia. Lembrou-se do pai, que amava os velhos poetas brasileiros, pensou nos livros, teses e tratados de Medicina, precisos como uma dissecação, com informações valiosas, mas sem nenhum prazer de leitura. Inscreveu-se no laboratório, horário noturno, duas sessões por semana. No primeiro encontro, quase abandona o curso. O responsável pelo laboratório, um poeta magro, de olhos arregalados, como se a platéia lhe metesse medo, dissertou sobre textualidade, contudística, em seguida ilustrou a explanação com poemas de sua autoria. Beatriz não gostou da teoria nem da prática, mas resolveu dar outra chance ao laboratório. Iria assistir à segunda aula e se fosse mantido o nível da primeira, ela estaria fora.

O segundo encontro foi agradável, cativante... O poeta de olhos esbugalhados ensinou as formas de metrificacão, começando com a redondilha menor, de cinco sílabas, até o soneto alexandrino, com suas cesuras, seus hemistíquios, quartetos, tercetos. Nossa, pensou Beatriz, mais difícil do que acertar um diagnóstico num quadro clínico assintomático. Mas a aluna exigente gostou. Principalmente quando o poeta citou Olavo Bilac, que burilava o verso alexandrino como um ourives. De repente, emergiram de sua memória afetiva poemas que o pai recitava, com voz grave e

# A mulher que amava a poesia

gestos largos, nos almoços de domingo, cercado da família e de amigos. Pediu permissão ao professor e disse em voz pausada:

*Quando uma virgem morre, uma estrela aparece,*

*Nova, no velho engate azul do firmamento.*

*E a alma da que morreu, de momento em momento,*

*Na luz da que nasceu palpita e resplandece.*

O professor arregalou ainda mais os olhos quando Beatriz (que bela declamadora!) foi adiante e arrematou com o terceto:

*- Piedade! Elas vêm tudo entre as moitas escuras...*

*Piedade! Esse impudor ofende o olhar gelado*

*Das que viveram sós, das que morreram puras!*

Em seguida, antes que causasse embaraço ao mestre, Beatriz identificou o soneto e o seu autor. Explicou ainda que havia passado toda a infância e parte da adolescência ouvindo o pai recitar aquele e muitos outros sonetos de Olavo Bilac, a quem ele chamava de “príncipe dos poetas brasileiros”.

- Ai, que príncipe! – disse uma invejosa, arrancando risos dos outros colegas.

Depois do laboratório, parece ter havido uma alteração em alguma parte do cérebro de Beatriz. Ela passou a comprar, sistematicamente, todos os livros, todas as antologias de poetas brasileiros, a partir do parnasianismo. Saiu mapeando a poesia, até chegar em Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto. Grandes paixões. Mas amou mesmo Drummond, que elevava a poesia a alturas inatingíveis, sem abandonar a linguagem simples, a metáfora comedida. Como seria Drummond como homem? Olharia para ela, decotada, calça bem justa emoldurando o corpo, e lançaria um olhar de poesia em sua direção, em vez de cantadas chulas? Ah, hoje o poeta Drummond é apenas uma estátua em Copacabana, e como dói! O marido achava tudo aquilo uma loucura. E aproveitava para aumentar suas fugas, suas chegadas em casa pela madrugada, sua indiferença conjugal.

Depois da viagem através da poesia brasileira, Beatriz aperfeiçoou seu francês, para ler Rimbaud e Baudelaire. Seu inglês era suficiente para ler e amar um poeta denso, profundo, chamado T.S. Eliot. A língua espanhola não era obstáculo para entender a alta poesia García Lorca, Antonio Machado, César Vallejo e Pablo Neruda. Pena que ela não tivesse um pouco mais de tempo para aprender alemão e ir ao encontro de Rainer

Maria Rilke. Para Beatriz, traduzir poesia era uma ação sempre bem intencionada, mas que levava ao embuste. Era traição, como diziam os italianos. Achava impossível um tradutor brasileiro, por mais talentoso que fosse, manter o enlevo das vogais e consoantes, a chama, a flama de um verso como este: “*Ce soir, la lune rêve avec plus de paresse*”. Ou este: “*J’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans*.” Assim como Baudelaire, Drummond era intraduzível. Nenhum idioma estrangeiro poderia revelar com exatidão o fulgor, o desespero, a ressonância desses versos: “*Os desiludidos do amor! estão desfechando tiros no peito. / Do meu quarto ouço a fuzilaria.*”

E agora, Beatriz?, perguntou a si mesma, à maneira de Drummond. O exercício da medicina estava relegado a um segundo plano, o marido dava cada vez mais demonstrações de impaciência, de revolta, diante de tantos livros, tanta extravagância em forma de poesia. Foi quando ela descobriu que podia encontrar poesia e poetas pela Internet. Por que não havia pensado nisso antes, sua tonta? E começou uma nova busca da poesia, pelos caminhos da informática, o que só lhe exigia um pouco de paciência para descobrir poetas e verba para mandar buscar seus livros, em livrarias e editoras de norte a sul do país. Impaciente ela não era. E não precisava da ajuda do marido para comprar toda a safra atual e futuras safras da poesia brasileira sem lugar nas prateleiras das grandes livrarias. Na sua busca de internauta, conheceu bons poetas, excelentes poetisas, mas ninguém que a levasse ao êxtase de uma descoberta. Um amigo seu já lhe dissera: “A descoberta de um novo poeta é mais importante do que a descoberta de uma nova constelação.” Beatriz estava decidida a descobrir em jornais eletrônicos, home pages, e-mails e blogs poetas que valessem mais do que uma nova galáxia.

Numa de suas buscas, de madrugada, ela leu numa home page dois poemas de Heitor Costa. Encantou-se, particularmente, pelo erotismo forte, sem véus, sem meias palavras – um caso raro, sem tradição na poesia brasileira. Será que havia descoberto uma nova constelação?, perguntou a si mesma, exausta mas feliz. Para conseguir o e-mail do poeta, passaram-se dois dias, os mais longos de sua vida. Depois, o computador se encarregou de tornar os acontecimentos muito rápidos, muito fáceis. Escreveu ao poeta, perguntando se ele tinha livros publicados. Se sim, não os queria de graça, por favor mandasse dizer quanto custava. Trancado em seu quarto, mais solitário do que o

último dos homens, Heitor respondeu. Foi frio como um mau vendedor: disse que tinha quatro livros de poesia e cada um custava vinte reais, fora os custos da remessa.

Negócio feito, livros recebidos e lidos com entusiasmo, começou o relacionamento virtual. Ele morava num pequeno município de São Paulo, perto de São José dos Campos. Cinquenta e dois anos de idade, três casamentos desfeitos, deprimido na maior parte dos seus dias, Heitor tentava conciliar antidepressivos com álcool. Só a poesia o salvava, mas a intervalos cada vez maiores. Beatriz sentiu-se enamorada. Ficou mais exuberante, trouxe de volta as armas de sua sedução, escreveu longos e-mails, que recebiam respostas curtas, mas com uma força poética a que ela não estava acostumada. Meu Deus, esse homem triste e imensamente amoroso me fascina, dizia ao se deitar, para repetir a frase tão logo abria os olhos. O marido já não dormia na cama de casal e ela, com a imaginação, preenchia o seu lado direito com o poeta distante e solitário. As cartas eletrônicas passaram do romantismo, das doces revelações pessoais, para uma sensualidade que não tardou a atingir um erotismo tão explícito quanto os poemas de Heitor Costa. Os dois se excitavam diante dos e-mails recebidos como se estivessem nus, abraçados, entre gemidos, sussurros, palavras. Crie juízo, dizia Beatriz a si mesma, para em seguida sorrir e dizer: “Não crie não, vá em frente, que está muito bom.”

A sensibilidade, a tensão erótica e o enlevo passional quase causavam perdas e danos a Beatriz, quando Heitor lhe mandou um poema escrito só para ela, com o título de “Eu, tu, Eros”. Nos versos finais, ele dizia:

*As tuas pernas estavam abertas, comportas abertas,*

*e com elas poderias deter um exército de faunos*

*com suas flautas doces, com suas armas em riste.*

*Sorrias. Eros gargalhava. O amor me tornava triste.*

Apaixonados virtualmente, marcaram um encontro no Rio de Janeiro. Beatriz disse que pagaria todos as despesas e Heitor aceitou, sem culpa, sem vergonha, como aceitara os oitenta reais da venda dos seus livros. Com uma valise pequena, mesmo para quem vai passar poucos dias, desembarcou no aeroporto do Rio e de longe identificou a musa. Belíssima. Já a conhecia de fotos enviadas por e-mail, as mais recentes de uma nudez exuberante, sem comedimento, como o erotismo de seus poemas. Beijaram-se e ela sussurrou: meu poeta querido. Ele achou que deveria ter tido uma ereção, mas talvez o álcool e os antidepressivos estivessem inibindo o seu desejo. Descobriu,

não sem sofrimento, que aquela mulher linda e sedutora não significava nada para ele. Atualmente, só uma paixão o imobilizava, invadia seus silêncios, povoava sua solidão: a paixão descrita por Manuel Bandeira num dos seus mais famosos poemas.

Na direção do carro de luxo, risonha e desinibida, Beatriz descreveu o Rio de Janeiro, falou das paisagens e dos encantos da cidade maravilhosa, tagarelou sem tomar fôlego. Abstraido, olhando para dentro de si mesmo, Heitor não prestava atenção às palavras nem ao belo perfil da mulher. Mas ouviu bem quando ela disse que havia belos motéis na cidade.

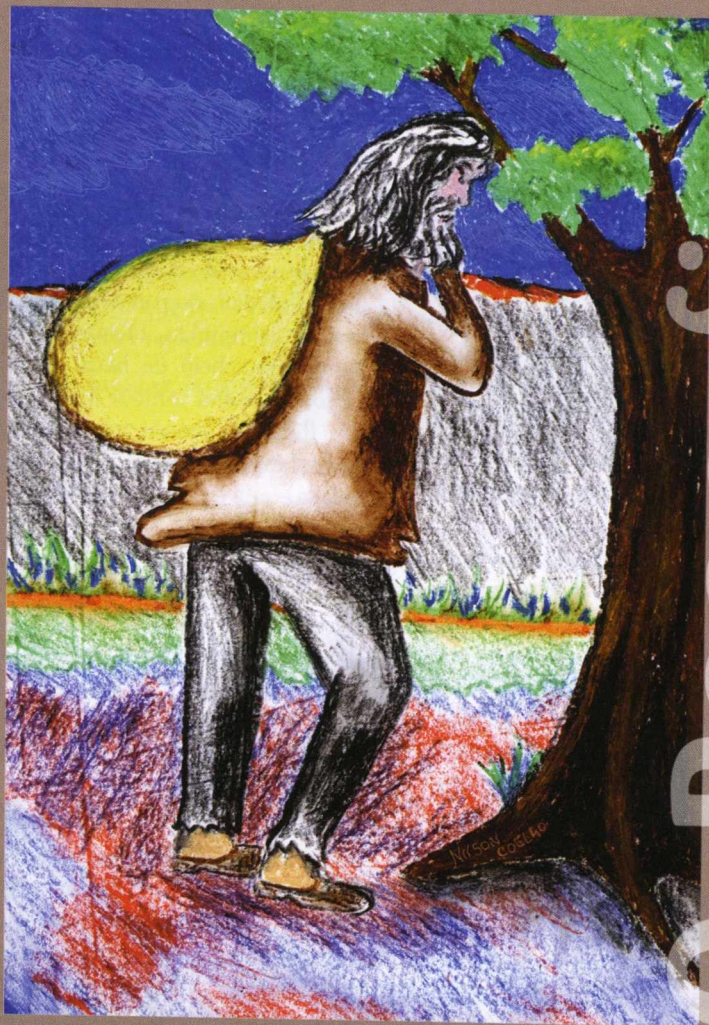
– Primeiro, um bar – ele pediu. Estava sentindo toda a tristeza do mundo, mesmo ao lado de uma mulher que poderia levá-lo ao paraíso, como a musa de Dante.

Ela ousou levá-lo ao bar da moda, no Leblon, onde havia o risco de o marido encontrá-la ou ela se deparar com amigos do casal. E daí?, riu para si mesma, também posso encontrá-lo com meninhas. Heitor achou o bar muito pequeno, barulhento, cheio de barris de chope amontoados, uns garçons metidos, como se fossem sócios da casa. A conversa não fluíu, ela tentou umas carícias por baixo da mesa, mas foi repelida. Beberam três chopes, pediram mais uma rodada.

– Alguma coisa errada com você, poeta? – ela perguntou, levantando-se para ir ao banheiro.

Ele disse não com um gesto de cabeça. No banheiro, ela chegou à dolorosa conclusão de que havia um abismo entre o virtual e o real. Heitor era um bom poeta, um ótimo parceiro de e-mails, mas com certeza uma companhia desagradável. Era frio e mudo como um cadáver. Triste como uma estátua erigida ao deus da tristeza. E agora, Beatriz?

Em sua mesa, sob o ruído desagradável de muitas vozes e no meio da maratona dos garçons, Heitor executou o plano que tinha elaborado há algumas semanas: derramou formicida no copo de chope, bebeu em grandes goles e ficou à espera da Indesejada. Quem chegaria primeiro: ela, com seu cortejo de nuvens negras, ou Beatriz? Não importava. Nada mais importava, a não ser o verso final de Manuel Bandeira, no poema “Preparação para a morte”: a paixão dos suicidas que se matam sem explicação. ■



# O Papa-figo

## Marcos Ferreira

(Escritor e poeta – [escrivaninhamarcos@hotmail.com](mailto:escrivaninhamarcos@hotmail.com))

Ilustração: Nilson Coelho

Enquanto esperava a chegada da noite para entregar o corpo velho e exausto às brumas do sono, consumia algumas horas de sua trajetória miseranda entre as estantes da Biblioteca Municipal. Ali já estivera pelo menos uma dúzia de vezes e se deixara atrair pelo sossego do ambiente, pela riqueza de títulos e pela oportunidade de reencontrar-se com esse mundo de que fizera parte. Sentia-se confortável na sua frágil privacidade e no seu completo anonimato perante todos com quem cruzasse.

Muito que por acaso, alguém aparecia para ocupar uma das mesas reservadas à leitura e à pesquisa. Apenas, de quando em vez, a senhora da Biblioteca o mirava furtivamente por sobre as armações dos óculos, imersa nas páginas de um jornal. Após a escolha da obra de seu interesse, ele se instalava numa cadeira das mesas ao fundo e se punha a ler até que um pôr-do-sol enfumaçado se desenrolasse atrás dos edifícios.

Há cerca de um ano (vindo ninguém sabia de onde) habitava o logradouro em frente à Biblioteca. Vagueava por outras ruas e becos do Centro, mas não falhava em retornar ao mesmo banco de praça. Batia pernas de cima a baixo, sem que jamais esbarrasse com ninguém que o pudesse reconhecer, que lhe soubesse a história de sucesso e fracasso, que descobrisse entre as rugas e pêlos de seu rosto qualquer indício de quem realmente fora.

Talvez não tivesse ainda setenta anos, mas seu passo alcoólico, as carnes flácidas e a via-crúcis diária lhe conferiam um acréscimo de anos sobremodo maior que sua idade real. Nem no mais profundo azul dos seus olhos (hoje um tanto esmaecidos pela fuligem do tempo) se poderia adivinhar o jovem e destacado banqueiro das últimas três décadas.

Enquanto homem fino e boêmio inveterado, privara da perfumosa companhia das mais bonitas mulheres de sua época. Mês passado, quando pedinchava à porta de uma concorrida casa de drinques, uma prostituta embriagada deitou-lhe ao rosto algumas duras, porém irrefutáveis palavras sobre seu desleixo.

Era incômodo vê-lo naquele estorvo, vergado pela carga dos anos e impotente diante da própria vida perrenque. Entre outros reveses e apuros, amargava a tácita repulsa de populares e a hostilidade gratuita dos meninos de rua. Alguns o escorraçavam como a um cão sarnento. Viam na sua figura decrépita e macambúzia uma espécie de mau augúrio sobre seus negócios de ocasião.

Daf lhe arranjaram a fulminante alcunha de Papa-figo. Quando o avistavam nas proximidades da praça, despejavam a çaçoada: “Lá vem o Papa-figo!”, “Olha aí o Papa-figo!”...

Não lhe bastassem as roupas precárias e imundas, arrastando um par de sandálias igualmente imundo e precário, as unhas pretas de tanto sujo e os dentes amarelos e corroídos pela cárie, conduzia pouco acima do tornozelo esquerdo a ferida que nunca cicatrizava, sempre purulenta, tomada de inchaço e perseguida pela ciranda fugidia das moscas e mosquitos.

Por volta do horário das refeições, da mesma bolsa em que guardava alguns trapos de roupas e um velho cobertor quadriculado, retirava o seu pão dormido e o pedaço de rapadura. Se acaso o dia era de sol rigoroso e calor intenso, valia-se do chafariz da praça, transportando na concha das mãos as porçõezinhas d'água para refrescar a cabeça repleta de fios brancos. Escoava à sombra do ficus para depois retomar o seu percurso de incertezas.

Nesse itinerário, a Biblioteca significava o seu ponto de evocações e catarse, o sutilíssimo elo entre o passado de prosperidades e o presente de infortúnios. Sob o carrossel de pesadelos de agora, ele ainda podia divisar os retalhos daquele tempo em que possuía diversos haveres e amizades inquebrantáveis, tudo reduzido à sombra e cinza nas espirais da ruína financeira.

Recordava-se dos coquetéis, dos cafés literários, do turbilhão de convites para tudo quanto era solenidade importante. Seu nome era o mais amiúde no lava-pés diuturno dos colunistas, o mais lembrado na pregação dominical do senhor bispo de sua diocese. Andava coberto de afagos e tapinhas nas costas, cumulado de crédito e de prestígio em todos os ritos da sociedade.

Hoje, porém, ninguém mais o saúda nos encontrões das ruas, na mendicância muda e lacrimosa pelas calçadas e pontas de esquina. Nenhum cristão de sua generosa Igreja aparece no meio da noite para visitá-lo em seu banco de praça, onde atravessa suas horas de miséria e esquecimento. Não possui mais endereço, não recebe mais convites e seu nome desapareceu tão completamente dos jornais e bocas, como se nunca fora escrito ou pronunciado nos salões e ante-salas do clientelismo social.

E tudo porque num dia qualquer de sua vida a calosa mão do fracasso decidiu bater-lhe à porta, apertou-lhe a garganta e o transformou neste espectro de gente — um rebotalho humano diante do qual muitos dos cristãos de agora (e talvez de ontem) tapam os ouvidos e lhe voltam as costas, fecham os olhos ou mudam de calçada para não cruzarem com seu fantasma de carne e osso.

Em sua primeira visita, ao vê-lo chegar maltrapilho com a pequena bolsa a tiracolo, de barbas longas e cabelo igualmente grisalho e descuidado, a funcionária da Biblioteca o manteve o tempo todo debaixo de um olhar inamistoso e aflito. Na passagem do vento, pôde bem sentir o cheiro acre e enjoativo das roupas sujas e do corpo inteiro a clamar por água e sabão. Concluiu tratar-se de um mendigo, aguardou por um pedido qualquer de esmola e assumiu a postura superior das criaturas que se julgam socialmente superiores.

Mas, para surpresa da mulher, o tal pedido de auxílio não veio. Em vez disso, deu boa-tarde, encaminhou-se até as prateleiras, passeou os olhos azuis sobre o dorso dos volumes, escolheu um título e foi sentar-se. Ali permaneceu até a hora do fechamento. Quando a mulher fez soar a campainha para indicar o final do expediente, ele marcou a página com um clipe de papel e no dia seguinte estava de volta para continuar a leitura do ponto onde havia parado.

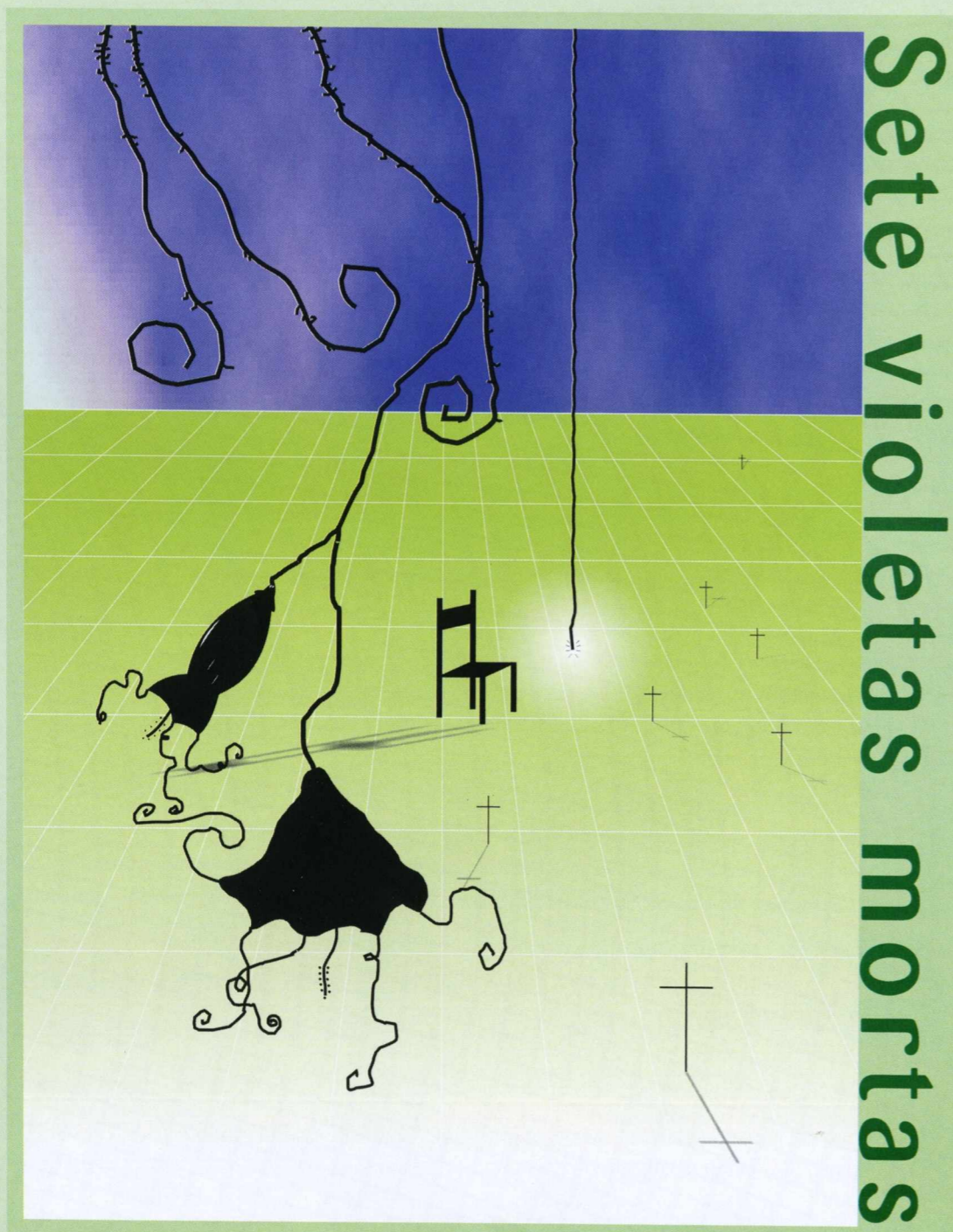
Nesta tarde, após duas semanas de ausência, ele reapareceu na Biblioteca. Era o mesmo o olhar súplice e cordial, porém revelava-se mais lento o seu passo enfermo. Um princípio de tosse foi contido com um lenço esfarrapado e sujo. A funcionária da Casa alçou novamente os olhos por sobre os óculos e pareceu ligeiramente impressionada com o seu aspecto.

A muito custo, já retornando o lenço em direção à boca, ele deu boa-tarde e se encaminhou às estantes. Duas jovens colegiais que estavam noutra mesa o fitaram com certa piedade e surpresa. O velho expunha na face cadavérica uma palidez marmórea e grave. O entorno da ferida na perna apresentava agora um inchaço mais denso e arroxeadado.

Como se já soubesse a prévia localização da obra que buscava, ele sacou da prateleira um livro de capa preta e grande espessura. Manquitolou até a mesa de costume e, mais uma vez, a mulher tirou a vista do jornal para enquadrá-lo.

Ao final do expediente, após não vê-lo obedecer à campainha, a funcionária foi encontrá-lo debruçado à mesa de leitura.

Caída a seus pés, com um grifo a lápis sobre o salmo 23, versículo 1, estava uma edição da Bíblia Sagrada. “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará”. ■



# Sete violetas mortas

**Josimey Costa** (Professora da UFRN e escritora)

Ilustração: Mozart Santos

**D**esconfio que o meu apartamento lembrava uma floresta. Como você sabe, sempre gostei de plantas. Eu tinha quarenta e oito violetas plantadas em vasos quando você me visitou. Não uma dúzia, mas quatro dúzias de violetas em vasinhos pequenos, daqueles que os supermercados vendem em pencas. Eram uma beleza. As violetas, como todos esperam, estavam timidamente apoiadas em folhas verde-escuras aveludadas, por vezes meio ocultas, freqüentemente ausentes, mas absolutamente existentes. Disso, não havia nem a mais ínfima dúvida.

Eu aguava os vasos três vezes por semana. Não mais, nem menos. As folhas apodrecem quando recebem muito água, e amarelecem quando sem atenção. Eu nunca me esqueci disso, nem você, tenho certeza. Mas isso não foi suficiente.

Naquele dia em especial, eu não estava esperando você. Nunca esperamos essas surpresas, não é mesmo? É por isso que são surpresas. Assim, abri-lhe a porta da minha sala. Melhor: escancarei-lhe a porta da minha sala. Qualquer um poderia ter entrado por ali, mas teria passado rapidamente e saído pela porta dos fundos, que eu nunca trancava. Eu, hóspede na minha própria casa, como você descobriu tão facilmente, teria observado o intruso e, no máximo, lhe oferecido um chá. Não a você, claro. A ele, o qualquer um. Se ele quisesse, saborearia comigo as minhas especiarias guardadas tão displicentemente. Se não, passaria como uma lufada de vento, como um carro-de-som assombrando as esquinas de cidades meio-adormecidas no dia em começo. Quando ele saísse, eu guardaria o meu serviço de chá, lavado, não tão límpido quanto antes, mas aceitavelmente lavado.

Só que não foi qualquer um que entrou pela porta. Foi você. E você não quis somente passar.

Você entrou e reparou nas minhas violetas. Havia umas expostas, desabrochadas por entre as folhas grandes e macias. Outras, esperavam tempo melhor. Também existiam as mal-nascidas, cujas folhinhas lembravam as próprias flores, miúdas e delicadas, enquanto algumas pareciam haver desistido de se impor à vida e desexistiam nos vasos. Você não somente viu tudo, mas apalpou, cheirou, revolveu a terra, replantou as que relutavam e agudou as que apenas resistiam. Não satisfeito, mostrou novos lugares-de-estar para as minhas violetas, simplesmente aceitando quando eu não concordei com algumas das mudanças. Isso, porém, só fez ressaltar a sua presença. Qualquer uma das suas atitudes era exatamente isso: atitude, com toda a crença e a consciência que as atitudes precisam ter por trás de si para serem o que são.

Como foi você quem entrou pela minha porta principal, eu recontei, uma a uma, as minhas violetas. Na verdade, renomeei-as. Lógico, ainda eram violetas. Mas eram violetas azuis, roxas, lilases, loquazes, olorosas, discretas, sem-vergonhas, leitosas, cristalinas, opalinas, diamantes vegetais, assinaturas personalizadas. Quarenta e oito fractais de cor, duas dúzias de perfume em sublimação. Quatro dezenas e oito unidades de mim sobre e sob a terra úmida em vida lenta e silenciosa.

Dispostas desse modo, minhas violetas regurgitaram clorofila, inspiraram oxigênio e transpiraram seiva. E cresceram, brotaram, desabrocharam como jasmims enlouquecidos. Você observava, cúmplice, esse desvario de selva tropical. Ainda recordo todos os detalhes daquele dia, quando você se debruçou na amurada da varanda e acendeu um cigarro com o fósforo de uma caixa de papelão, desses que parecem existir apenas para que hotéis e boates possam oferecer brindes. Você puxou um longo trago, soltando sem pressa a fumaça para fora do âmbito das violetas, os olhos apertados como que para evitar que a luz lhe ferisse as retinas. Na verdade, hoje eu sei, isso era um ato de contenção. Você sabia perfeitamente que seus olhos aprisionavam ao ver. Que furavam como lasers; por isso, os mantinha quase sempre velados. Suas íris cinza-azul-esverdeadas só se mostravam em clarões muito rápidos. Fatais quase sempre, mas não para as minhas violetas. Elas se embriavam desmedidamente daquela luz e resplandeciam.

Você amassou a carteira vazia. Era seu último ato aqui, arremate de uma vida de fumante e também o sinal da partida. Da sua e, se eu quisesse, igualmente da minha. Eu já havia sido abundantemente avisada disso e esperava apenas pelo momento de, enfim, decidir. O momento chegara e eu nem mesmo sofri por escolher você.

A mudança começava pela repartição das violetas, que eu não poderia levar conosco. Para onde iríamos, estas violetas não poderiam ir. Haveriam de ficar, mas não abandonadas. Seriam criteriosamente distribuídas. Exclusivamente os amigos mais queridos poderiam receber minhas tímidas flores, para cuidá-las com o carinho e a mansidão com que precisam regar as violetas. Eram plantas cobiçadas; por isso, não lhes faltariam tutores.

Antes que eu distribuísse todas as minhas violetas, aquela mulher apareceu. Não que fosse amiga ou inimiga, apenas não me dizia nada. Mas ela queria violetas. Amou as minhas desde que as viu, afirmava. Falou com meus amigos, mandou recados pela minha família, elogiou as plantas do mundo inteiro, dizendo-se jardineira dedicada. Ainda restavam sete violetas para encaminhar, e você me aguardava com a paciência de sempre, mas eu já não suportava vê-lo na fimbria, nem dentro nem fora, sem ficar, mas sem partir, preso ao elo que só minha inércia selava. Decidi: ela ficaria com as violetas.

À noite, liguei para aquela mulher. Disse-lhe que havia separado as últimas sete violetas para ela. Poderia vir apanhá-las na manhã seguinte, a mesma manhã da nossa partida. Ouvi-a agradecer educadamente, e adormeci, pela última vez sem que você velasse meu sono. Não sonhei. Eu queria que a noite se escoasse como um ocaso, e os sonhos fazem a noite durar.

Acordei muito cedo. Estava tudo pronto, arrumado há muitos séculos. Eu nem precisava conferir qualquer coisa. Sentei-me numa cadeira para esperar, tomando café e olhando a janela que enquadrava as vidas desenroladas nos outros apartamentos. A campainha tocou justo dentro do meu coração. Você? Não: ela. Sorri, aquele meu sorriso chocho, que você diz que desafia a gravidade porque torce para cima cantos de lábios que, claramente, deveriam estar para baixo. Conforme combinado, ela tinha vindo pegar as violetas. Estavam na varanda, e chamei-a para pegá-las comigo.

Tropecei no meu próprio espanto quando abri a porta e olhei para aquele cantinho de chão, abrigado do sol, mas claro e fresco, exposto ao orvalho. As minhas violetas, todas as minhas sete violetas restantes das quarenta e oito que eu cultivei até a sua chegada e a nossa iminente partida, as sete violetas que eu daria para ela estavam mortas. Mas não simplesmente sem vida. Estavam secas, crestadas, enegrecidas como se eu as tivesse plantado no deserto ao meio-dia, sem água e com areia solta, e como se elas tivessem passado pelo menos sete dias sob o sol a pino.

Depois de uma quase eternidade muda, olhei para a mulher, angustiada pela morte súbita das violetas e preocupada com o que ela pudesse pensar de mim, de que ela supusesse que eu havia matado as violetas e a tivesse chamado para testemunhar o epílogo de uma brincadeira absolutamente sem graça. Ainda assim, disse-lhe que as plantas estavam vivas, quase pulsantes na noite anterior, e que eu não só lamentava, como definitivamente não entendia o que poderia ter acontecido com elas. Ela olhou-me durante uns momentos. Em seguida, encolheu os ombros mais com indiferença do que por resignação. Agradeceu e saiu da minha casa sem sequer um derradeiro olhar de pesar pela morte das violetas.

Aquelas violetas presentiram o destino que as aguardava. A mulher não amava minhas flores suficientemente para lamentar vê-las sem vida. Violetas deveriam ser, para ela, bijuterias, desejáveis enquanto belas, inúteis e completamente sem importância quando perdem o brilho. Basta jogá-las fora e comprar outras. Você, porém, sabe que violetas não são bijuterias. Não são nem jóias. Não perdem simplesmente o brilho. Morrem. Não duram para sempre. Perpetuam-se em novas e diferentes violetas, mas se, e somente se forem muito amadas. Só assim se pode saber de quanta água precisa uma violeta para viver, e só assim se pode cortar-lhe a folha viva para que ela se enraíze e se faça nova quando já tiver há muito tempo morrido. 📖

# Apodi

*A cidade do “poema de pedras”*



*Há um povo que só conta suas glórias  
pelo sangue de alguém que derramou,  
Apodi tem passado e tem vitórias  
mas seu chão com sangue nunca se manchou.*

*Apodi não enfrentou lampion,  
seus heróis não precisaram atinar.  
O orgulho é ser cidade de irmãos  
pelo amor que aos seus amigos sabe dar.*

*Apodi tem orgulho dos Nogueiras,  
que aqui chegaram para desbravar  
num princípio que vai longe, bem distante,  
mas que todos têm orgulho de lembrar.*

*Uma história que Apodi foi navegado  
por Vespúcio e Alonso de Hojeda  
é honrosa, é bonita, mas carece  
de suporte, sem paixão e mais firmeza.*

*A história da velha índia resistindo  
ao massacre feito aos índios deportados  
para a serra da atraente Portalegre  
e Cantofa sendo a única voz em brados.*

*Cantofa, a velha índia emocionada  
recitando o Ofício Mariano,  
tombou sob o seu sangue, apunhalada,  
porque erguera a voz contra os tiranos.*

*Trecho de “Apodi sua história, sua gente”  
(Maria Auxiliadora Silva Maia)*



## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

É verão e a temperatura em Apodi, a 355 Km de Natal, chega a 35° C na sombra. A paisagem já não é tão verde como na bonança do inverno, mas diante das águas tranqüilas da lagoa do Apodi, uma espécie de oásis do oeste potiguar, ninguém imagina estar tão distante do litoral. A riqueza do território às margens da ameaçada lagoa encanta a todos. Os carnaubais, fonte de sustento dos artesãos, continuam abundantes. Os pescadores ainda tiram das águas o alimento de cada dia e a população se agiganta diante da necessidade de preservar o patrimônio natural da região.

As paisagens de Apodi parecem telas de Thomé Filgueira, pintor potiguar mais identificado com o vale verde do Ceará-Mirim, região próxima de Natal. Apesar de não ficar tão perto do litoral, Apodi tem água em abundância e solo produtivo. Manoel Nogueira Ferreira, primeiro colonizador da Ribeira do Apodi, já enaltecia em 1680 a fertilidade da região habitada, naquele tempo, pelos índios Paiacus. O município de Apodi foi criado em 1835 e elevado à categoria de cidade em 1887.

Segundo Luís da Câmara Cascudo, o nome Apodi deriva de "a-poti" ou "a-podi" significando coisa firme, uma chapada, planalto. Mais de 300 anos depois de ter sido colonizada pelos irmãos Manoel e Baltazar Nogueira, este segundo morto em 1685 em confronto com os índios Paiacus, Apodi ainda não soube utilizar a riqueza de suas terras para se desenvolver.

O Lajedo de Soledade é outra prova da generosidade da natureza com Apodi. O estudioso Vingt-un Rosado, natural de Mossoró, já freqüentava o local na década de 50 em busca de fósseis, muito antes do turismo surgir como fonte de renda. "O poema de pedras" descrito pela escritora Maria Auxiliadora Maia guarda uma infinidade de pinturas rupestres nas suas grutas e rochas de formas irregulares que mais parecem criações do arquiteto espanhol Antonio Gaudi.

Vencer o calor do verão não é fácil, mas Apodi também tem seus segredos para agradar os visitantes. Depois de um copo de cajuína bem gelada, acompanhando uma galinha caipira torrada, o sabor de interior toma conta da gente. Aí, é só colocar o boné na cabeça e começar o passeio. O lajedo, a barragem de Santa Cruz, a lagoa e o povo apodiense estão sempre à espera. Dos visitantes e do progresso.



## Arte rupestre rica em detalhes



"Há um encanto inexplicável na constituição rochosa do Lajedo de Soledade, e que vai muito além do meu olhar apaixonado. É como se Deus tivesse algo muito especial para contar, a partir dali, e por isso encarregou a natureza de deixar marcas indeléveis". A descrição da escritora Maria Auxiliadora da Silva Maia, a Dodora, dá uma mostra do fascínio que o segundo maior sítio arqueológico do país exerce nos visitantes. A área do lajedo de Soledade, um conjunto de rochas calcárias formado quando o mar cobria a região há milhares de anos, é de 127 hectares, mas apenas dez hectares compõem a área de preservação formada pelos sítios Araras, Urubu e Olho D'água.

Somente o município de São Raimundo Nonato, no Piauí, possui um sítio arqueológico maior que o encontrado em Apodi. As ravinas mais ricas em pinturas estão na localidade Araras. Os desenhos feitos entre cinco e três mil anos atrás servem de inspiração para pintores da região e outros artistas plásticos já consagrados como César Revoredo e Flávio Freitas. A pintura rupestre que representa uma arara, encontrada no teto

do chamado painel das araras, foi adotada como símbolo do Lajedo de Soledade.

A arte rupestre presente no lajedo é rica em detalhes e não está limitada aos desenhos. O painel dos riscos, uma formação rochosa plana e lisa com diversos desenhos riscados na pedra, comprova que mais de uma técnica artística foi utilizada no lajedo. Os estudiosos acreditam que por lá passaram, em várias épocas, grupos étnicos diversos.



O guia turístico e diretor do museu do Lajedo de Soledade, Cláudio José Alves de Sena, 27 anos, explica que o lajedo não era local de morada dos antigos habitantes da região. "Provavelmente viviam às margens da lagoa do Apodi e subiam a chapada para fazer rituais". O museu, fundado em 1993 com o patrocínio da Petrobrás, tem recebido menos visitantes do que o esperado. "As excursões de holandeses pararam de vir por conta das estradas e outro grupo está indo agora para Cabeceiras, na Paraíba".

O acervo do museu conta com alguns fósseis de preguiças e tatus gigantes, notoungulado (ancestral do hipopótamo), mastodontes e tigres-de-dente-de-sabre. O espaço mantido pela Petrobrás também comercializa artesanato de palha de carnaúba e cerâmicas feitas pelos participantes do Pura Arte, projeto de fomento ao artesanato desenvolvido na comunidade do lajedo.





### Seguindo os passos de Vingt-un

O Lajedo de Soledade desperta interesse desde a chegada dos missionários católicos em Apodi. O padre Telles de Menezes, em 1796, descreveu as pinturas rupestres em seu livro "Lamentações basilicas". O livro "Lajedo Soledade – um poema de pedras" (Coleção Mossoroense, 2002) escrito por Dodora é um relato da história do sítio arqueológico e também da fundação de Apodi. A autora, uma das pessoas mais identificadas com a luta pela preservação do lajedo, lembra quando conheceu o local na década de 60, através do padre holandês Pedro Neeffs, também citado por Vingt-un Rosado como um estudioso da paleontologia potiguar.

"O padre incentivava os professores a fazerem trabalhos no lajedo. Quando fui visitar como estudante, me apaixonei. Tinha muito medo de ver aquilo tudo ir pelos ares". A fonte de renda dos habitantes da comunidade do lajedo até o final dos anos 80 era a extração de cal, prática abolida dentro da área de preservação estabelecida em 1992. A indústria de extração de calcário, no entanto, continua operando no restante da área. As explosões com dinamites, técnica utilizada para implodir as rochas, chegam a assustar os visitantes do lajedo.

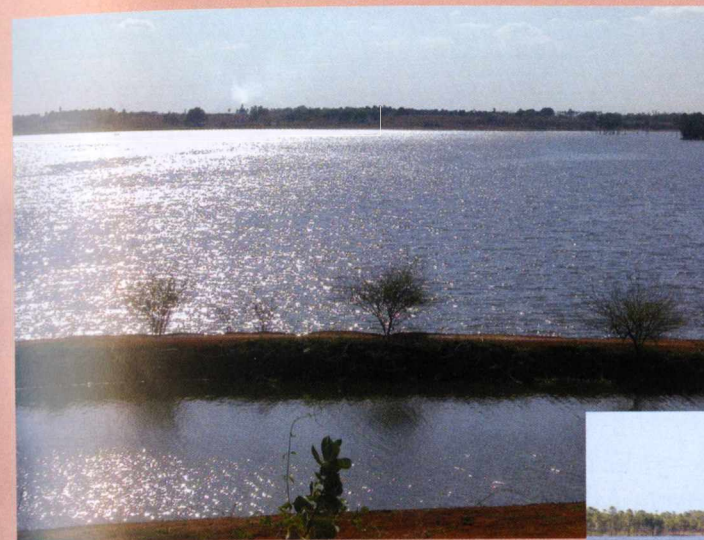


Dodora destaca também o empenho de Vingt-un Rosado, estudioso do lajedo desde o final dos anos 40. "Foi o juntador de pedras, geólogo, quem primeiro estudou o lajedo. Me considero a seguidora das pegadas dele". A paixão de Dodora pelo lajedo pode ser descrita com um fato ocorrido em 1978. Ao ver que as inscrições rupestres estavam ameaçadas pela exploração de cal, vendeu seu carro para confeccionar cartões postais em São Paulo retratando a riqueza natural que estava esquecida.

Segundo Dodora, a área de preservação deveria ser ampliada. A guardiã do lajedo como também é conhecida pelos conterrâneos salienta a necessidade de pesquisar mais na região. "Não basta preservar as pinturas rupestres". A escritora defende ainda a construção de passarelas de madeira na área de visitação do lajedo para facilitar o acesso dos idosos. "O público de terceira idade viaja, tem tempo e dinheiro, é viável investir neste segmento".

O museu do Lajedo está aberto de terça a domingo das 8h às 12h e das 13h às 17h. As visitas guiadas aos locais com pinturas rupestres levam, em média, uma hora. Dodora foi homenageada emprestando seu nome a uma das formações rochosas do local. A "Ravina da Dodora" possui a única inscrição rupestre rabiscada do sítio arqueológico.

### Lagoa ameaçada pela poluição



Os pescadores da lagoa do Apodi repetem o mesmo ritual todas as manhãs. Acordam com o sol raiando, apanham a tarrafa e entram com a canoa até as partes mais profundas da lagoa. Ao retornar, tratam os peixes na margem e enchem a canoa de água para afundar, evitando o ressecamento da madeira pelo sol. As tilápias, curimatãs e tucunarés já não são tão abundantes, mas a lagoa continua servindo de sustento para mais de uma dezena de famílias.

O pescador Antônio Francisco de Lima, 47 anos, conhece bem aquelas águas desde os 13 anos, quando começou a pescar para ajudar a família. "Comia e bebia da lagoa, quando comecei não tinha essa poluição". Os pescadores têm consciência de que a falta de saneamento básico contamina a água e coloca em risco a saúde de todos. "80% do esgoto de Apodi é jogado dentro da lagoa, principalmente dejetos químicos", atesta o professor Flaviano Monteiro, presidente do Fórum das Entidades Representativas de Apodi.

*Desperta, oh apodienses!  
Nossa lagoa está doente.  
Não podemos ficar  
dormentes  
inconscientes  
assistir passivamente  
ao nosso próprio abate  
sem debate.*

*Trecho de "Preservação da Lagoa do Apodi.  
Essa luta é nossa!" (Mônica Freitas)*

## Artesanato exige técnica e paciência

A comunidade da Baixa Fechada, em Apodi, tem uma longa tradição de trabalho manual com palha de carnaúba. O processo de preparação da palha é manual desde sua coleta. Os homens colhem a palha e as mulheres transformam a matéria em bolsas, cestos, baús, chapéus e peças utilitárias em geral.

As mãos hábeis das artesãs criam vários tipos de tranças e esteiras para a confecção dos utensílios. O trabalho exige paciência e técnica apurada pela repetição constante. Treze mulheres da Baixa Fechada vivem da confecção do artesanato. Maria da Saúde da Silva Oliveira, 40 anos, herdou a habilidade no manuseio da palha da avó paterna. "Minha avó Anatilde Rodrigues de Souza fazia chapéu e minha mãe Alzenira da Silva também. Nas horas em que não estávamos na lavoura, fazíamos chapéus".

A produção começou a ser diversificada somente há dois anos. As artesãs fizeram um curso oferecido pelo Programa de Desenvolvimento de Área e, desde então, passaram a confeccionar bolsas e cestos diversos. "Não tem ganho certo, fazemos por encomenda". A melhor oportunidade de comercializar a produção surgiu recentemente. As artesãs estão exportando cestas e bolsas para a Holanda.

Maria da Saúde destaca que não dá para viver só da feitura do artesanato. As artesãs dividem o tempo entre a arte e o cultivo da lavoura. "Vida de agricultor é difícil. A gente planta arroz, feijão, milho e tomate no sítio".



## Banda tem repertório eclético

O maestro Francisco Janilson de Carvalho, 36 anos, está virando a banda de música Antônio de Pádua Leite de cabeça para baixo. Tudo que tem sido feito é para o bem da juventude apodiense. A reviravolta começou em 1993, quando o maestro assumiu a regência da banda municipal e sentiu a necessidade de mexer com os brios da juventude. "Criamos um jeito novo de se apresentar, investimos em instrumentos que dessem mais suingue".

O ritmo da banda é marcado pela batida forte da percussão. O regente inseriu clássicos da MPB e músicas que estão nas paradas de sucesso das rádios FM no repertório tradicional composto pelos dobrados e valsas de compositores nordestinos. "O objetivo é formar novas platéias com um repertório moderno".

A preocupação em levar ao conhecimento da população uma musicalidade diferente da nossa faz o regente apostar também em clássicos de outros países. "Fazemos uma viagem pela cultura com músicas da Argentina, França, Áustria...", conta. As inovações aumentaram o interesse dos jovens pela banda e fez o município criar a Escola Jovem de Música, projeto de iniciação musical para estudantes dos 12 aos 17 anos matriculados na rede de ensino pública ou particular. "Procuramos ampliar os conhecimentos adquiridos no sistema regular de ensino, oferecendo o conhecimento musical".

Os alunos cadastrados no PETI podem participar do projeto Menino Tocador, iniciação musical para crianças através do ensino da flauta doce. "Buscamos

adicionar um conhecimento. As crianças não podem deixar a escola". O regente destaca também que os ensaios da banda municipal, formada por 28 músicos, não são feitos à noite para não impedir que os músicos freqüentem a universidade.

## Maestro Evangelista, o incentivador

A primeira banda de música de Apodi foi fundada há pelo menos um século. As bandinhas, mantidas por doações da população, sempre tiveram dificuldades em continuar na ativa. O maestro João Evangelista de Souza fundou em 1968 a banda de música Alex Maia, celeiro de vários músicos apodienses. A banda não conseguiu tocar por muito tempo e teve sua história interrompida até 1982, quando Evangelista retornou a Apodi para iniciar um trabalho de formação de novos músicos.

O regente da banda atual, Francisco Janilson, lembra dos ensinamentos do maestro Evangelista e das conquistas nos festivais de bandas. "Fui aluno do maestro Evangelista na turma de 1984. Em 1985, já como músico da banda Alex Maia, participamos do concurso de bandas que acontecia sempre na Feira dos Municípios, em Parnamirim. A banda ficou em primeiro lugar, o que veio a acontecer também no ano de 1987, conquistando pela segunda vez o primeiro lugar".

A mudança de nome para banda de música Antônio de Pádua Leite, uma homenagem ao ex-trombonista conhecido como "Antônio de Luzia", aconteceu em 1990, ano em que a banda passou a ser administrada pela prefeitura municipal. De lá para cá, o regente apimentou o som da banda com o suingue da percussão e continua inovando com arranjos diferentes.

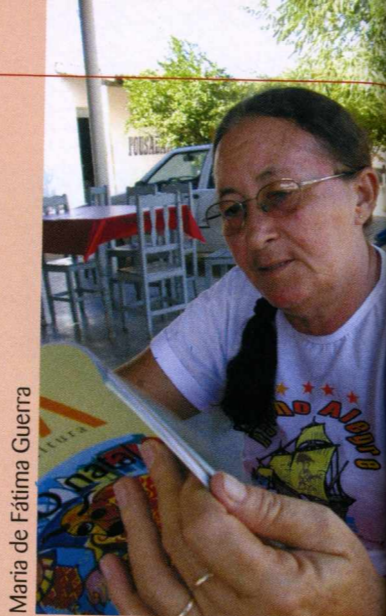
## Música e preservação da natureza

Uma lata velha ou um balde de plástico e um pedaço de pau. Pronto. Bastam estes utensílios, facilmente encontrados em qualquer quintal, para as crianças da comunidade do Bico Torto mostrarem que todo menino sabe tocar tambor. As atividades do Pau e Lata, desenvolvidas em Apodi desde 2002, aliam ensinamentos de música com lições sobre o meio ambiente.

A estudante Antônia Patiane de Freitas, 14 anos, não perde os ensaios do grupo aos sábados e domingos desde o início do projeto. As 35 crianças e adolescentes participantes do Pau e Lata aprendem teoria musical e são incentivados a preservar a natureza. As aulas são uma parceria entre o Conselho de Desenvolvimento das Comunidades do Apodi e a Visão Mundial, uma ONG americana que também atua no Nordeste brasileiro nas áreas de educação, saúde e meio ambiente.

"Ajuda muito o desenvolvimento de cada um. Com o Pau e Lata a gente aprende notas musicais e também a preservar a natureza", comenta Antônia, uma das participantes mais velhas. O monitor Diogo Nunes, 18 anos, natural de Lages, faz parte do Pau e Lata há 7 anos e atua como multiplicador dos ensinamentos que recebeu quando criança. "São quatro multiplicadores que saíram de Lajes para algum município". O professor continua morando na sua terra natal, mas viaja a Apodi a cada 15 dias para acompanhar o aprendizado das crianças.

A coordenadora do programa, Ecineide Silva, 33 anos, formada em Ciências Sociais pela UERN, acredita que depois de motivar as crianças através do Pau e Lata será mais fácil inserir outras atividades artístico-pedagógicas na comunidade do Bico Torto. As crianças já ensaiam o pastoril e outras danças folclóricas devem ser resgatadas. O professor Evanildo Gomes da Costa, diretor cultural do Conselho Comunitário, também aposta na maior participação dos jovens nas atividades culturais. "A Semana Esportiva e Cultural do Bico Torto está no quinto ano, acontece sempre na segunda quinzena de dezembro", lembra.



Maria de Fátima Guerra

## Teatro e quadrilha junina

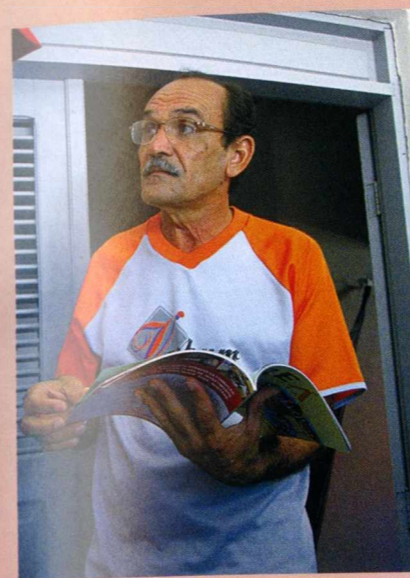
As artes cênicas também têm lugar no cenário cultural de Apodi. Os grupos Florescer e Rancho Alegre fazem encenações ao ar livre e participam dos festivais de quadrilhas junina. O Florescer, movimento cultural fundado há 10 anos, é mais conhecido pela apresentação da "Paixão de Cristo", encenada anualmente no estádio Antônio Lopes Filho.

A estudante Isabel Aprígida de Carvalho, 22 anos, coordenadora do Grupo Florescer, lembra que a tradicional "Paixão de Cristo", encenada pela primeira vez no pátio da igreja matriz, cresceu tanto que já envolve 300 atores. "Temos 15 membros, mas no Arraiá 70 participam e na "Paixão de Cristo" temos 300 participantes".

A encenação da "Paixão de Cristo", apresentada na quinta e sexta-feira da Semana Santa, requer quatro meses de preparação. A estrutura cenográfica custa seis mil Reais e o grupo investe também em fogos de artifício. Ao longo do ano, o Florescer adota temas educativos nas peças apresentadas para a comunidade de Apodi. O "Rico Avarento" e "Mexeram na cumbuca do Coroné", textos criados pelo próprio grupo, já foram apresentados em outros municípios do Oeste potiguar.

A professora Maria de Fátima Guerra, 52 anos, também aposta nos textos teatrais para educar os jovens. O Rancho Alegre, fundado em 2001, reúne sessenta estudantes dos 12 aos 25 anos. O grupo atua no projeto Sentinela, idéia lançada pela professora para alertar os jovens sobre o problema das drogas, prostituição e alcoolismo. "Fazemos um teatro de rua voltado para a educação e só fica no Rancho quem passar de ano", salienta.

A participação da quadrilha organizada pelo Rancho Alegre nos festivais juninos já rendeu alguns prêmios a Apodi. O grupo conquistou primeiros lugares em apresentações nos municípios de Rafael Fernandes, Portalegre, São Rafael e Tibau. "Já temos 27 troféus. Agora pretendemos mostrar mais a cultura de Apodi e suas raízes".



## O padeiro que virou escritor

José Irinaldo Carmo, 52 anos, é do tempo em que os homens tentavam conquistar um novo amor fazendo serenatas. O boêmio romântico, nascido na Fazenda Santa Cruz, fazia serenatas nas madrugadas de Apodi e cresceu numa família de muitos dotes artísticos. Manoel Georgino, seu irmão mais novo, é músico e escritor. Walter Nogueira, irmão mais velho, é maestro. A avó Amélia Rodrigues tocava fole de oito baixos e o tio Philastrio do Carmo sabia tocar bandolim e cavaquinho.

Filho de pais humildes, Irinaldo veio morar na cidade aos 11 anos, quando começou a trabalhar como padeiro. Passou pouco mais de três anos ajudando no preparo de pães até decidir ingressar na carreira musical. Nascia assim, em 1968, o trio "Os Três Irmãos", primeiro grupo musical de Apodi, fundado por Irinaldo e seus irmãos Manoel e Walter. "Tínhamos três violões e uma bateria fabricada artesanalmente".

O grupo musical venceu as dificuldades do início e passou a ser chamado "Os Diamantes". Pouco tempo depois, em 1971, Irinaldo abria a primeira escola de violão de Apodi. "Ensinei violão durante 20 anos", diz. As primeiras composições próprias surgiram ao longo destas duas décadas. José Irinaldo já escreveu 146 letras de músicas, entre elas, "Sapateio e vaneirão", um forró tocado por diversas bandas.

Os romances "Clarinha" (Coleção Mossoroense, 2002) e "Tadeu e Juvina" (Queima Bucha, 1999) marcaram a entrada de Irinaldo no mundo da literatura. "Lágrimas de sangue", outro romance concluído recentemente, aguarda publicação. O autor gosta de descrever o cotidiano dos sertanejos em seus textos e conta também histórias ocorridas na sua vida. "Como poeta, seria um fracasso. Encostei a poesia, mas já escrevi quatro peças teatrais".

## Criatividade para ganhar a vida

Garibaldi Lucena Soares, 35 anos, coloca a criatividade em prática para enfrentar o desemprego. O artesão apodiense não gasta nada para conseguir a matéria prima das suas obras. Palhas de coqueiro, quengas de coco, palitos de picolé, papelão, areia, garrafas plásticas e até galhos secos são aproveitados pelo artista autodidata para fazer esculturas, porta retratos, carrinhos e arranjos.

A inventividade do artesão é tanta que ele criou coroas de flores de plástico para vender no Dia de Finados. Garibaldi não deixa nenhuma data passar batida sem tirar proveito para melhorar suas vendas. Durante o carnaval de Apodi, uma festa que costuma atrair foliões de toda a região Oeste, o artesão cria máscaras e enfeites carnavalescos com materiais que encontra jogados na rua.

Os brinquedos do seu filho de seis anos também são criados por ele. "Quando estou andando pela rua, cato qualquer coisa que possa transformar". Mesmo com tanta criatividade, o artesão encontra dificuldades para comercializar o artesanato que produz fora do período de datas comemorativas. O pequeno atelier, instalado onde antes funcionava um bar administrado por ele, tem peças espalhadas por todos os lados. "Tenho umas 500 peças prontas".

O SENAC já convidou o artesão para ministrar dois cursos de reciclagem de garrafas plásticas e confecção de esculturas. O escultor aguarda oportunidades de expor sua arte.





### Artista plástico sonha com Veneza

O pintor Marcos Leite de Souza, 33 anos, natural de Apodi, começou a desenhar nos tempos de estudante. Humilde, recorria aos desenhos em grafite para conseguir o dinheiro do lanche. Retratando rostos de colegas e as paisagens do município, conseguiu aprimorar sua técnica de desenho até aprender a fazer telas com tinta a óleo.

Marcos faz pinturas abstratas e impressionistas há cinco anos. O artista deseja um dia conhecer Veneza, na Itália, e também ver de perto pinturas dos impressionistas Monet e Renoir. Enquanto não realiza seus sonhos, o pintor apodiense segue atendendo os pedidos que chegam até de outros estados. Recentemente, retratou em telas os padres do monastério Sagrado Coração de Maria, em João Pessoa.

### Central de informações e causos


O mecânico Carlito Amâncio de Oliveira, 54 anos, funciona como uma central de informações de Apodi. Os vizinhos foram os primeiros a conhecer a sua facilidade em decorar nomes de ruas e contar causos do passado apodiense. Carlito sabe o nome das mais de 150 ruas emplacadas de Apodi e ajuda até os carteiros a encontrar alguns endereços.

“Tem carro de mudança que vem bater aqui, perdido. Aí, eu digo onde é. Tem uns que ainda teimam comigo. E ainda digo – se eu tiver errado, pode levar meu fusca velho, que é o único bem que eu tenho”, diz, soltando uma risada para depois contar uma de suas histórias mais curiosas.

Os mais velhos contam que, na década de 50, havia um time de futebol no sítio Barra, próximo a Apodi. Segundo Carlito, que já teve sua história publicada em livro, o time, conhecido como ABC da Barra, era formado por jogadores com a inicial A na zaga, B no meio campo e C no ataque. “Sei a escalação todinha. Era Anacleto, Amaral e Amorim; Boboso, Badejo, Brandão, Babarú e Baião; Catita, Caçua e Cacimbão”.



### Casarão retrata vida do sertanejo

O casarão do sítio Ameno, na zona rural de Apodi, a poucos metros da rodovia RN-233, tem mais de 200 anos. O prédio, bastante danificado pela ação do tempo, guarda objetos antigos que mostram como era a vida do homem sertanejo. Baús antigos de madeira, mesas e armários, e um varal utilizado para pendurar mantas de carne despertam a atenção dos visitantes. As portas de cumaru ainda possuem as fechaduras originais com grandes chaves de ferro. Os caibros do telhado, feitos de carnaúba, precisam ser trocados. Os moradores atuais do prédio, herdeiros de Severino José da Silva, o Severino do Ameno, apóiam a idéia de transformar o local no museu do homem do campo. 



## Fui o que o momento exigiu

NILSON PATRIOTA



Por Tácito Costa e Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

**J**ornalista, comerciante, funcionário público, fazendeiro, escritor, político. Homem de múltiplos afazeres e amigos, Antônio Nilson Patriota nasceu na rua do Capim, em Touros, em dezembro de 1930, onde se iniciou no estudo das primeiras letras. Depois estudou em Santa Cruz e em Natal, na antiga Escola Industrial, em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Sobrinho do poeta Luís Patriota, conviveu desde muito cedo com a literatura. No entanto, só estreou em livro em 1978, com “Vôo de pássaro”, coletânea de crônicas publicadas em “A República”, da qual foi diretor. Publicou posteriormente “Itajubá esquecido” (ensaio, em 1981), “Um gosto amargo de fim” (romance, 1986), “Touros, uma cidade do Brasil” (ensaio, 2000) e “Uma canção ao entardecer” (contos, 2000). Começou na imprensa no jornal católico “A Ordem”, foi correspondente no Rio Grande do Norte da agência de notícias Asa Press; viveu os anos dourados do rádio, trabalhando e dirigindo a Rádio Nordeste; passou pelos jornais “A República” e “O Liberal”, do Pará, para onde se mudou, a convite de Rômulo Maiorana, decepcionado com a política local que não o ajudou a se reeleger deputado estadual (exerceu um único mandato), na década de 60. Atualmente, Nilson é secretário-geral da Academia Norte-rio-grandense de Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, presidente, em terceiro mandato, do Conselho Estadual de Cultura, membro da Academia Amazonense de História e da Academia de Letras e Artes do Nordeste, com sede em Recife, pertencendo ainda a outras instituições culturais como a Fundação Porto Filho e a Ordem Praieira de Touros. Nas próximas páginas, Nilson Patriota, um homem de fala e gestos amenos, conciliador por natureza, fala sobre sua trajetória de vida, influências literárias, Academia de Letras, e, principalmente, da sua Pasárgada, Touros.

**Preá** – O senhor nasceu na rua do Capim, em Touros. Que lembranças guarda desta rua?

**Nilson Patriota** – Guardo muitas lembranças. A base das minhas recordações e da minha literatura está em Touros, na rua do Capim, que hoje já não tem essa denominação. Seu nome foi mudado para rua Poeta Ferreira Itajubá. Em 1935, quando do centenário do município, um outro poeta (José Porto Filho) achava-se no poder, e resolveu mudar o nome da rua do Capim, que era uma rua boêmia, freqüentada por boêmios, inclusive o próprio Itajubá, que ali, em casa de meu avô materno, João Theodoro da Silva, fez algumas de suas serenatas. Eu sou pela permanência dos nomes mais antigos, entretanto concordo com a homenagem prestada ao poeta de Branca, que merecia todas. Na rua do Capim, onde morava Tico, o mestre de barçaça, e Joana Pacheco, a dona do pastoril, o meu avô materno fez uma casa, no final do século XIX, e meu avô paterno construiu outra, toda em pedra, no início do século XX, que ao falecer passou a meu pai e foi o nosso lar por longos anos. A alma fecundante do tempo fez com que minha família se integrasse a Touros desde o início do povoamento, no século XVII. Tornamo-nos assim uma família tradicional em Touros, espalhada, praticamente, em toda costa, de Galinhos a São Miguel do Gostoso e Barra de Maxaranguape, mas sobretudo na povoação do porto dos Touros, que viria a ser a vila e em seguida a cidade de Touros, famosa pela festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e pela tradição de seus boêmios e poetas. Ajudamos a povoar aquela região trabalhando no comércio, na agricultura, na pesca, no que então era possível. Mas sempre constituímos um núcleo de espíritos ativos e apaixonados por letras e artes. Meu avô paterno, Antônio Ferreira Patriota, foi homem empreendedor e carismático. Suas palavras conservavam o sentido da responsabilidade e a ponderação do espírito. Acho que lhe puxei um pouco, pois embora seja homem de posições austeras, sou um conciliador por natureza.

**Preá** – Como foi sua infância em Touros?

**Nilson Patriota** – Foi uma infância de liberdade, com banho de rio, pacíficas manhãs de sol e mar, divertidas remadas em jangadinhas em que descíamos o rio até a boca da barra. Havia, também, as manhãs das investidas nos tabuleiros. Neles colhíamos frutinhas tipo cambuí e guabiraba, como também caçávamos passarinhos. Era só pegar o estilingue e sair caçando pela beirada do rio. Hoje não me atreveria a matar uma ave nem com o batalhão naval me obrigando, mas naquele tempo achava tudo muito natural. Mas tudo

não foi apenas diversão e liberdade. Minha infância também foi de leituras. O meu pai obrigava a gente a ter um pouco de interesse pelos livros. Eu fui desasnado em casa, como todos os meus irmãos, por meu pai, por minha mãe, por umas tias. Aprendemos a ler antes de ir para o grupo escolar e eu me lembro que ainda muito pequeno cheguei a ler poesia. Meu pai lia e cantava, tocava violão muito bem. Aliás, minha família tem uma linhagem de grandes violonistas. Luís Patriota e Nelson Patriota, seu filho, Rainer Patriota, filho de Nelson, nasceram para a música. Meu pai e grande parte de meus tios tocavam violão. Um deles, por parte de mãe, foi maestro de grande valor em Belém do Pará. Chamava-se Genésio. Cheguei a ver seu retrato pintado na pinacoteca da Prefeitura de Belém, nos anos 60. Meu pai cantava versos de Ferreira Itajubá, Auta de Souza, Palmira Wanderley, Castro Alves e Antônio Soares, musicados por Waldemar de Almeida. Também cantava versos de Porto Filho e Francisco Brito, poetas tourenses. Eu ouvia aquelas modinhas com grande emoção. Mas não tive jeito para o violão e comeci a me interessar por versos e também pela prosa lida por meu pai. Menino, eu sentia a beleza literária de um texto. Mas não gostava de estudar na escola, para onde me dirigia com enorme desânimo {risos}. Quando já estava no grupo escolar, cada dia que aproximava a data do início das aulas era como se um pedaço de meu corpo estivesse sendo arrancado, pois sentia que iria perder os prazeres da liberdade. Eu sentia que o volante da vida, do qual eu era o dono, se me escapava ante o olhar severo da professora que queria impor seus números e suas datas, coisas então para mim sem nenhum valor. Já com os poemas era diferente. Eu os lia sozinho e gostava de ler. Entendia sua linguagem. Gostava sobretudo daqueles poemas que meu pai, sentando à calçada com o seu violão, cantava para alegrar a alma.

**Preá** – O seu pai era ligado ao comércio?

**Nilson Patriota** – Meu pai tinha um comércio em Touros e era agente da Standart, distribuía querosene em toda aquela região, porque naquela época a iluminação dependia de querosene. Ele tinha um armazém de secos e molhados e uma padaria e nos levava para esses estabelecimentos para aprendermos como se vendia. Era um homem cheio de negócios. Chegou a possuir uma terra de criar e plantar. À fazenda deu o nome de “Jurema”, porque lá tinha muito esse mato. Daí porque todos nós ficamos gostando de comércio e de fazenda. Ainda hoje possuo fazenda, como João Patriota {irmão} que, embora tocando vários negócios, não consegue se desfazer de suas fazendas. Há anos eu deixei o comércio.

Tinha várias farmácias, mas um dia me surpreendi insatisfeito contando dinheiro, lidando com viajantes, adquirindo e vendendo medicamentos. Então pensei que o que havia ganhado daria para viver. Naquela hora tomei a decisão de largar o ramo, oferecendo a João minhas farmácias. Ele se opôs a que eu deixasse, mas eu não o ouvi e lhe disse que estava decidido. Ele concordou em me comprar as farmácias. Vendi-as e voltei a ser feliz.

**Preá** - E sua mãe, como ela era?

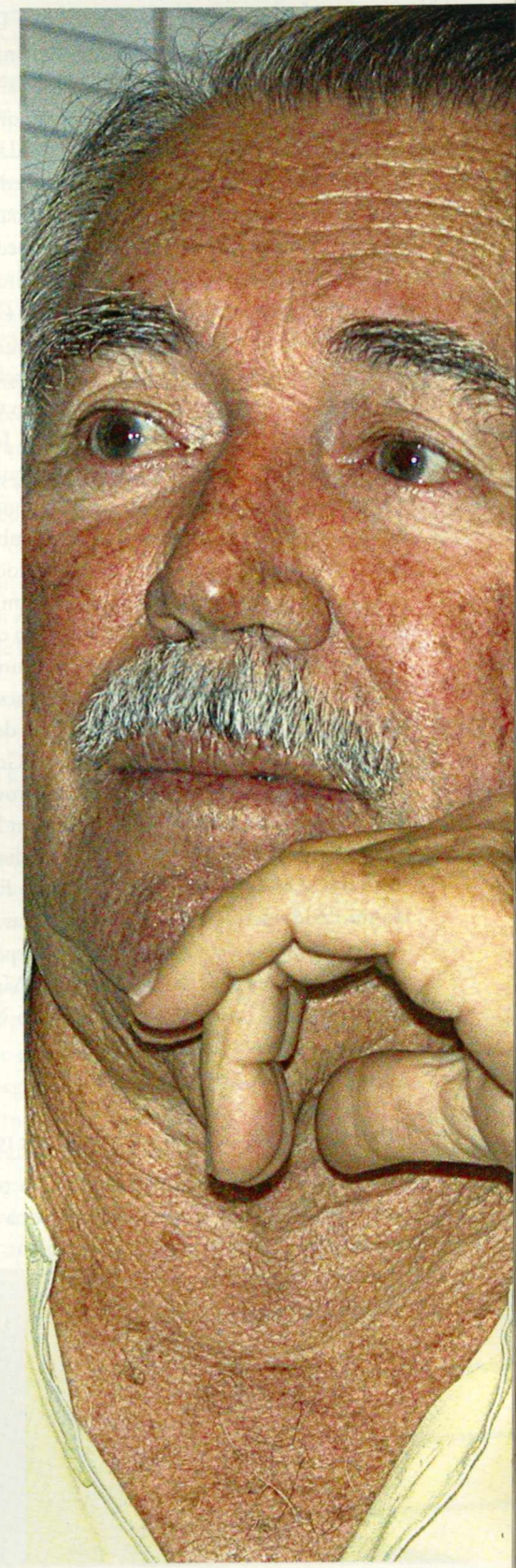
**Nilson Patriota** - Minha mãe era uma pessoa boníssima. Tinha um comportamento tranquilo. Era de uma leveza de fazer inveja. Nunca a vi preocupada com as coisas pequeninas que às vezes tornam as mulheres banais. Era amiga e conselheira. Em sua volta se reunia toda a família. Em sua casa de Touros, quando já havia passado dos 90 anos, fazia questão de preparar, sozinha, seu magnífico almoço de peixe fresco, não importando o número de comensais. Mas também era altiva, proibindo os excessos. Ela falava e era ouvida. Com mais de 50 anos, se eu chegava tarde em casa e ela estivesse, entrava na ponta dos pés para evitar a advertência que, embora sempre doce, me fazia entender que eu havia me desviado de seus ensinamentos.

**Preá** – Como foi sua chegada à escola?

**Nilson Patriota** – Cheguei à escola aos sete anos, um pouco atrasado, como muitos meninos daquela época. Mas recuperei o tempo perdido e consegui me safar. A literatura, a política e os negócios me envolveram com tanta intensidade que me descuidei de perder tempo com excessivos cursos. Mas o que aprendi tem dado para o gasto.

**Preá** – Em Touros, o senhor conviveu com grandes figuras. Poderia citar algumas?

**Nilson Patriota** – Dediquei “Touros – uma cidade do Brasil” a quase todas as grandes figuras de Touros. Elas colaboraram para a minha visão de mundo e me deram estímulo necessário para que eu me voltasse para as minhas raízes, para a história da minha terra. Dessas figuras, eu me recordo em meus momentos de saudade. Sobretudo quando estou no exterior em visita a familiares e amigos. Tenho nada menos de seis diplomatas na família, muitos dos quais exercendo altas funções em importantes embaixadas. Acabo de chegar da Argentina onde fui com Maria Emília visitar minha prima Isabel Patriota, chefe da chancelaria do Consulado de Buenos Aires e esposa do embaixador Antonio Pereira Carneiro, na nossa embaixada naquele país. Nessas viagens, aproveito para pôr em dia velhas lembranças familiares. Quando necessito de uma informação mais precisa, às vezes recorro ao meu primo-irmão, o embaixador Antônio Patriota, que embora aposentado, continua viajando por toda parte, coisa essa própria de um verdadeiro cidadão do mundo. Mas, voltando às personagens tourenses, algumas eu sequer conheci. Mesmo assim têm sido importantes para o conhecimento da história de Touros, e sempre estiveram presentes em minha vida, através dos membros mais



velhos da família. Uma delas é Manoel Dias de Assunção, que em 1798 doou o terreno onde foi construída com pedra e argamassa a capela do Bom Jesus, atual igreja de Touros, em torno da qual se ergueu a povoação, que depois passou a vila e a cidade. Quando a capela foi erigida próxima à rua do Capim, ao seu redor as casas foram sendo edificadas. Não mais de taipa e tábuas como antes, mas de alvenaria. Assim eram as casas de Joaquim José de Andrade, Francisco da Costa Chaves, capitão João Martins de Souza, Francisco Xavier Velozo, Vicente Ferreira de Araújo, Alexandre Dias de Carvalho, Joaquim José de Andrade, Francisco da Costa Chaves, João Martins de Souza e da viúva Micaella Arcângela do Espírito Santo, os primeiros habitantes da Rua do Capim. O terreno doado por Manoel Dias e sua mulher Joanna Tavares da Costa era muito grande, era tão grande que comportou toda a cidade, como ela ainda hoje é. Outra figura interessante de Touros, eficiente, inspiradora e pouco lembrada, foi Joaquim Xavier Veloso. Ele contribuiu mais que todos para que fosse criada a Freguesia, que estabeleceria os limites do município de Touros. Sozinho, fez um levantamento censitário de todas as povoações existentes no território tourense, em número de 50, e conseguiu desmembrar a freguesia e o município de Touros da freguesia e do município de Extremoz, tudo isso através do Conselho Provincial de Governo, em 1833, o que foi ratificado pela Assembléia Provincial, dois anos depois. Meu pai falava muito em Joaquim Xavier Veloso. Ele era juiz de paz. Outras figuras queridas e lembradas: Teodoro de Souza, Leonardo Bezerra Cavalcante, Francisco de Paula Torres, Valdir José de Farias, Juvêncio Xavier. Entre os mais modernos, cito Luís Patriota, meu tio, que era poeta, meu pai, Nelson Ferreira Patriota, Ângelo Mariano Néri, que foi prefeito em Touros, e Miguel Ribeiro Néri, de quem fui amigo e aliado político.

**Preá** – O senhor acompanhou o coco de roda em Touros?

**Nilson Patriota** – Acompanhei até bem poucos anos atrás. Desde a infância que acompanho o coco de roda. O coco de roda era brincado, como eles diziam, pelos pescadores.

Inicialmente na praia, depois quando se fundou a colônia de pescadores, eles começaram a brincar o coco na colônia. Era uma manifestação que a população ia assistir e da qual muito gostava. Assim como o coco de roda, que se não me engano está voltando à moda, há em Touros outra manifestação folclórica muito apreciada, que são as bandeirinhas, cuja fundadora foi Dona Fefa e ainda hoje, tendo Ester Néri conduzindo o principal pavilhão, sai à rua durante os festejos juninos e se encerra com um banho das acompanhantes no rio. As bandeirinhas, diga-se de passagem, só podem ser acompanhadas por mulheres. Tempos atrás, o principal festejo era o pastoril, de Joana Pacheco, ao qual compareci dezenas de vezes para torcer pelo cordão encarnado.

**Preá** – O poeta Luís Patriota exerceu influência literária no senhor?

**Nilson Patriota** – Muita, muita influência. Foi a pessoa de mais cultura com quem convivi quando era adolescente. Luís era advogado, contador, grande orador, professor de português, com conhecimentos extraordinários da língua e era um poeta perfeito. Ele só publicou dois livros, porque as condições da época não ajudaram. Publicou o “Livro D’alma”, quando tinha 22 anos de idade e depois, em 1936, “O poema das jangadas”, que é um livro belíssimo. Esses dois livros foram reeditados por Nelson Patriota reunindo, inclusive, dispersos, algumas canções que Luís fez em parceria com o compositor Eduardo Medeiros e uma fortuna crítica de Luís Patriota, sob o título de “Poemas reunidos de Luís Patriota”. O livro tem uma orelha belíssima, escrita pelo embaixador Antônio Patriota, outro ilustre filho de Touros, e um estudo do poeta escrito por mim. Essa reedição ampliada da obra de Luís se tornou possível graças ao esforço meu, de Nelson Patriota, de João Patriota e de meu sobrinho Waldemir Patriota, advogado, poliglota, professor e grande conhecedor da nossa língua. “Poemas reunidos de Luís Patriota” não foi lançado formalmente, mas teve um lançamento simbólico em Touros e foi distribuído entre amigos. Em algumas livrarias da cidade é possível adquiri-lo.

**Preá** – O senhor morou em Touros até que idade?

**Nilson Patriota** – Em todas as idades. É lá onde moro e aqui onde trabalho. Também morei em Santa Cruz e lá estudei no Grupo Escolar “Quintino Bocaiuva”, ao tempo em que esse estabelecimento foi dirigido por Dona Palmira, uma professora de baixa estatura, cheia de jovialidade, mas às vezes severa e muito capacitada para a direção daquele estabelecimento. Em Santa Cruz morei em casa de Waldemira, que foi para mim uma segunda mãe, e era casada com o poeta Luís Patriota. O poeta era homem de muitas atividades. Advogava, mas tinha como principal meio de vida um escritório de contabilidade. Foi guarda-livros dos Ferreira de Souza e era amigo de todos. Em Santa Cruz, juntamente com Miguel Rocha Sobrinho, proprietário da Tipografia Trairi, Luís Patriota publicava um jornal literário de circulação mensal, cujo nome era “O Trairi”, e que durou até 1941, ano em que o poeta deixou Santa Cruz e veio residir em Natal. A conselho médico, meu pai, que no final dos anos 30 esteve muito doente de impaludismo, mudou-se para Santa Cruz. Daí o nosso relacionamento com aquela cidade, pois meu pai só regressou de lá em 1954, quando se estabeleceu em Natal. Mas tanto quanto meu pai e minha mãe, jamais me senti ausente de Touros.

**Preá** – Como foram esses seus primeiros anos em Natal?

**Nilson Patriota** – Eu só tenho boas lembranças. Estudei na Escola Industrial e tive bons professores e ótimos companheiros. Fui menino esperto, de tomar banho no rio Potengi, de saltar do dique dos americanos, de pegar “morcego” nos bondes, de ir atrás de cajus nos tabuleiros, tomar banho na “lagoa seca”, na época de inverno, de fazer, afinal, todas as estripulias possíveis.

**Preá** – Como se deu sua entrada no jornalismo?

**Nilson Patriota** – Através de Veríssimo de Melo fui trabalhar em “A Ordem”. Ali conheci a inteligência jovem de Natal, que tentava publicar suas produções. Nesse tempo, conheci Zila Mamede, Luís Maranhão, Djalma Maranhão, Newton Navarro, Dorian Gray Caldas. Depois que comecei a escrever em “A Ordem” – fiz entrevista com Zila, com Protásio Melo – fui me tornando conhecido, comecei a frequentar o Grande Ponto. Uma vez encontrei o prefeito Creso Bezerra e lhe pedi um emprego na Prefeitura. Ele prometeu e eu fiquei esperando. Tempos depois, encontrei-o em companhia de Vingt Rosado e lhe perguntei pelo emprego. Então ele me disse: “O emprego está arranjado, mas não será na Prefeitura,

vai ser no Estado e será o governador Sílvio Pedroza quem vai lhe empregar. Você quer conhecer o governador?” Eu disse: “Quero demais”. Então, o Dr. Creso me levou a Sílvio Pedroza, disse que eu era o rapaz mais inteligente que ele conhecia, e queria um emprego para mim em “A República”. O governador me olhou e disse: “Rivaldo Pinheiro está deixando a Asa Press. Está querendo um substituto, porque vai trabalhar no Diário e não vai ter mais tempo para a agência. Vou perguntar a ele se você serve”. Então o governador me indicou e o Dr. Paulo Labrador me nomeou correspondente da agência noticiosa Asa Press, em Natal. A Asa Press enviava notícias para quase todos os jornais da América Latina. Era uma agência poderosa, dirigida com mão de ferro por Paulo Labrador, um jornalista de renome internacional e homem altamente inteligente. Algum tempo depois, o Dr. Sílvio Pedroza me nomeou para “A República”, onde exerci vários cargos e convivi com a nata da inteligência potiguar, de Câmara Cascudo, a Nilo Pereira, Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Antônio Pinto de Medeiros, Veríssimo de Melo, Valdemar de Oliveira, Babuá, pai de Hélio Vasconcelos, e muitos outros.

**Preá** – Como foi a experiência na Asa Press?

**Nilson Patriota** – Foi muito boa. Eu dei muitos furos e a maior “barriga” que um jornalista pode ter dado. Estávamos ainda sob os efeitos da morte de Dix-sept Rosado {governador potiguar morto em acidente aéreo seis meses depois de empossado} e o doutor Sílvio Pedroza {que assumiu no lugar de Dix-sept} viajou de avião para Martins. Por coincidência, ocorreu um acidente com um avião parecido com o dele, um teco-teco, que causou a morte do piloto e do passageiro. A notícia que chegou em Natal foi a de que o governador havia morrido num desastre aéreo. Tão logo soube da notícia, transmiti por telegrama para todos os jornais. A repercussão foi enorme. Terrível. Ora, há menos de dois anos já tinha morrido um governador, também em desastre aéreo. Tão logo foi desfeito o equívoco, recebi um telegrama de Paulo Labrador me demitindo. Eu, então, fui me explicar com o governador. Ele riu muito e disse que iria falar com Labrador para me readmitir. Mas eu não voltei a trabalhar na Asa Press. Fui para A República.

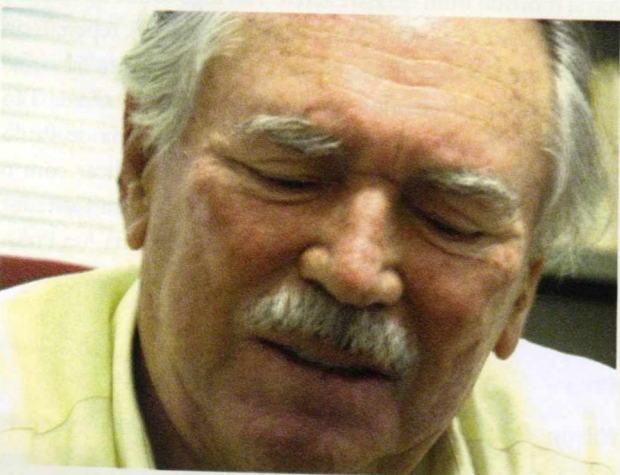
**Preá** – O senhor foi fazer o que em “A República”?

**Nilson Patriota** – Fui trabalhar como redator. Naquela época “A República” publicava os atos do governo e algumas

notícias. Fiquei em “A República” até 54, quando Dinarte Mariz montou a Rádio Nordeste e me convidou para formar uma equipe para a nova emissora. Na Nordeste, comecei escrevendo programas humorísticos e radionovelas, criei um bocado de coisas e pedi a Dinarte para conseguir um estágio na Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, ou na Rádio Tupi, de São Paulo, porque eu desejava conhecer melhor o rádio e ele conseguiu. Passei 60 dias entre Rio e São Paulo e voltei com um bom know-how sobre rádio, o que foi muito útil no meu trabalho na Nordeste.

**Preá** – O senhor viveu então a fase áurea do rádio?

**Nilson Patriota** – Vivi, sim. Ali conheci personalidades como Aldo Medeiros, Aluísio Furtado de Mendonça, Ivan Lima, José Garcia Câmara, Abreu Júnior, Aroldo Miranda, Paulo Câmara, Ivanildo Nunes, Agnaldo Rayol, Selma Rayol, Lourdinha Silva, Francineide Lima e muitas outras. Ali me entrosei com uma das mais importantes personalidades do Estado e que foi meu amigo desde o primeiro instante: Dinarte de Medeiros Mariz, que governou o Rio Grande do Norte e foi senador da República. Na Rádio Nordeste e no jornal “Correio do Povo”, também de Dinarte, exerci, praticamente, todas as funções. O rádio era muito diferente do que é hoje. Exercia o papel que hoje pertence à televisão. A Nordeste tinha sido construída com auditório muito bonito, que depois serviu ao cinema Nordeste. Trabalharam comigo naquele tempo Edmilson Andrade, Fernando Garcia, Gutembergue Marinho, entre dezenas de outros grandes radialistas e locutores. Das oito às vinte horas a Rádio se dedicava a uma programação política e musical. Das 20 até às 22 horas, vinha a programação de auditório, ao vivo, com cantores, músicos e artistas locais. As pessoas pagavam



ingresso para assistir aos shows dos nossos artistas. Às vezes a programação era dedicada à apresentação de artistas famosos vindos do Rio ou de São Paulo. Mas minha principal atividade na Nordeste eram os programas políticos. Eu fazia pelo menos dois. Ao meio-dia, “A Crônica da Tarde”, e às 18 horas “A Crônica Política”. Algumas dessas crônicas eram transcritas em forma de artigo de fundo no “Correio do Povo”, para a tristeza de nossos adversários. O “Correio” era dirigido por Joanilo de Paula Rêgo, e teve entre seus colaboradores figuras do porte de Moacir Duarte, Manoel Avelino, Romildo Gurgel. O forte do Jornal eram os artigos de fundo. O rádio e o jornal me levaram à política.

**Preá** – Pela Rádio Nordeste passaram grandes nomes da MPB. De quais o senhor lembra?

**Nilson Patriota** – Passou muita gente boa. Orlando Silva, Sílvio Caldas, Ângela Maria, Ademilde Fonseca, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, Nora Ney e outros grandes nomes do rádio brasileiro daquela época. No palco da Rádio Nordeste desfilou a famosa Miss Brasil Marta Rocha.

**Preá** – Ao mesmo tempo em que trabalhava na rádio, o senhor convivia com a boemia natalense.

**Nilson Patriota** – É verdade. Eu convivi com a boemia de Natal. Tínhamos na Rádio Nordeste um conjunto formado por um pianista genial chamado Paganini, um baterista chamado Boto e um violonista chamado Gaúcho. Esses três indivíduos eram boêmios inveterados e muito ligados ao rádio. Com eles “peguei o sol com mão” muitas vezes. Lembro uma estorinha engraçada sobre esse trio boêmio. Convidados para um show na abertura do Acácia Bar, conseguiram um contrato para tocar todas as semanas. Pelo contrato, o trio era pago em bebida. Meses depois, desfalcado em seus estoques, o Acácia Bar fechava as portas. Boto, Paganini e Gaúcho haviam consumido todo o estoque de uísque, vinho e cerveja do estabelecimento {risos}. Com Severino Elias, Néco, Lídio do Barbeiro, Pajeú, José Percy, Roldão Pacheco, João Amorim e muitos outros, costumávamos varar as noites natalenses.

**Preá** – Quanto tempo o senhor ficou na Rádio Nordeste?

**Nilson Patriota** – Fiquei dez anos. Da Nordeste enveredei na política, carreira que sempre me atraiu. Lembro que minha primeira participação na política foi na cidade de Portalegre, no ano de 1952, quando para lá fui convidado por Antônio Pinto de Medeiros, que sonhava em ser deputado, para

fazermos a campanha de José de Alencar e Vicente do Rego. Depois de estrear como orador político, dei-me conta de que não me inibia ante a multidão. É verdade que fizeram uma “brejeira” e perdemos a campanha de José de Alencar e Vicente Rego, mas por poucos votos. Vicente, atualmente com 98 anos, relembra com saudade e ironia os fatos daquela época. Às vésperas do Natal passado, telefonei-lhe pedindo que ele se candidatasse de novo, porém ele não aceitou minha sugestão, dizendo que preferia assistir à bagunça política pela televisão. No lançamento do livro “Touros – uma cidade do Brasil”, lá em Touros, convidei o governador Garibaldi Filho, para me prestigiar no lançamento. Ele aceitou o convite e fez um discurso por demais interessante, lembrando aqueles tempos turbulentos que haviam deixado alívio e saudade: “Nilson, você tem muito mais sorte do que eu, porque você encontrou uma maneira de sair da política. Mas foi causador de ansiedade e angústia ao pessoal lá de casa. Naquela época, quando se dizia: está na hora do programa de Nilson Patriota, todos de casa corriam para o rádio”.

**Preá** – Como foi a sua experiência como deputado estadual?

**Nilson Patriota** – Eu não tive sorte na política. Fui um bom deputado, mas não nasci para a política partidária. Uns deixam a política porque querem, outros porque são obrigados a deixar. Foi o meu caso. Eu queria ser político, mas não tive a sorte ou me faltou o necessário pendor para a coisa. Fui candidato pela UDN, numa luta muito acirrada e deixei de me eleger por 17 votos. A sorte foi que o partido fez 16 deputados e assim ficou fácil participar da bancada, porque sempre havia uma vaga de alguém que adoecia e se afastava. Já no final da legislatura, surgiu um novo partido, o MDB, e Dinarte, para evitar que a nova legenda caísse nas mãos de Alufzio, convidou Odilon Ribeiro Coutinho para presidir o partido e pediu a mim, a Carvalho Neto, a Eugênio Neto, a Ney Lopes e a outros mais que nos transferíssemos da UDN para o MDB. Eu reagi, dizendo: “Senador Dinarte, tenho minha eleição assegurada na UDN, como é que vou fazer um negócio desses, que é incerto? Eu tenho o apoio de Chiquinho Germano, de Néco Fagundes, de Miguel Néri e vários outros chefes políticos. Acho que posso ser um dos mais votados na UDN”. Ao que ele respondeu: “Mas no MDB você tem o meu voto”. Eu disse: “Senador Dinarte, o seu voto é bom, eu fico honrado e envaidecido com ele, mas não dá para me eleger”. Ele então me disse que iria repartir os votos de Moacir Duarte e pedir aos seus amigos que votassem em mim. Fiquei desconfiado, mas não poderia deixar de fugir à orientação de

meu líder. Ele estava mandando que eu seguisse um caminho e, por lealdade, eu não poderia transigir. Não me elegi, foi só o que deu. De saída, perdi os votos de Chiquinho Germano e de Néco Fagundes. Também perdi outros apoios. Até mesmo em Nova Cruz, onde o chefe político da UDN era meu sogro Aduino Carvalho, já comprometido com Djalma Marinho a deputado federal. Sendo o voto então vinculado, ele votava em mim ou em Djalma. Como a Djalma eu devia favores, pedi a Aduino que ficasse com ele, já que eu tinha obrigação de acompanhar meu partido votando em Odilon ou em José Rocha. Preferi Rochinha e ambos perdemos a contenda e ficamos a ver navios.

**Preá** – Depois desse insucesso na política, o que o senhor foi fazer?

**Nilson Patriota** – Fiquei desempregado. Eu tinha sido nomeado por Dinarte para o Fisco. Era um emprego muito bom, mas Aluísio Alves o contestou ao assumir o Governo. Eu havia entrado com mandado de segurança, mas naquele momento estava desempregado e nem por sonho concordava em entrar no comércio.

**Preá** – Foi aí que surgiu o convite para o senhor ir trabalhar no jornal “O Liberal”, do Pará?

**Nilson Patriota** – Exatamente. Rômulo Maiorana, meu amigo, soube que eu estava sem emprego e me convidou para fazer parte da equipe do jornal “O Liberal”.

**Preá** – Maiorana era potiguar?

**Nilson Patriota** – Não. Ele nasceu no Recife, mas morou alguns anos aqui. O pai dele, “seu” Maiorana, tinha uma loja ali no Grande Ponto e Rômulo viveu em Natal quando nos tornamos muito amigos. Era um pouco mais velho do que eu. Maiorana era um bon vivant e grande ganhador de dinheiro. Ao chegar ao Pará ele se casou com a sobrinha de um líder político e militar que dominou o Pará durante muitos anos. Lá ele enriqueceu. Quando cheguei no Pará, ele me deu duas opções de trabalho: comércio ou jornal. Eu disse que preferia trabalhar em jornal. Então, ele me empregou com um bom salário como chefe da expedição do “Liberal” e pediu para eu fazer a coluna dele no jornal quando ele não pudesse escrevê-la. Lançamos “O Liberal” em toda a Amazônia. Para isso, eu dispunha de um passaporte para viajar para qualquer parte da Amazônia.

**Preá** – O senhor ficou quantos anos na região Norte?

**Nilson Patriota** – Passei quase dois anos. Retornei para Natal porque minha mulher sofreu um acidente grave. Eu não poderia ficar mais ausente e nem ela poderia ir para lá, pois tínhamos quatro filhos. Mas, quando voltei a Natal, eu trazia dinheiro suficiente para montar a rede de drogarias Globo, com meu irmão como sócio.

**Preá** – Quando o senhor voltou a trabalhar na “República”?

**Nilson Patriota** – Foi no Governo Tarcísio Maia. O Diário de Natal fazia uma oposição cerrada ao governo de Tarcísio por conta da Via Costeira e outras realizações do seu governo. Em vista disso, Tarcísio decidiu fortalecer a “República”. Júlio Rosado sugeriu o meu nome para esse novo empreendimento, Tarcísio me convidou e eu aceitei o convite. Minha primeira preocupação foi modernizar o parque gráfico do jornal para torná-lo competitivo. Implantei um sistema offset e aposentei as linotipos. Quando eu saí da “República” deixei o parque gráfico totalmente renovado e o jornal circulando nas principais cidades do Estado, entre elas Caicó e Mossoró.

**Preá** – Suas primeiras crônicas foram publicadas em “A República”?

**Nilson Patriota** – Sim. Antes, eu tinha publicado apenas contos e ensaios.

**Preá** – Quando o senhor estreou em livro?

**Nilson Patriota** – Estreei em livro tardiamente, com “Vôo de Pássaro”, que reuniu parte das crônicas que eu escrevia diariamente n’A República”. Eu era o que o momento exigia. Depois publiquei “Itajubá esquecido”, para comemorar o centenário do poeta, que ocorreu em 1977.

**Preá** – Esse livro sobre Ferreira Itajubá é polêmico porque afirma que o poeta nasceu em Touros, quando algumas pessoas consideram que ele nasceu em Natal.

**Nilson Patriota** – Eu não criei essa polêmica. Mas tenho absoluta convicção de que Itajubá nasceu no município de Touros, em Morrinhos. A mãe e o pai, toda a família dele era de Morrinhos. O pai dele era pescador. Pescador não podia morar na rua Chile, numa casa de alvenaria. Pescador morava em casa de palha. Meu pai conheceu muito Itajubá, Luís Patriota conheceu demais. Todos nós sabíamos que ele era de Touros.

**Preá** – O senhor foi reeleito, em novembro de 2004, para o seu terceiro mandato à frente do Conselho Estadual de Cultura. Que balanço faz do trabalho à frente da instituição?

**Nilson Patriota** – O Conselho é uma reunião de intelectuais que assessora o Governo em sua política cultural, além de sugerir medidas para a preservação dos bens culturais e históricos do Estado, promover debates sobre idéias e intercâmbio com instituições congêneres, entre muitas outras atividades. Juntamente com a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do RN, temos discutido constantemente a política cultural do Estado, mantendo uma parceria saudável com a Fundação José Augusto, despachando com rapidez os processos de tombamentos que chegam até nós a fim de agilizar a instalação de novas Casas de Cultura e a preservação de imóveis de valor histórico e cultural. A propósito, eu gostaria que o Conselho fosse vinculado à Fundação [é vinculado à Secretaria de Educação]. Porque educação é uma coisa e cultura é outra. A Secretaria de Educação, como seu próprio nome diz, cuida prioritariamente dos problemas relativos à educação. A cultura vem em segundo plano. Essa equação se inverte na Fundação José Augusto, daí a razão do meu pleito.

**Preá** – Além de cronista e biógrafo de Itajubá, o senhor escreveu o romance “Um gosto amargo de fim”, que segue a linha do realismo fantástico. Por que o senhor optou por esse caminho?

**Nilson Patriota** – Em literatura, não optamos por nada. Começamos a escrever e os personagens começam a mandar em nós. Se você escreve ficção, sabe disso. Você não manda em seu personagem, ele é quem manda em você. Então, você pode até querer dar um caminho à sua literatura, ao livro, ao seu personagem, mas ele termina se encaminhando para onde quer. Justino Ambrósio Pereira [personagem de “Um gosto amargo de fim”] é um personagem muito forte. A propósito, esse é um livro que foi muito mal divulgado. Nós não temos no Estado, ainda, meios de divulgação da nossa literatura, como existe no Rio e São Paulo, mesmo tendo uma literatura tão boa quanto a de lá. Não temos é meio de divulgação, marketing, essas coisas. Como é que eu vou divulgar um livro meu, se as próprias livrarias da cidade colocam o meu livro na prateleira de baixo? Somos tratados como subliteratos. A livraria que fica no aeroporto Augusto Severo, por exemplo, não tem um livro sequer de autor norte-rio-grandense. A nossa Constituição manda que os autores locais sejam estudados no ensino fundamental. Assim, acredito que um dia serão tomadas as providências para reparar esse problema. Através

do Conselho de Cultural, estou tentando levar adiante um projeto, chamado “Estandarte”, que estou certo que será magnífico quando estiver implantado. O projeto, criado por Henrique Wanderley, que é uma espécie de fábrica de idéias, poderá ser financiado por alguma lei de cultura. Com isso, o autor local irá ter mais espaço para divulgar sua obra, seja em livraria ou farmácia, supermercado ou shopping, bancas de revista etc.

**Preá** – O senhor começou a ler muito cedo. Que livros considera fundamentais para sua formação?

**Nilson Patriota** – Dos escritores de língua portuguesa, considero fundamentais os livros “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, “Espumas Flutuantes”, de Castro Alves, “Os Sermões”, do padre Antônio Vieira, “Os Maias” e “A Cidade e as Serras”, de Eça de Queiroz, além da poesia de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Avelino, Luís Carlos Guimarães, Nei Leandro e Zila Mamede. Li também os grandes livros do ocidente e do oriente, como “A Ilíada” e “A Odisséia” de Homero, o teatro grego, o “Dom Quixote” de Cervantes, o teatro de Shakespeare, a poesia de Camões e Bocage, etc.

**Preá** – Dos livros que escreveu, qual o seu preferido?

**Nilson Patriota** – Um livro é um filho. E, como pai, não tenho predileção por nenhum filho. Eu quero bem a todos. Todos os meus filhos só têm qualidades.



**Preá** – O senhor usa a sua infância, em Touros, como fonte para os livros que escreveu até agora.

**Nilson Patriota** – É verdade. Minhas fontes estão todas na infância. Todo o fundamento dessas histórias que eu conto em “Uma canção ao entardecer” está em Touros.

**Preá** – Além de Garcia Márquez, como fica patente em “Um gosto amargo de fim”, que outras influências literárias o senhor admite?

**Nilson Patriota** – Stendhal foi um autor que deixou sua marca em mim. Alguns autores russos, como Dostoiévski, o norte-americano Ray Bradbury, o francês André Gide. Dos autores modernos, o que mais me influenciou foi Jorge Luís Borges. Atualmente, os autores que mais me interessam são os latino-americanos depois que conheci Leopoldo Lugones, André Rivera, Adolfo Bioy Casares, Vargas Llosa, Vicente Huidobro, Ruben Darío e Pablo Neruda.

**Preá** – Em termos editoriais quais são os seus planos para o futuro?

**Nilson Patriota** – Tenho vários ensaios prontos, que poderão ser publicados a partir deste ano. Eles tratam de assuntos como os contos de “As mil e uma noites”, a rota da seda e a literatura latino-americana. Tenho em mente também a publicação de um livro de poemas que escrevi ao longo da vida e ainda penso em escrever minhas memórias.

**Preá** – Como primeiro-secretário da Academia Norte-rio-grandense de Letras, o senhor não acha que os critérios para ingresso na instituição deveriam ser mais literários?



**Nilson Patriota** – O critério que pesa mais é o critério literário. Temos aqui raros casos de pessoas que ingressaram na Academia sem ter uma obra tipicamente literária. Em compensação, elas apresentam outros méritos. Por exemplo: Sílvio Pedroza. Um homem como Sílvio Pedroza poderia deixar de fazer parte da nossa Academia? Ele foi um mecenas, um incentivador das nossas letras, estimulando Cascudo a escrever a história política do Rio Grande do Norte, a História da Cidade do Natal, etc. Ele repete Alberto Maranhão que no início do século XX criou as bases para o desenvolvimento cultural e artístico do Rio Grande do Norte.

**Preá** – Fora Cascudo, quais são os grandes nomes das nossas letras?

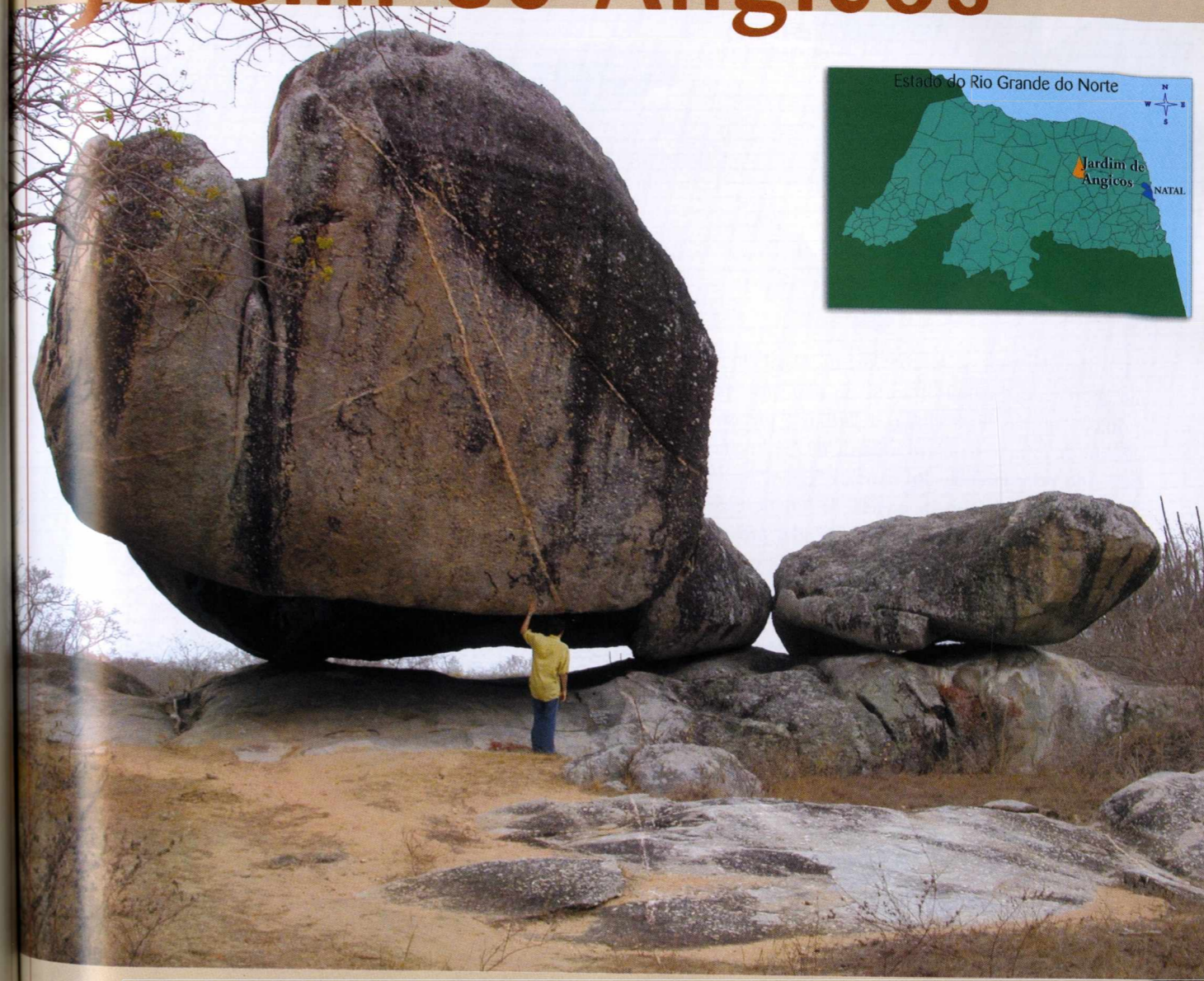
**Nilson Patriota** – Américo de Oliveira Costa. Um grande escritor! Sanderson Negreiros, Paulo de Tarso Correia de Melo, Diógenes da Cunha Lima, Otto de Brito Guerra, François Silvestre, Manoel Onofre Jr., Vicente Serejo, Veríssimo de Melo, Dorian Gray, Vingt-Un Rosado, Nilson Patriota, Dorian Jorge Freire, e muitos outros. A propósito, as letras potiguaras perderam recentemente a verve, o talento e a grandeza humana de Celso da Silveira, um açuense que fez jus à tradição literária do Açu. Seu nome, portanto, ficará.

**Preá** – O senhor está satisfeito com o que a literatura lhe proporcionou?

**Nilson Patriota** – Estou satisfeito na medida em que percebo que minha obra vem obtendo uma boa repercussão, com o tempo, e chegando a mais leitores. Mas não estou plenamente satisfeito com o que escrevi até aqui. Pretendo publicar novos livros, abordar novos assuntos, discutir novos temas, falar mais da minha aldeia. 🇺🇦



# Jardim de Angicos



*A terra da primeira prefeita da América Latina*



## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Jardim de Angicos, a 105 km de Natal, luta para sair do anonimato. Facilitar o acesso ao município parece ser a primeira missão. Para chegar a Jardim é preciso enfrentar 15 km de estrada de barro a partir de Cachoeira do Sapo, passando pelas fazendas Primavera e Várzea Alegre. A terra de Alzira Soriano, primeira prefeita da América Latina, ainda guarda resquícios do passado das fazendas prósperas graças ao suor escravo. As manifestações folclóricas, registradas pelos antigos habitantes em anotações, sumiram ao longo do tempo, mas há a intenção de resgatar o Boi de Reis de Antônio Benedito e incentivar o João Redondo de Antônio Bento.

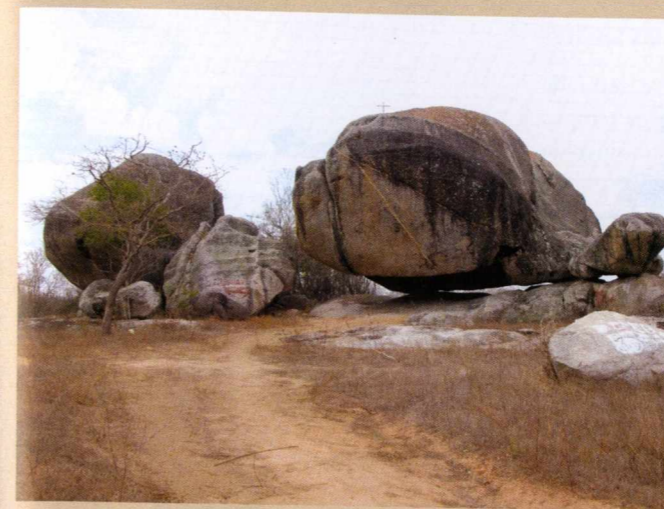
Jardim, como era conhecido o povoado que deu origem ao município no início do século XIX, tem gente aguerrida. O pesquisador João Evangelista, o Vanjo, prepara um livro sobre a história do município. Ivonilde Soriano, filha de Alzira, continua incentivando os mais jovens a lutar pela cultura. O artesão Carlito Santana faz planos de incluir Jardim na rota do turismo interiorano. E, vários outros jardinenses também abraçam a causa de ver sua terra natal crescer através da cultura e do turismo.

O antigo povoado cresceu às margens do rio Ceará-Mirim. O rio que dá ao homem do campo o seu sustento também foi responsável pelo desmoronamento de quase toda a antiga vila no ano de 1894. A enchente do rio destruiu até a antiga igreja de São João Batista. A Vila de Jardim, reconstruída em local mais elevado, voltou a prosperar com a construção do açude e o crescimento da pecuária. Em 1962, Jardim de Angicos livra-se do domínio político de Lajes e passa a ser município.

As vastas terras desabitadas de Jardim de Angicos guardam muitas formações rochosas de formas inusitadas. A Casa das Três Pedras, na comunidade do Logradouro, a Casa de Pedra do Cardoso e a Pedra da Vela são alguns dos pontos de interesse a serem explorados pelos visitantes. O Serrote Agudo tem uma caverna e inscrições rupestres. Do alto do serrote, pode-se avistar os municípios de João Câmara e Jandaíra.



*As crianças de Jardim de Angicos curtem a infância brincando pelas ruas, um costume já perdido nas capitais. O fojo ou caçuá, utilizado para pegar tejus e preás, ainda faz a alegria dos meninos.*



## Casa de Pedra recebe pagadores de promessa

As Algarobas de cor verde escura contrastam com a paisagem árida de Jardim de Angicos. Resistentes ao período de estiagem, as árvores fazem companhia aos mandacarus, faxeiros e xique-xiques. As formações rochosas também estão espalhadas por toda parte. Algumas pedras, de tão escondidas no meio da vegetação seca, só podem ser encontradas por quem está acostumado a andar naquelas terras.

O Serrote Agudo, a 15 km de Jardim, tem difícil acesso. Para chegar ao local, é preciso caminhar 1,5 km entre marmeleiros, angicos e aroeiras, árvores que crescem no solo pedregoso do lugar. Quem conhece garante que a caminhada vale a pena. A Pedra da Forja, na divisa de Jardim de Angicos com o município de Pedra Preta, é um dos locais com presença de inscrições rupestres.



A arte rupestre também pode ser vista na Pedra da Vela, formação rochosa que lembra a vela de uma embarcação. O local, no sítio São José do Seridó, não chega a receber tantos visitantes quanto a Casa de Pedra do Cardoso. A chamada casa de pedra, uma rocha de quase 15 metros sobreposta à outra formando um pequeno abrigo, fica às margens da estrada de barro, a 10 km do município, no distrito conhecido como Jardim Cardoso. O lugar é visitado por pagadores de promessa e até uma pequena estátua de padre Cícero foi colocada sob a pedra.

O pesquisador João Evangelista, conhecido como Vanjo pelos conterrâneos, pretende organizar trilhas para os interessados visitarem os serrotes. “A água a natureza oferece gratuitamente nos diversos tanques encravados nas fendas das rochas”, comenta Vanjo. “Os estrangeiros iriam gostar de montar num lombo de jumento e sair conhecendo estes lugares”.



## O pioneirismo e a coragem de Alzira Soriano



O Rio Grande do Norte é terra de mulheres guerreiras. Desde os tempos de Clara Camarão, índia considerada uma heroína na luta para expulsão dos holandeses do Nordeste no século XVII. A escritora Nísia Floresta, primeira mulher potiguar a publicar livros na Europa, é outro exemplo da garra feminina pelo reconhecimento de seus direitos. Na política, fica ainda mais evidente o pioneirismo das mulheres potiguares. Luiza Alzira Soriano Teixeira, natural de Jardim de Angicos, pôs abaixo a discriminação ao ser eleita a primeira prefeita da América Latina em 1928. A tradição de mulheres batalhadoras é mantida por Wilma de Faria, primeira governadora do Rio Grande do Norte e única mulher até hoje a ser prefeita da capital do estado.

Nascida em 29 de abril de 1897, Luiza Alzira Teixeira de Vasconcelos (nome de solteira) nunca aceitou ser subserviente. Casou aos 17 anos e, cinco anos mais tarde, sofreu com a morte prematura do marido Thomaz Soriano de Souza Filho, antigo promotor da comarca de Ceará-Mirim. “Ele foi vítima da chamada gripe espanhola, que matou muita gente naquele tempo”, recorda Ivonilde Soriano de Souza, 85 anos, filha de Alzira e Thomaz.

A independência de Alzira, responsável em criar sozinha as três filhas, não era vista com bons olhos pelos homens da época. Nem mesmo seu pai, o fazendeiro Miguel Teixeira de Vasconcelos, antigo proprietário da Fazenda Primavera, conseguia controlar o ímpeto da filha em querer estar à frente do seu tempo. “Minha mãe costurava e fazia chapéus para sustentar a família”.

O envolvimento com a política parece ter sido uma resposta aos antigos coronéis que duvidavam de sua capacidade de abraçar a causa do feminismo. Aos 32 anos, disputou as eleições para prefeito de Lajes, pelo Partido Republicano. Naquele ano de 1928, imaginar uma mulher assumindo um cargo na administração pública era motivo de piadas. Os defensores da candidatura de Sérvulo Pires Neto Galvão, candidato derrotado por Alzira, até que tentaram desqualificar a futura prefeita com boatos e chacotas.

A filha lembra do episódio mais marcante após a campanha vitoriosa. Ivonilde, então com 10 anos, acompanhava Alzira em uma caminhada pelas ruas de Lajes. Miguel Moreira da Silveira, político na região e opositor da prefeita, esperava a passagem de Alzira numa rua movimentada cantando versos irônicos. “Cantava para o povo dizendo que o tempo de viola já tinha acabado, querendo dizer substituição”.



Ao ouvir a cantoria, Alzira teria dito que “tempo de viola tinha acabado, mas braço de mulher não”. Segundo Ivonilde, a mãe “deu uns bofetes em Miguel chegando a quebrar os óculos do adversário”. O caso está registrado na biografia de Alzira Soriano, escrita pela jornalista Heloisa Galvão de Souza. A jornalista potiguar também publicou uma ampla matéria sobre Alzira Soriano no “The Brazilian Monthly”, informativo em inglês que circula em Boston, nos Estados Unidos.

O curto mandato de Alzira Soriano, deposta pela Revolução de 1930, ficou marcado pelo compromisso, assumido no dia da posse, de não utilizar o cargo em benefício de nenhuma minoria. O discurso proferido por Alzira, publicado no jornal A República em 4 de abril de 1929, deveria servir até hoje de lição para os ocupantes de cargos públicos. “Não me prevalecerei do cargo para fazer favores a amigos, e ainda menos para negar justiça aos adversários. Não abusarei dele para obter proventos, seja qual for a natureza destes”.

Em 1947, dois anos depois de Getúlio Vargas ter devolvido o direito do voto às mulheres, Alzira é eleita vereadora de Jardim de Angicos, cargo que viria a ocupar outras duas vezes pela União Democrática Nacionalista - UDN. Alzira Soriano faleceu em 1963.

## “Ela era alegre, onde estava dava vida”

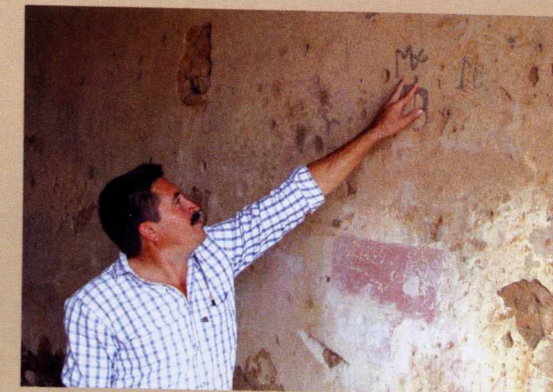


Ivonilde Soriano guarda muitas lembranças da mãe. Depois de ser prefeita, Alzira foi morar em Natal para educar as filhas em boas escolas. Sônia e Ismênia, as mais velhas, foram estudar na tradicional Escola Doméstica. “Eu estudei na Escola Técnica de Comércio, morávamos na Floriano Peixoto, próximo a Praça Cívica. Naquele tempo, ela continuava costurando para nos sustentar”.

Alzira chegou a vender algumas cabeças de gado do pai para realizar o sonho de ter uma casa na beira mar. A praia escolhida, Pirangi do Sul, a 30 km de Natal, era naqueles anos 30 uma localidade de difícil acesso e deserta. “Era uma viagem longa, tínhamos que pegar uma balsa para atravessar o rio Pirangi”, recorda.

As noites de lua cheia inspiravam Alzira a tocar violão na beira mar. “Íamos para a beira da praia e cantávamos. Era ela alegre, onde estava dava vida”. Ivonilde parece ter herdado da mãe a alegria de viver. Aos 85 anos, saudável e disposta, cuida do jardim na antiga casa da mãe e faz planos de transformar o espaço em museu.

A casa de Alzira Soriano, prédio tombado em 2001, já recebe visitas como se fosse um museu, mas falta organizar melhor os antigos pertences da prefeita pioneira. “Não vejo problema em transformar esta casa num memorial dela para a cidade”, conta a filha, enquanto passeia pelo bem cuidado jardim cheio de flores e pés de acerola, tamarindo, maracujá, pinha e seriguela. “Estou sempre cuidando das minhas plantinhas. Este negócio de crochê, de estar sentada, eu num gosto não”.



## Vanjo escreve história do município

João Evangelista Romão, o Vanjo, 38 anos, dedica seu tempo livre a pesquisar a história de Jardim de Angicos. O esforço tem sido recompensado. Depois de muitas horas vasculhando o arquivo público do estado e buscando informações no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o pesquisador já tem pronto “Além dos Jardins”, livro a ser publicado contando a história do município e descrevendo figuras marcantes do passado de Jardim de Angicos.

Vanjo resgata alguns nomes de conterrâneos que deixaram Jardim de Angicos para seguir carreira em centros maiores. O empreendedor Joaquim Câmara Filho, nascido em 1899 na antiga Baixa Verde, hoje município de João Câmara, é lembrado por Vanjo. “Joaquim Câmara Filho saiu daqui, formou-se em engenharia, fundou o jornal O Popular, a TV Anhaguera, enfim, construiu bom patrimônio em Goiás”.

O Monsenhor João da Mata, governador do estado na década de 30, também teve seu passado resgatado pela pesquisa. O pesquisador colheu informações também sobre o capitão Manoel Vicente de Paiva Rocha, doador das terras que hoje constituem Jardim de Angicos e requerente ao bispo de Olinda da construção da igreja em 1873. “Conto a história desde 1706, quando chegaram os primeiros desbravadores destas terras”.

“Além dos Jardins” conta ainda a história das antigas fazendas, mostrando a quem pertenceu as terras e registrando em quais havia trabalho escravo. “Sabemos que na fazenda Conceição, fundada no início do século XIX, tinha uma bolandeira de descarregar algodão movida por escravos e, posteriormente, por boi”.



Casa grande da Fazenda Conceição

O pesquisador, um apaixonado pelas coisas da terra, acredita que na fazenda Conceição foi encontrada uma botija com moedas e um colar. “Dizem que estava enterrada neste lugar”, diz, apontando para um canto da parede do salão, no qual funcionava a máquina de beneficiamento de algodão. No mesmo local, podem ser vistos desenhos nas paredes que teriam sido feitos por escravos.



### Artesão preserva tradições indígenas

Algumas das tradições dos índios da aldeia Tramataia, no município de Marcação (PB), entre a Baía da Traição e Rio Tinto, estão presentes em Jardim de Angicos graças ao artesão Carlito Santana de Lima, 42 anos, filho do casal indígena Severino Bernardino e Maria Joaquina. A esposa Maria da Conceição de Lima é natural de Jardim de Angicos e convenceu Carlito a fixar residência por lá.

Os pais de Carlito nasceram na aldeia, conhecida pela destreza dos índios na confecção de canoas e habilidade para a pesca. O casal, em busca de melhores oportunidades de emprego,

passou a viver em Goianinha, terra natal de Carlito. Observando a desenvoltura da mãe, hábil na feitura de panelas de barro e artesanato rústico, aprendeu a transformar barro, corda, pedra e coco em peças utilitárias.

Carlito ainda mantém contato com os índios da aldeia, visitada por ele pela última vez em 1988. “O cacique Caboclinho é meu tio”. O artesão aprendeu também com a mãe a preparar comidas típicas indígenas. O suco de capim santo com hortelã e limão é uma das suas bebidas favoritas. “Quem prova, gosta”.

O xibeu, uma mistura de caldo de cana com farinha de castanha ou de milho; a calambica, jerimum ou batata doce mexido com leite de coco; e a timbança, suco de caju com farinha de castanha, também são preparados por Carlito. “O caju é espremido com a mão, outra coisa boa é a papa de mandioca”.

Carlito aceitou o convite para assumir a secretaria de turismo de Jardim de Angicos. O artesão planeja treinar os estudantes do município para servirem de guias de turismo. “A turma jovem que está ociosa pode servir de guia. Jardim de Angicos pode sair do anonimato mostrando as casas de pedra e o artesanato feito aqui”.



### Grupo teatral precisa de apoio

O grupo teatral União e Vida, fundado por cinco alunos da escola estadual Coronel Miguel Teixeira e pela professora Maria das Graças de Souza, em 2001, planeja retomar suas atividades folclóricas. O Boi de Reis organizado pelo grupo, tradição no município em décadas passadas, se apresentou pela última vez no início de 2004. As peças teatrais não foram suspensas, mas os vinte componentes precisam de mais incentivo para a aquisição de adereços e indumentárias.

“A vida de São João Batista”, “A chegada de lampião no inferno” e “A família na escola”, peças apresentadas pelos estudantes recentemente,

mostram a preocupação do grupo em transmitir um texto educativo e baseado em assuntos de interesse da comunidade.

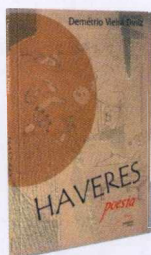
A professora Maria das Graças, filha de Antônio Benedito, comandante do Boi de Reis mais antigo de Jardim de Angicos, pretende resgatar a manifestação folclórica através do União e Vida. “Meu pai nunca deixou de ter um boi em casa”. O pastoril também deve voltar a ser ensaiado. ■



### Sob o peso das sombras

**Autor:** Francisco J. C. Dantas  
**Editora:** Planeta

Um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos, o sergipano Francisco J. C. Dantas conta neste seu quarto romance a história atribulada de Justino Vieira, secretário de uma Escola de Mitologia em pleno sertão, tendo como pano de fundo as misérias cotidianas brasileiras. Detentor do Prêmio Internacional da União Latina de Literaturas Românicas, Dantas é autor dos romances “Coivara da Memória”, “Os Desvalidos” e “Cartilha do Silêncio” e do ensaio “A mulher no romance de Eça de Queiróz”.



### Haveres

**Autor:** Demétrio Vieira Diniz  
**Editora:** Barriguda Edições

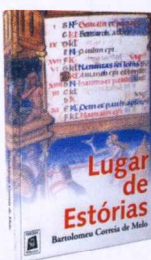
Terceiro livro do consagrado poeta Demétrio Vieira Diniz, “Haveres” reúne 33 poemas inéditos, divididos em duas partes: “Poemas da Lembrança” e “Poemas do Cotidiano”. Com prefácio de R. Leontino Filho e apêndice de Márcio Dantas, ambos poetas, “Haveres” retoma em alguns poemas uma dicção já presente nos dois livros anteriores, ao mesmo tempo que mostra o poeta apostando em novas veredas poéticas. “Demétrio Diniz é um poeta total, autor de uma obra fincada no humano”, diz Leontino no prefácio.



### Memórias de um velho pároco

**Autor:** Geraldo Batista  
**Editora:** Lidador

Com orelha do romancista Nei Leandro de Castro e prefácio do poeta Diógenes da Cunha Lima, o romance “Memórias de um velho pároco” relata as memórias do padre Zenóbio Jacobs, que se mudou para o Brasil, vindo da Holanda, logo após a Segunda Guerra Mundial. A cidade onde o personagem foi viver recebeu o nome de Cajiru, em pleno Seridó. A narrativa transporta o leitor para o universo sertanejo, descrevendo tradições e costumes, flora e fauna, enfatizando a essência da gente simples do sertão nordestino.



### Lugar de estórias

**Autor:** Bartolomeu Correia de Melo  
**Editora:** Bagaço

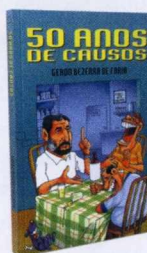
Considerado pelo escritor e crítico Manoel Onfre Jr. “maior revelação do conto potiguar nas últimas três décadas”, saudado pelo crítico Hildeberto Barbosa Filho, Bartolomeu Correia de Melo reuniu nesta terceira edição de “Lugar de estórias” os 15 contos publicados na primeira edição de “Lugar de estórias” e os 5 de “Estórias quase cruas”, todos retrabalhados e revisados. A primeira edição de “Lugar de estórias” ganhou o Prêmio Joaquim Cardoso (1997) da União Brasileira de Escritores.



### Saartão

**Autor:** Adriano de Sousa  
**Editora:** Planeta

Com este terceiro livro (os outros foram “Flô”, de 1998, e “O alvissareiro”, de 2001), Adriano de Sousa se consolidou como uma das mais importantes vozes poéticas do Rio Grande do Norte. “Saartão” reúne 48 poemas, divididos em quatro partes: Biblion, Kynema, Metalurgia e Matolão. Alguns dos poemas de “Saartão” já são conhecidos dos leitores da Preá. Foram publicados na primeira edição da revista.



### 50 anos de causos

**Autor:** Gerdo Bezerra de Faria  
**Editora:** Planeta

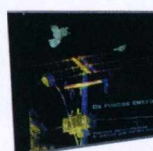
Lançado com apoio da Fundação José Augusto, “50 anos de causos” reúne 50 causos, rurais e urbanos, de Gerdo Bezerra de Faria. O livro tem orelha do poeta e trovador Bob Mota e prefácio do jornalista Aluisio Lacerda. O trabalho de Gerdo traduz a língua falada do povo, maravilhosamente narrada pelo autor, um atento observador das coisas e dos ricos personagens do sertão.



### Loa de pedra

**Autor:** Théó G. Alves  
**Editora:** Planeta

Uma das mais novas e promissoras vozes da poesia potiguar, Théó G. Alves é natural de Currais Novos-RN, onde reside e atua no movimento literário da cidade. Quem apresenta o novo poeta é professor Wilson Azevedo, que assinala: “Como todos os grandes poetas Théó é um grande leitor de poesia: leu de T. S. Eliot a João Cabral de Melo Neto, de Jorge Luís Borges a Manoel de Barros... Loa de Pedra - como poesia filha da poesia que é - é antes de mais nada, aquilo que a crítica chama de metalinguagem, especialmente naqueles poemas que podem ser ditos metapoemas”.



### Os poetas elétricos

**Poemas eletrificados e outros que foram embora**

**Selo:** Mudernage Diskos

O CD “Poemas eletrificados e outros que foram embora”, dos poetas elétricos Carito (poemas, vozes principais, composições, direção artística) e Edu Gómez (guitarras, violões, teclados, baixos, direção musical e arranjos), parceiros na banda Modus Vivendi, junta poesia e música. As influências da dupla se concentram, principalmente, no universo do rock, mas nas 18 faixas do CD assumem que se deixaram levar por algumas sonoridades e atmosferas particulares, que vão de Bjork e Lou Reed a Itamar Assunção e Paulo Leminski.

**Manoel Fernandes**

(Volonté)

**Romancista:** Mario Vargas Llosa (“A guerra do fim do mundo”)

**Poeta:** Antônio Carlos de Brito (“Eu não quero prosa”)

**Livro:** Nove ensaios dantescos (Jorge Luís Borges)

**Filme:** A primeira noite da tranqüilidade (Valério Zurline)

**Diretor/Cinema:** Bernardo Bertolucci (“O conformista”)

**Ator/Atriz:** Marlon Brando (“O último tango em Paris”), Catherine Deneuve (“La belle de jour”)

**Cantor/Cantora:** João Gilberto/Marisa Monte

**Música:** Bye bye Brasil (Roberto Menescal/Chico Buarque)

**Compositor:** Noel Rosa

**Peça teatral:** Computa computador computa (Millor Fernandes)

**Intelectual do RN:** Sanderson Negreiros

**Personalidade cultural do RN:** João Maria Monte

# PS.

▶▶▶▶ A edição de uma revista é um trabalho de equipe, composta muitas vezes por nomes que transcendem aqueles alinhados no expediente. No caso da Preá, transcende em muito. A cada edição mobilizamos pessoas, empresas e organismos para fazer a revista. É a livraria, que empresta o livro para que usemos uma ilustração; a instituição, empresa e o colecionador, que colocam à disposição seu acervo; o leitor, que dá sugestões e tira dúvidas. Vou dar um exemplo dessa corrente. Para esta edição, tínhamos pensado em homenagear os 400 anos do livro D. Quixote. Mas não tínhamos nada em mãos. Navegando no Observatório da Imprensa dei de cara com um texto do jornalista Alberto Dines sobre o livro. Entrei em contato com o site, que me autorizou sua publicação. Eu tinha conhecimento dos desenhos de Portinari sobre o Quixote e que a Petrobrás editou um livro com as obras completas dele. Entrei em contato com a Petrobrás local, que colocou o livro à disposição da revista. Fui lá, peguei-o emprestado, escaneamos os desenhos e o devolvemos. Gustavo Porpino lembrou que na casa do pai, Geraldo Batista, tinha um Quixote de Newton Navarro, que usamos na capa. Dias depois, uma nota na coluna do jornalista Vicente Serejo dava conta de um prefácio escrito por Câmara Cascudo para uma edição do D. Quixote, da José Olympio. Eu não tinha conhecimento desse texto. Falei com Serejo. Ele me revelou também que

esse prefácio tinha sido suprimido das edições seguintes. Contatei com Daliana Cascudo, para saber se o Memorial Câmara Cascudo tinha essa edição e se havia possibilidade de tirar uma xerox do prefácio e mandar para nós. Com o prefácio em mãos, veio o dilema: publicá-lo na íntegra (17 páginas) ou apenas parte dele. Se juntássemos as 17 páginas, mais os trabalhos de Portinari, na certa ocuparíamos de 15 a 20 páginas da revista, o que seria inviável. Li e reli o prefácio e decidi publicar apenas duas partes dele, o que ficou fácil porque eles podem ser lidos como textos autônomos. Mas, para não decepcionar os leitores que desejariam ler o prefácio na íntegra, nós o colocamos na Internet, no site da Fundação José Augusto ([www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)). Os leitores que não tiverem como acessar a Internet, podem procurar a redação da Preá, na FJA, que imprimimos e distribuímos o texto. Acreditamos que com isso, atendemos a gregos, troianos e cascudófilos.

▶▶▶▶ A cidade está com três excelentes exposições coletivas de artes plásticas. Duas na Fundação José Augusto, na Galeria de Arte Newton Navarro e no Espaço Cultural Odilon Ribeiro Coutinho, que reúne o melhor das nossas artes plásticas, e presta homenagem a Dorian Gray Caldas e Newton Navarro, reunindo também belas obras dos dois artistas; e a coletiva “Brasil-Alemanha”, com obras de artistas plásticos nordestinos e alemães, no Centro de Convivência Djalma Marinho, na UFRN.

▶▶▶▶ Será lançado no dia 29 de março o livro “Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – História e Acervo”, dos escritores Caio Flávio Fernandes de Oliveira e Maria Arisnete Câmara de Moraes. A obra tem prefácio de Jurandyr Navarro e orelha de Olavo de Medeiros Filho. Consumiu sete meses de pesquisas exaustivas e desde já é séria

candidata a uma das mais importantes do ano.

▶▶▶▶ Filmes a que assistimos e recomendamos, a maioria disponível em DVD: Má Educação, Na Captura dos Friedmans, Lugares-Comuns, Benjamim, Edifício Master, Elefante, Uma Vida em Segredo, Anti-herói Americano, Osama, O Retorno, Moça com Brinco de Pérola. Um que deixou a desejar: “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembrança”. Mas é bom vocês conferirem porque quanto a gosto, nem mesmo os críticos se entendem. Um exemplo recente: Enquanto o crítico do site Cinemascope deu quatro estrelas (excelente) ao filme “O Retorno”, Ruy Gardner, do site Contracampo, considerou o filme muito ruim. Então, é cada um assistir e tirar suas próprias conclusões.

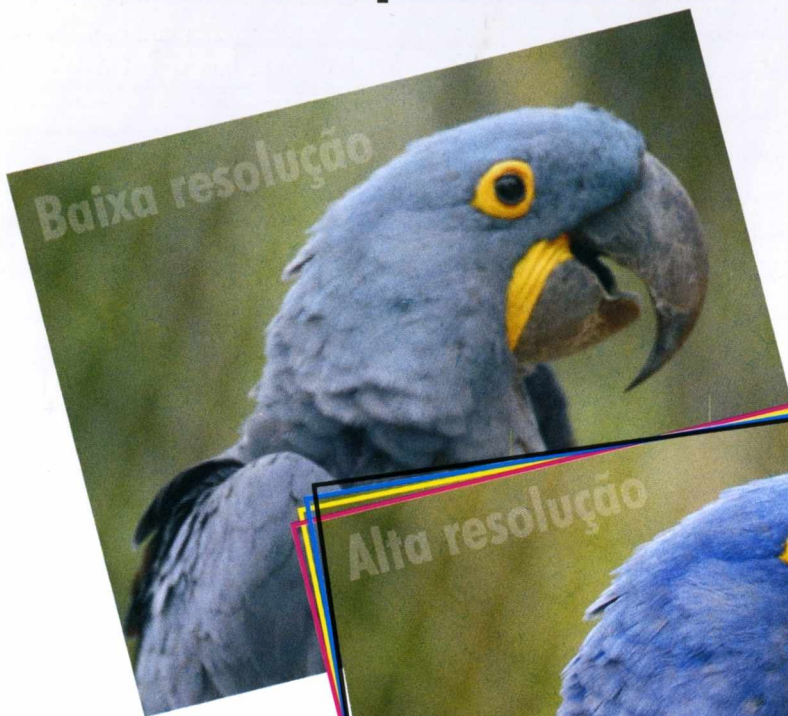
▶▶▶▶ Nos meios literários, ela é mais conhecida como poeta, mas a jornalista Josimey Costa, que está de volta a Natal, depois do doutorado em São Paulo, vem arrancando elogios também por seus contos, que têm saído em alguns veículos de comunicação do país. Uma mostra do vigor e elegância estilística da escritora, pode ser sentida no conto “Sete violetas mortas”, publicado nesta edição.

▶▶▶▶ O Projeto Seis e Meia, o mais importante da área musical do Rio Grande do Norte, retorna ao Teatro Alberto Maranhão no dia 29 de março. Mantendo a forma que o consagrou, com um artista da terra e um nacional.

▶▶▶▶ Um início de ano muito ruim para a poesia potiguar é triste para todos nós, com as perdas dos poetas Celso da Silveira (também editor) e Miguel Cirilo, dois nomes emblemáticos da cena cultural norte-rio-grandense.

*Tacito Costa*

# As imagens dizem tudo. Nós não precisamos falar nada.



**Profissionais capacitados  
e equipamentos de última  
geração é o que difere a  
Gráfica Moura Ramos das concorrência.**



Gráfica de Banda Larga

João Pessoa/PB: (83) 221 6587  
Natal/RN: (84) 202 3851  
Recife/PE: (81) 3242 5117  
Maceió/AL: (82) 337 5290

[grafica.pb@mouraramos.com.br](mailto:grafica.pb@mouraramos.com.br)  
[grafica.rn@mouraramos.com.br](mailto:grafica.rn@mouraramos.com.br)  
[grafica.pe@mouraramos.com.br](mailto:grafica.pe@mouraramos.com.br)  
[grafica.al@mouraramos.com.br](mailto:grafica.al@mouraramos.com.br)





## O GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE, ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO, TEM UMA POLÍTICA CLARA DE INVESTIMENTO NA CULTURA. E TEM BONS RESULTADOS PARA MOSTRAR.

· Em menos de dois anos de Governo já foram instaladas onze Casas de Cultura Popular em várias regiões do Estado

· Edição bimestral da revista Preá, o mais completo veículo de cultura da história do Rio Grande do Norte

· Restauração e adequação do Palácio Potengi da Cultura, para abrigar a Pinacoteca do Estado

· Edição dos livros “20 Poetas Novos”, “História do Teatro Alberto Maranhão”, “História da Fundação José Augusto”, e coedição em várias publicações, como o “Dicionário Crítico Câmara Cascudo”

· Realização do Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, premiando os poetas em dinheiro e com a publicação de um livro

· Democratização e interiorização das ações da FJA, com a máxima participação possível dos artistas; Criação do site da Fundação José Augusto ([www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br))

· Estímulo a eventos culturais no Estado e fora dele, como apresentações da EDTAM, do “Presente de Natal” e de artistas e grupos artísticos

· Restauração da passarela do Forte dos Reis Magos, do Memorial Câmara Cascudo e do Centro Experimental de Teatro

· O Teatro Alberto Maranhão, no ano do seu centenário, passou por sua mais completa restauração dos últimos 60 anos

· Restauração do teatro de Caicó e do Museu Capitão Anta, em Pedro Avelino

· Ampliação das apresentações do espetáculo “Um Presente de Natal”; Excursão da Orquestra Sinfônica, pela primeira vez, ao interior do Estado; Criação do projeto “Ribeira das Artes”

· Recuperação do prédio da Fundação José Augusto, com a criação de novas galerias, espaços culturais e auditório; Restauração e revitalização da Cidade da Criança